

FUNDED BY:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

Net Children Go Mobile

Crianças e Meios Digitais Móveis
em Portugal:
Resultados Nacionais do Projeto
Net Children Go Mobile

José Alberto Simões, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira,
Juliana Doretto & Celiana Azevedo



Resultados
nacionais

Novembro 2014



Net Children
Go Mobile



www.netchildrengomobile.eu

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR



Net Children Go Mobile

Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile

**José Alberto Simões, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira, Juliana Doretto &
Celiana Azevedo**

Resultados nacionais do projeto Net Children Go Mobile contaram com o apoio financeiro
da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CESNOVA – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa

Lisboa, Novembro, 2014

ISBN: 978-989-97344-4-9

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO	1
1. INTRODUÇÃO	5
1.1 CONTEXTO	5
1.2 DADOS E METODOLOGIA	6
2. ACESSO E USO	7
2.1 LOCAIS DE ACESSO À INTERNET PELAS CRIANÇAS E JOVENS	7
2.2 MEIOS USADOS PARA IR À INTERNET	8
2.3 IDADE DO PRIMEIRO ACESSO	11
2.4 PAÍS: USO DA INTERNET, DE SMARTPHONES E DE TABLETS	12
3. ATIVIDADES NA INTERNET	13
3.1 TIPOS DE ATIVIDADES NA INTERNET	13
3.2 UTILIZADORES DE SMARTPHONES E DE TABLETS	14
3.3 CONTEÚDOS POSITIVOS	15
4. PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO	17
4.1 REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DE PARTILHA	17
4.2 NATUREZA DOS CONTACTOS NAS REDES	18
4.3 DEFINIÇÕES DE PRIVACIDADE DAS REDES SOCIAIS	19
4.4 PERSPETIVAS DAS CRIANÇAS E JOVENS SOBRE A COMUNICAÇÃO NA REDE	21
5. COMPETÊNCIAS	22
5.1 AUTOCONFIANÇA	22
5.2 COMPETÊNCIAS E CAPACIDADES RELACIONADAS COM O USO DA INTERNET	23
5.3 NÚMERO MÉDIO DE COMPETÊNCIAS	25
5.4 COMPETÊNCIAS RELACIONADAS COM SMARTPHONES E TABLETS	25
6. RISCOS E DANO	27
6.1 PERCEÇÃO GERAL DE RISCO E DANO	27
6.2 BULLYING	29
6.3 MENSAGENS SEXUAIS	30
6.4 CONHECER NOVAS PESSOAS	31
6.5 IMAGENS SEXUAIS	33
6.6 OUTROS CONTEÚDOS INAPROPRIADOS	34
6.7 OUTROS RISCOS	35
6.8 LIDANDO COM OS RISCOS	36
7. USO EXCESSIVO E DEPENDÊNCIA	37
7.1 PERCEÇÃO DOS BENEFÍCIOS DA UTILIZAÇÃO	37
7.2 PERCEÇÃO DE DANO POR USO EXCESSIVO	38
8. MEDIAÇÃO	42
9. INTERNET MÓVEL NAS ESCOLAS	48
9.1 UTILIZAÇÃO DE WIFI NAS ESCOLAS	48
9.2 REGRAS SOBRE USO DE SMARTPHONES NA ESCOLA	50
9.3 MEDIAÇÃO DOS PROFESSORES E OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM	51
10. CONCLUSÕES	53
11. RECOMENDAÇÕES	58
REFERÊNCIAS	62

Sumário Executivo

Acesso e usos

Como nos outros seis países europeus, também em Portugal se intensificou nestes quatro anos o acesso privado, no lar. O acesso em movimento, “em qualquer lugar”, ainda não tem a expressão que a mobilidade dos novos meios poderia sugerir.

Destacam-se nos acessos diários à internet diferenças marcadas por sexo, idade e estatuto socioeconómico das famílias. As raparigas acedem mais por meios móveis do que os rapazes; a frequência do acesso diário cresce com a idade; as desigualdades no acesso diário acompanham as desigualdades de estatuto social nas famílias. Por seu lado, a escola apresenta-se como um espaço mais igualitário no acesso do que na média dos países do estudo.

Acentuando a importância da mobilidade e a história do acesso à internet por parte de crianças e jovens portugueses, o computador portátil lidera como principal meio de acesso à internet em casa, seguido do *smartphones* e dos telemóveis. Os computadores de mesa vêm em quarto lugar.

Fora de casa, nomeadamente na escola, a liderança nos meios de acesso frequente à internet pertence já aos *smartphones*.

Na comparação com valores de 2010, em Portugal, regista-se uma igualização por sexo no uso do computador portátil e uma clara ascensão das raparigas no uso dos novos meios móveis. Estas diferenças por sexo são mais acentuadas do que noutros países europeus, onde as raparigas igualmente lideram no uso destes meios móveis.

O acesso à internet por meios móveis realiza-se em condições de restrição: Quase metade (47%) dos respondentes portugueses que possui um telemóvel ou um *smartphone* refere aceder apenas através de *wifi* grátis, e cerca de um terço refere não ter meios de conexão à internet. Estes valores são mais elevados entre crianças e jovens de lares de ESE baixo.

As crianças e jovens portugueses de meios socioeconómicos mais baixos são as que referem possuir menos equipamentos para seu uso individual, com exclusão do telemóvel que não é

smartphones, o recurso mais equitativamente distribuído.

Pouco mais de dois terços dos pais portugueses usam a internet, o segundo valor mais baixo no conjunto dos sete países do estudo, apesar de se ter verificado uma subida de oito pontos percentuais desde 2010.

Atividades

As atividades mais referidas são ouvir música, ver vídeo clips, estar nas redes sociais e trocar mensagens: cerca de metade dos inquiridos realiza estas atividades todos os dias.

Um pouco mais de um terço dos internautas refere jogar todos os dias, sozinho ou contra o computador; ir pesquisar informações de temas do seu interesse é referido por um em cada três.

Todas estas atividades apresentam valores mais elevados entre quem tem *smartphones* do que entre quem não tem esses dispositivos.

O uso da internet para apoio ao trabalho escolar é referido por cerca de um quinto dos internautas. Essa é também a proporção dos que jogam com outras pessoas, descarregam música ou filmes, visitam salas de conversação ou descarregam aplicações gratuitas.

As restantes 14 atividades listadas têm um baixo peso enquanto atividades frequentes.

Quase todas as atividades aumentam a frequência em consonância com a idade. Há também diferenças notórias por sexo.

As diferenças entre quem e quem não tem *tablet* no que se refere a atividades diárias são mais acentuadas entre os mais novos (9-12).

Embora não se possa concluir que quem tem *tablets* e *smartphones* faz apenas atividades nesses meios, parece que quem possui esses meios está a tirar partido da ligação rápida, “a qualquer hora” que eles proporcionam.

Houve uma redução no número de internautas que concorda plenamente com a afirmação de que existem na internet coisas boas para a sua idade. Em 2010, mais de metade concordava. Quatro anos depois, o valor desce para 44%.

Práticas de comunicação

A rede social Facebook tornou-se a rede hegemónica, para ambos os sexos e em todos os níveis socioeconómicos: 97% dos inquiridos que têm um perfil numa rede social refere o Facebook. O Instagram, em segundo lugar, é referido por 19%.

O aumento da presença nas redes sociais cresce com a idade, e regista um salto abrupto por volta dos 11-12 anos.

O número de contactos alarga-se também pelos 11-12 anos. Cerca de um terço dos que usam as redes sociais declara aceitar apenas pedidos de contacto por parte de pessoas que conhece bem, e este é o valor mais elevado entre os sete países do estudo. É entre os mais novos que se verifica uma maior preocupação em aceitar pedidos de contactos apenas de conhecidos.

Por outro lado é também entre o mais novos (e entre os rapazes) que os perfis públicos estão mais presentes, embora sempre com valores inferiores aos das definições privadas. Nota-se a continuação da definição do perfil como pública por cerca de um quarto dos internautas, tal como em 2010.

As formas de contacto com os pais dividem-se entre o uso de SMS/MMS (54%) e chamadas telefónicas (53%), sendo pouco usadas as redes sociais (8%). Para os amigos, a principal forma de contacto é o SMS/MMS (79%), seguindo-se o contacto pelas redes sociais (69%) e por chamadas telefónicas (61%). O correio eletrónico é usado por um quinto, em contactos com amigos e menos ainda nos contactos com os pais.

Mais de metade discorda com as afirmações de que na internet fala de coisas privadas que não partilha face a face, de que fala mais sobre várias coisas na internet do que fala face a face, e de que é mais fácil ser ele/ela mesmo/a na internet do que quando está face a face com os outros.

Competências

Nas competências que consideram que têm, 70% concordam totalmente com a afirmação de que sabem mais sobre *smartphones* do que os seus pais; esse valor é muito superior ao dos que concordam totalmente com a afirmação de que

sabem mais sobre a internet do que os seus pais (42%).

O número médio de competências reportadas no uso da internet é de 7,1 em 12 possíveis, um valor um pouco acima ao da média dos países do estudo; já em 2010, esse valor se situava entre os primeiros lugares. Nas competências relacionadas com o uso de *smartphones* (8 no total de 11), o valor também está ligeiramente acima da média europeia.

As competências relacionadas com o uso básico da internet e com a compreensão crítica encontram-se desigualmente distribuídas. Três em quatro internautas considera que sabe marcar um *site* nos Favoritos, cerca de metade refere que sabe avaliar se a informação é verdadeira e pouco menos de metade afirma ser capaz de mudar preferências. Além das diferenças etárias que fazem com que os mais velhos se apresentem como mais competentes, os rapazes reportam sempre mais competências do que as raparigas. Não há variações significativas por meio socioeconómico.

Risco e dano

Apenas 10% dos internautas reportaram terem ficado incomodados com algo que enfrentaram na internet. Foram as raparigas, os mais velhos e de meios socioeconómicos mais baixos quem mais referiu esse incómodo. As experiências que incomodaram foram ligeiramente mais referidas por quem tem *smartphones*.

O *bullying*, na internet e fora dela, foi referido por 10% dos internautas; 6% referiu ter ficado incomodado com essa situação. O valor reportado continua baixo, como em 2010.

Os utilizadores de meios móveis referem mais terem sido vítimas de *ciberbullying*, enquanto os não utilizadores desses meios referem mais o *bullying* cara a cara. Os primeiros referem também mais do que os segundos terem sido autores de comportamentos de *cyberbullying*.

As mensagens de *sexting* foram apontadas por apenas 5%, num claro recuo em relação aos resultados de 2010, quando atingiram 15%. Essas mensagens circulam mais por redes sociais do que através de SMS.

11% dos internautas referem que se encontraram face a face com pessoas que conheceram na internet. Nenhum referiu ter sentido qualquer incómodo com essa situação.

Mais de um quarto (27%) dos internautas referiu ter encontrado imagens com conteúdos sexuais na internet e fora dela, no último ano, um valor ligeiramente superior ao de 2010; 20% reporta não ter ficado incomodado. O meio mais comum é a televisão, aparecendo em filmes. Em segundo lugar surgem as redes sociais. São os adolescentes quem mais refere encontrar estas imagens. O uso de meios móveis não parece intensificar este contacto com imagens de cariz sexual.

10% dos internautas refere ter encontrado outros conteúdos negativos gerados pelo utilizador, como incentivo à anorexia e automutilação ou mensagens de pendor racista e discriminatórias. Este valor é ligeiramente mais baixo do que em 2010. O receio de vírus é o risco mais referido (15%).

Quando ocorre uma situação que incomoda, os pais são as principais fontes de apoio (sobretudo as mães). Os irmãos e os amigos surgem depois, apontados por cerca de um terço. Um quinto dos internautas refere os professores. As crianças e jovens portugueses são quem mais menciona procurar apoio junto de alguém, no conjunto dos sete países europeus.

Uso excessivo e dependência

Sentir-se menos aborrecido e mais próximo dos amigos são as duas vantagens dos *smartphones* mais apontadas por crianças e jovens. Segue-se a disponibilidade para estar em contacto com amigos e a facilidade na gestão das atividades quotidianas. Estas vantagens variam com a idade e com o sexo.

O *smartphone* parece gerar mais dependência do que o acesso à internet. Dois terços dos internautas dizem que nunca se sentiram aborrecidos porque não podiam navegar na internet; contudo, 59% dos que possuem *smartphone* refere que muitas ou algumas vezes sentiu uma grande necessidade de verificar o telemóvel para ver se alguma coisa tinha acontecido; 54% dos possuidores de *smartphone* refere também que ficou aborrecido quando não

podia usar o aparelho porque estava sem rede ou sem bateria.

Mediação

Os pais portugueses apresentam os valores mais elevados de mediação ativa da internet e de mediação restritiva. A mediação parental reduz-se com a idade e tende a exercer-se mais junto das raparigas.

A mediação ativa mais reportada é conversar sobre o que a criança ou jovem faz na internet e as menos reportadas dizem respeito ao incentivo a explorar coisas na internet e a fazer coisas em conjunto. Os lares de nível socioeconómico mais baixo apresentam uma diferença de 15 pontos percentuais nesta forma de mediação.

A mediação ativa sobre a segurança na internet regista uma diferença de 20 pontos percentuais no nível socioeconómico mais baixo relativamente aos restantes.

A mediação restritiva é menos referida nos lares de nível socioeconómico baixo. A mediação técnica está presente em metade dos nos lares de estatuto socioeconómico elevado, e apenas em 14% nos lares de nível médio e 20% nos de nível baixo.

Dois terços dos internautas consideram que os pais sabem muito ou bastante sobre o que eles fazem na internet. Este valor é idêntico no que se refere ao conhecimento sobre o que fazem com o telemóvel ou *smartphone*. Não há variação por sexo, mas há por idade (esse conhecimento reduz-se por faixa etária) e por nível socioeconómico (é maior nos lares de nível socioeconómico mais elevado).

Escolas e internet móvel

Portugal está entre os países do estudo com maior percentagem de *wifi* nas escolas: 73% refere que a sua escola dispõe desse acesso. Mais de metade (56%) refere que pode usar a rede da escola com algumas restrições, 16% diz que não é permitido usar e o mesmo valor diz que pode usar sem restrições.

Dois terços dos internautas dizem que o uso de *smartphones* na escola pode ser feito com algumas restrições. Apenas um quinto diz que não é

possível usar, um valor bastante mais baixo do que a média dos sete países do estudo.

Mais de metade afirma que os professores falaram com eles sobre o que fazer na internet. Os comportamentos de mediação são mais referidos na faixa etária dos 13-16 anos. As raparigas referem mais a mediação de professores do que os rapazes.

A realização de pesquisas para trabalhos da escola é a atividade mais apontada para a internet: 73% refere pelo menos uma vez por semana. A colaboração com colegas através da internet é referida como incentivada pelos professores: 44% refere que tal ocorre pelo menos uma vez por semana. O uso de *smartphones* para atividades escolares ocorre raramente nas escolas portuguesas.

1. Introdução

1.1 Contexto

Tanto a infância como os *media* encontram-se em mudança, com as crianças a crescerem numa **ecologia mediática convergente**.¹ As crianças e jovens estudados na presente investigação, entre os 9 e 16 anos, estão a crescer num mundo onde a distinção entre internet fixa e móvel se esbate tanto pelo acesso ubíquo através de *wifi* e cobertura 3G/4G, como pela disponibilidade de equipamentos convergentes, como os *smartphones*, os *tablets*, os portáteis e as consolas de jogos.

Estas tecnologias e as suas práticas sociais de uso estão também sujeitas a contínua mudança. A internet, cada vez mais pelos meios móveis, proporciona oportunidades significativas para a sociabilidade, expressão pessoal, aprendizagem, criatividade e participação.² Contudo, encaradas numa perspetiva do “risco”, essas mesmas tecnologias, que igualmente proporcionam conectividade permanente, usos individualizados e características multimédia, parecem apresentar menos vantagens.

Desde 2006, a rede *EU Kids Online* tem investigado oportunidades e riscos *online* de crianças e jovens, mostrando a sua interdependência: quanto mais as crianças usam a internet, não só é maior o leque de oportunidades a que têm acesso, como também é maior a sua exposição a riscos *online*.³ Um momento importante foi constituído pelo inquérito europeu, que envolveu 25 países entre os quais Portugal, em 2010.

Em resposta a estas questões, partes interessadas – do governo às indústrias, passando por organizações orientadas para o bem-estar das crianças ou para a educação parental e das próprias crianças – têm procurado maneiras de regular, redesenhar, ensinar ou aprender a gerir o

ambiente digital em evolução. A recolha de **dados atualizados** afigura-se vital nesse processo.

A participação de Portugal no presente inquérito do projeto *Net Children Go Mobile*, que envolveu outros seis países europeus (Bélgica, Dinamarca, Irlanda, Itália, Reino Unido e Roménia), foi possível pelo financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Essa participação constitui um importante contributo para o conhecimento do contexto nacional em que se desenvolve esse novo ambiente digital, numa perspetiva comparada com outros países e com a situação de há quatro anos.

Neste relatório apresentam-se os resultados sobre Portugal, comparando-os com os resultados de outros países do projeto *Net Children Go Mobile* e, sempre que possível, fazendo referência aos dados de 2010 do inquérito *EU Kids Online*.

Mais informação sobre os resultados do projeto *Net Children Go Mobile* pode ser encontrada em:

<http://www.netchildrengomobile.eu/reports/>

Sobre a pesquisa realizada em Portugal no âmbito do projeto *EU Kids Online*, pode ser encontrada mais informação no livro *Crianças e Internet em Portugal*, organizado pela equipa portuguesa⁴, que apresenta e discute resultados. Mais informação sobre este projeto pode ser encontrada nos *sites*:

<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline>
www.eukidsonline.net

O presente relatório encontra-se estruturado nos seguintes capítulos temáticos:

- Acesso e uso
- Atividades *online*
- Práticas de comunicação
- Competências
- Riscos e dano
- Mediação
- Internet nas escolas

¹ Livingstone, S. (2009), Ito *et al.* (2010).

² Goggin & Hjorth (2014).

³ Livingstone *et al.* (2012).

⁴ Ponte *et al.* (2012).

1.2 Dados e metodologia

O presente relatório incide sobre os dados relativos à amostra nacional de crianças e jovens portugueses do inquérito *Net Children Go Mobile*, conduzido entre janeiro e maio de 2014. O trabalho de campo dos outros seis países europeus decorreu entre 2013 e a primavera de 2014.⁵ Muitas das perguntas feitas nesta pesquisa replicam as do inquérito *EU Kids Online*.⁶ Mais informação metodológica pode ser encontrada nos relatórios de cada projeto.

Neste relatório, o termo “crianças e jovens” refere-se a rapazes e raparigas entre os 9 e os 16 anos de idade que usam a internet. Estima-se que corresponda a quase todas as crianças e jovens portugueses nessa faixa etária.

As perguntas do inquérito *Net Children Go Mobile*, foram submetidas a testes cognitivos numa primeira etapa, para garantir que as crianças compreendessem o que era perguntado. Os questionários foram depois aplicados por entrevistadores, face a face a uma amostra aleatória estratificada de crianças e jovens de 9 a 16 anos de idade. A aplicação dos inquéritos, realizada em casa dos inquiridos, incluiu uma secção de autopreenchimento para respostas a questões sensíveis sobre riscos, danos e sobre a mediação parental, reproduzindo a metodologia usada no inquérito *EU Kids Online*.

- A referência a "média europeia", com a qual os resultados de Portugal são por vezes comparados, reporta-se à média dos sete países.
- A dimensão da amostra do projeto ***Net Children Go Mobile*** (2013-14) foi de 3.500 crianças e jovens, nos sete países participantes. Em Portugal foram entrevistados 501 indivíduos.
- O tamanho da amostra para o inquérito ***EU Kids Online*** (2010) foi de 25.142, para 25 países, com 1000 crianças entrevistadas em Portugal.

O Quadro 1 mostra o número de participantes (não ponderado, por subgrupos), nos quais se baseiam as conclusões deste relatório. Note-se que os erros aleatórios aumentam quando os tamanhos de amostra diminuem.

Quadro 1: Número de respondentes por subgrupo

	N
Rapazes	262
Raparigas	239
9-10	100
11-12	129
13-14	147
15-16	124
ESE baixo	373
ESE médio	51
ESE alto	74
Utilizadores diários de <i>smartphone</i>	174
Utilizadores diários de <i>tablet</i>	104
Não usam nem <i>smartphone</i> nem <i>tablet</i> diariamente	267
Têm um perfil numa rede social	380
Têm um perfil numa plataforma de partilha de <i>media</i>	162
Total	501

⁵ ver Mascheroni and Ólafsson (2014).

⁶ Livingstone *et al.* (2011).

2. Acesso e uso

A pesquisa tem revelado que o **contexto social de acesso à internet** marca as experiências de crianças e jovens na rede. Em particular, esse contexto marca as condições que lhes permitem tirar vantagens das oportunidades e as condições em que estão expostos a riscos.⁷

Os meios móveis permitem às crianças e jovens alargar as dimensões do espaço e do tempo, estarem acessíveis “**em qualquer lugar e a qualquer hora**”. Contudo, constrangimentos económicos e tecnológicos podem limitar esse uso. Esta situação pode ter também implicações no que se refere a normas sociais de liberdade, privacidade e vigilância.

2.1 Locais de acesso à internet pelas crianças e jovens

Quadro 2: Frequência no uso da internet pelas crianças e jovens em diferentes locais (%)

%	Várias vezes ao dia	Todos os dias ou quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Raramente ou nunca
No quarto	9	36	15	40
Em casa, mas não no quarto	10	48	28	14
Na escola	5	14	30	51
Noutros locais (casa de amigos ou familiares, bibliotecas, cafés)	3	10	27	60
Em movimento, a caminho da escola ou de outros locais	1	6	6	87

Q1 a-e: “Olhando para este cartão, diz-me por favor quantas vezes usas a internet (num computador, telemóvel, *smartphone* ou

noutro meio) nestes locais”

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Em Portugal, o lar consolida-se como principal localização para aceder à internet, tal como nos outros países do estudo.
- A escola continua em segundo lugar como local de acesso, mas é agora menos referida do que em 2010⁸. Cerca de metade dos inquiridos portugueses referem raramente ou nunca aceder à internet na escola, quando esse valor era de 40% há quatro anos. Por outro lado, cerca de um quinto indica aceder à internet pelo menos uma vez por dia na escola, o que coloca Portugal em terceiro lugar no acesso diário, atrás da Dinamarca e do Reino Unido, que apresentam respetivamente 61% e 29%.
- Outros locais de acesso perderam também importância: 60% das crianças e jovens portugueses referem raramente ou nunca aceder em locais como as casas de amigos ou de familiares, as bibliotecas públicas ou cibercafés. Há quatro anos, as casas de amigos eram referidas por mais de metade.
- O acesso **em movimento** quase duplica relativamente a 2010, mas continua a apresentar valores quase residuais. O acesso diário é referido por 7%, um dos valores mais baixos, juntamente com a Irlanda e Roménia. A liderança no acesso diário em movimento pertence à Dinamarca, com 26%.
- Em suma, como nos outros seis países europeus, intensificou-se nestes quatro anos o acesso privado, no lar. O acesso em movimento, “em qualquer lugar”, ainda não tem a expressão que a mobilidade dos novos meios poderia sugerir.

⁷ Livingstone *et al.* (2011).

⁸ Ponte *et al.* (2012).

Quadro 3: Uso diário em diferentes locais, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)

	No quarto	Em casa mas fora do quarto	Em qualquer lugar da casa	Na escola	Noutros locais	Em movimento
Rapazes	49	61	80	12	6	3
Raparigas	41	57	68	25	20	12
9-10	25	39	54	6	2	0
11-12	36	50	62	9	5	0
13-14	46	68	85	29	20	10
15-16	69	72	89	27	22	18
ESE baixo	39	56	70	19	13	7
ESE médio	57	60	80	17	14	4
ESE alto	68	70	88	19	15	11
Todos	45	57	74	19	13	8

Q1 a-e: Olhando para este cartão, diz-me por favor quantas vezes usas a internet (num computador, telemóvel, *smartphone* ou noutro meio) nestes locais.

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Enquanto a casa é um pouco mais indicada por rapazes do que por raparigas como local diário de acesso, as referências a espaços fora do lar são bastante mais apontadas por raparigas do que por rapazes. Por exemplo, a percentagem de raparigas que refere aceder à internet na escola (25%) mais que duplica a dos rapazes (12%). As diferenças são ainda mais acentuadas na indicação de outros locais e no acesso em movimento, onde esse valor é quatro vezes maior (respetivamente 12% e 3%). Estas diferenças por género, que colocam as raparigas na frente no acesso fora de casa, estão acima da média dos países do estudo.
- A frequência de uso diário cresce com a idade em todos os espaços da casa. Na escola, nota-se uma clara diferença entre os mais novos (9-12 anos), com valores abaixo dos 10% e os mais velhos (13-16), com valores perto dos 30%.
- O acesso à internet em qualquer lugar da casa, incluindo o quarto, é referido por mais de metade das crianças de 9-10 anos, sugerindo que o esbatimento de fronteiras entre o

espaço mais privado do quarto e outros locais da casa ocorre desde cedo.

- Há uma clara diferença entre os respondentes até aos 12 anos e acima dessa idade, no uso diário noutros locais e em movimento. Os valores são muitos baixos ou inexistentes entre os mais novos, enquanto se situam entre os 10-20% nos mais velhos.
- Observa-se uma clivagem no que se refere ao acesso em qualquer lugar da casa, por estatuto socioeconómico das famílias, com valores bem diferenciados e em relação direta com a condição social: 70% nos lares de ESE baixo, 80% nos de ESE médio e 88% nos de ESE alto.
- Por contraste, na escola as diferenças no acesso diário por estatuto socioeconómico são nulas ou mínimas (oscilação de 2 pontos percentuais). Esta proximidade de valores no acesso na escola em Portugal distingue-se da média europeia por estatuto socioeconómico, que varia entre 17% (ESE baixo) e 25% (ESE alto).
- Em suma, em Portugal destacam-se nos acessos diários à internet diferenças marcadas pelo género, pela idade e pelo estatuto socioeconómico das famílias. Por seu lado, a escola apresenta-se como um espaço mais igualitário no acesso do que na média dos países do estudo.

2.2 Meios usados para ir à internet

- Nos lares portugueses, os computadores portáteis destacam-se como meios de acesso diário: cerca de 60% das crianças e jovens indicam usá-los todos os dias sendo o segundo valor mais elevado dos países europeus, a seguir à Dinamarca (70%). Esta posição decorre do contexto português de intensa disseminação do acesso dos estudantes aos portáteis, no final da primeira década dos anos 2000. Recorde-se que no inquérito *EU Kids*

Online, de 2010, Portugal era o país europeu onde mais crianças referiam aceder à internet pelo seu computador portátil (65%).

Quadro 4: Meios usados pelas crianças e jovens para ir diariamente à internet, em diferentes locais (%)

%	No quarto	Em casa mas fora do quarto	Em qualquer lugar da casa	Na escola	Noutros locais	Em movimento
Computador de mesa (PC)	13	14	28	7	3	1
Computador portátil	40	43	76	14	8	2
Telemóvel que não é <i>smartphone</i>	16	20	30	10	7	2
<i>Smartphone</i>	21	29	42	22	16	6
<i>Tablet</i>	13	16	26	4	3	0,8
Leitor de <i>e-book</i>	0,1	0,2	0,6	0,1	0,1	1
Outro meio móvel	3	2	5	2	1	0
Consolas domésticas de jogos	3	4	7	2	1	0,2

Q2 a-h: Quando estás na internet..., quantas vezes usas estes meios?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Em 2014, nos lugares que se seguem ao computador portátil no acesso em casa, vêm outros meios móveis: *smartphones*; outros telemóveis; *tablets*, sendo todos mais usados fora do quarto do que nesse espaço. Outros dispositivos móveis e consolas apresentam valores residuais no uso diário. Atrás do computador portátil, os novos meios de acesso mais individualizado constituem-se como a principal referência, superando o computador de mesa (PC), e permitindo uma deambulação pela casa.
- O *tablet* é um meio claramente associado à mobilidade dentro de casa (26%), sendo residual o seu uso frequente na escola (4%)
- O *smartphone* é o meio mais referido no acesso diário na escola (22%), suplantando o uso do portátil (14%). É também o meio mais

referido para aceder noutros locais e em movimento. Fora de casa, nomeadamente na escola, a liderança pertence já aos *smartphones*.

- A percentagem de crianças e jovens portugueses que refere aceder diariamente pelo *smartphone* é de 35%, o mesmo valor que na Irlanda. Os valores mais elevados no acesso diário à internet por *smartphones* provêm da Dinamarca (72%), Reino Unido (56%) e Itália (42%). Atrás de Portugal, encontram-se a Bélgica (28%) e a Roménia (21%).

Quadro 5: Uso diário de meios, por idade e sexo (%)

%	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Computador de mesa (PC)	16	23	38	15	22
Computador portátil	46	37	75	75	60
Telemóvel que não é <i>smartphone</i>	20	23	36	25	26
<i>Smartphone</i>	18	21	44	53	35
<i>Tablet</i>	16	10	19	34	21
Leitor de <i>e-book</i>	0	0	1	0	0,2
Outro meio móvel	5	2	8	1	4
Consolas domésticas de jogos	8	3	10	1	5

Q2 a-h: Quando estás na internet..., quantas vezes usas estes meios?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Se, como é de esperar, a idade marca uma diferença na frequência do uso, as diferenças por género atravessam ambas as faixas etárias.
- Entre os internautas mais novos, os rapazes referem mais aceder por computadores portáteis (46% para 37%, nas raparigas), por *tablets* (16% para 10%), e por consolas e outros meios móveis, aqui com valores residuais; as raparigas referem ligeiramente mais o telemóvel e o *smartphone*. O computador de mesa é mais referido por raparigas nesta faixa etária.

- Entre adolescentes, as diferenças de género acentuam-se no uso de *smartphones* e *tablets*, mais indicado por raparigas: mais de metade (53%) refere usar todos os dias o *smartphone* e cerca de um terço refere usar o *tablet*, enquanto nos rapazes esses valores são, respetivamente, de 44% e 19%. O computador portátil é usado por cerca de três quartos dos rapazes e das raparigas; o computador de mesa e as consolas são mais usados por rapazes.
- No conjunto das duas faixas etárias, o *smartphone* aparece sempre mais referido por raparigas, e as consolas são mais referidas por rapazes.
- Na comparação com valores de 2010, em Portugal, regista-se uma igualização por género no uso do computador portátil e uma clara ascensão das raparigas no uso dos novos meios móveis. Estas diferenças de género são mais acentuadas do que noutros países europeus, onde as raparigas igualmente lideram no uso destes meios móveis.
- No que se refere à posse individual dos novos meios móveis, Portugal apresenta-se em sintonia com a média europeia (20%) nos *tablets* e abaixo da média europeia (46%) nos *smartphones*.

Quadro 6: Modos de ligação à internet pelo telemóvel ou *smartphone*, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)

%	Pacote de internet móvel e <i>wifi</i> grátis	Só pacote de internet móvel	só <i>wifi</i> grátis	Sem ligação à internet
Rapazes	10	12	45	34
Raparigas	11	11	48	30
9-10	2	4	15	79
11-12	5	8	47	39
13-14	14	8	60	18
15-16	14	20	46	20
ESE baixo	11	13	42	34
ESE médio	6	3	61	31
ESE alto	10	5	59	26
Todos	10	11	47	32

Q8 a-c: Podes aceder à internet pelo teu *smartphone* ou telemóvel? Se sim, como te ligas?

Base: Todas as crianças que possuem telemóvel ou *smartphone* ou que podem usar estes aparelhos.

- Em termos de conexão à internet por telemóvel ou *smartphone*, quase metade dos respondentes portugueses (47%) refere aceder apenas através de *wifi* grátis, acima da média dos sete países (35%). Os valores extremos deste acesso apenas por *wifi* grátis encontram-se na Irlanda (74%) e no Reino Unido (18%), ilustrando as diferentes condições nacionais dos meios de acesso proporcionadas pelas indústrias às famílias.
- Apesar de dispor de aparelho móvel que permite acesso à internet, cerca de um terço dos respondentes portugueses refere não aceder à internet pelo seu telemóvel ou *smartphone*, um valor apenas superado pela Roménia (41%).
- São reduzidas as conexões à internet apenas por pacotes pagos (11%) ou que combinam pacotes e *wifi* (10%). No conjunto dos sete países, Portugal está em penúltimo lugar, a seguir à Irlanda, a referir essa combinação por pacotes e *wifi* (média: 27%). Essa é a modalidade dominante na Dinamarca (51%) e no Reino Unido (41%).
- Não há diferenças por género nas formas de conexão. Por idade, a ausência de ligação é claramente mais elevada entre os mais novos, reduzindo-se até à adolescência. O acesso combinado ocorre sobretudo entre adolescentes. São os mais velhos (15-16) os que mais referem aceder apenas por pacote móvel, dispondo de menos acesso por *wifi* grátis do que a faixa etária anterior.
- Crianças e jovens de lares de ESE baixo, onde se situa a maioria da amostra, como se verifica no Quadro 1, enfrentam condições mais adversas na conexão: o acesso por *wifi* gratuito é referido por 42%, para respetivamente 61% e 59% nos níveis seguintes; é também maior a percentagem de respondentes que referem não ter ligação à internet ou que acedem apenas por pacote móvel, o que condiciona o tempo de navegação.

Quadro 7: Posse individual de meios, por estatuto socioeconómico (ESE) (%)

%	ESE alto	ESE médio	ESE baixo
Computador de mesa (PC)	16	16	8
Computador portátil	54	57	44
Telemóvel que não é smartphone	45	43	46
Smartphone	41	39	32
Tablet	19	29	18
Consolas de jogos	34	37	19

Q3: Tens para teu uso privado algum dos seguintes equipamentos?

Base: Todas as crianças que usam a internet

- As crianças e jovens portugueses de meios socioeconómicos mais baixos são as que referem possuir menos equipamentos para seu uso individual, com exclusão do telemóvel que não é *smartphone*. Este é o dispositivo presente de forma mais equitativa entre os três tipos de agregado.
- Há uma certa proximidade nos recursos individuais referidos em lares de ESE alto ou médio. A diferença ocorre na posse de *tablets*, que são bastante mais referidos nos lares de estatuto socioeconómico médio.
- Os resultados nacionais de 2014 contrastam com os de 2010 no que se refere à posse de computadores portáteis, que estava então socialmente mais nivelada. Nesse ano, o computador portátil pessoal (*Magalhães* ou outro) era o único meio em que lares de ESE baixo lideravam: 68% referiam aceder à internet através desse meio, para 61% e 64% respetivamente nos agregados de ESE elevado e médio.

2.3 Idade do primeiro acesso

Quadro 8: Idade do primeiro acesso à internet, do primeiro telemóvel e do primeiro *smartphone*, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE)

	Que idade tinhas quando pela primeira vez...		
	Usaste a internet	Tiveste um telemóvel	Tiveste um smartphone
Rapazes	8,4	9,2	11,3
Raparigas	8,8	9,2	13,0
9-10	7,4	7,9	9,7
11-12	8,1	8,7	10,9
13-14	9,2	10,0	11,5
15-16	9,5	9,4	14,2
ESE baixo	8,9	9,2	12,3
ESE médio	8,1	8,9	11,7
ESE alto	7,3	9,4	12,5
Todos	8,6	9,2	12,3

Q5: Quantos anos tinhas quando usaste a internet pela primeira vez? Q6: Quantos anos tinhas quando tiveste o teu primeiro telemóvel (um telefone que não é *smartphone*)? Q7: Quantos anos tinhas quando tiveste o teu primeiro *smartphone*?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Por género, evidencia-se uma diferença entre a posse mais tardia de *smartphones* por raparigas, embora sejam elas as que mais referem fazer uso destes aparelhos em todas as faixas etárias, como vimos no Quadro 5. Esta dissonância sugere que fazem uso destes aparelhos mesmo que não sejam seus.
- No que se refere à idade do primeiro acesso, as crianças mais novas são as que entraram mais cedo no acesso à internet. São também as que possuem mais cedo telemóvel e *smartphone* pessoal. Este aparelho começa a entrar na sua posse pelos 9-10 anos, uma idade que coincide com o final do 1º ciclo.
- A idade do primeiro acesso à internet varia em relação inversa com o estatuto socioeconómico das famílias, mas o mesmo não se verifica na posse de telemóveis e *smartphones*. São as famílias de ESE médio as que proporcionam mais cedo a posse desses meios às crianças.

2.4 Pais: Uso da internet, de smartphones e de tablets

Quadro 9: Uso da internet por pais e mães e posse de smartphones e tablets por meio socioeconómico (ESE) (%)

%	Usa a internet	Tem smartphone ou tablet
Pais	81	43
Mães	66	26
ESE baixo	59	21
ESE médio	90	59
ESE alto	100	54
Todos	68	30

P2: O/A senhor/a usa a internet para fins pessoais?

P3: Tem um *smartphone* ou um *tablet* que use para se ligar à internet?

Base: Pais de crianças que usam a internet

- A percentagem de progenitores portugueses que referem usar a internet em 2014 é de 68%, quando esse número era de 60% em 2010. Esta subida indica uma dinâmica de crescimento nos usos da internet por parte das famílias portuguesas com crianças. As diferenças no contexto europeu continuam, contudo, a fazer-se sentir. Portugal está apenas à frente da Roménia (57%) no acesso por parte dos progenitores, enquanto nos outros países essa percentagem se situa acima dos 85%.
- Há claras diferenças por meio socioeconómico distinguindo-se uma clivagem entre o meio socioeconómico baixo (onde se situa a maioria dos lares inquiridos) e os outros. Nesta linha, apenas um em cinco progenitores de meio socioeconómico baixo refere possuir *smartphone* ou *tablet*, para mais de metade nos outros dois níveis.
- O uso da internet por parte das mães (66%) é bastante menor do que o uso por parte dos pais (88%). O seu acesso à internet através de *smartphones* ou de *tablets* é também bastante menor: 26% para 43%, respetivamente.
- O valor referente à posse de *smartphones* e *tablets* (30%) por parte dos progenitores

portugueses é o segundo mais baixo entre os sete países do estudo, novamente a seguir à Roménia.

3. Atividades na internet

A pesquisa tem revelado que as atividades das crianças variam com a idade, numa “**escada de oportunidades**” ao longo do tempo, que começa com usos básicos, como jogos e pesquisas para trabalhos escolares, até alcançar usos criativos e participativos da rede, como manter um blogue ou criar e partilhar conteúdos.⁹

Os resultados do inquérito *EU Kids Online* mostraram como as **atividades na internet são difíceis de classificar ou como benéficas ou como prejudiciais**, uma vez que muito depende da criança e do contexto. De um modo geral, as crianças que desenvolvem um leque mais vasto de atividades parecem ser as que encontram mais riscos sendo também as que estão melhor preparadas para lidar com esses riscos, tornando-se resilientes aos efeitos danosos.¹⁰

3.1 Tipos de atividades na internet

- Em consonância com as crianças e jovens dos outros países europeus, as atividades mais populares são ouvir música, ver vídeo clips, estar nas redes sociais e trocar mensagens instantâneas. Cerca de metade dos internautas portugueses entre os nove e os 16 anos refere fazer todos os dias essas atividades, muitas vezes realizadas em simultâneo. Assim se pode ver uma cultura digital transnacional de circulação entre conteúdos disponíveis para todos, como nas plataformas de partilha e nos *sites*, e a comunicação nas redes sociais digitais.

⁹ Livingstone & Helsper (2007); Livingstone *et al.* (2011).

¹⁰ Livingstone, Hasebrink e Görzig (2012).

Quadro 10: Atividades diárias na internet, por idade e sexo (%)

% de quem...	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Ouvir música	29	30	72	70	52
Visitou rede social	28	24	68	71	50
Viu vídeo <i>clips</i>	33	34	72	57	50
Utilizou <i>instant messaging</i>	19	15	60	59	47
Jogou sozinho ou contra o computador	53	20	48	27	37
Pesquisou informação para satisfazer curiosidade	18	25	40	46	33
Utilizou a internet para trabalho escolar	11	16	16	37	21
Jogou com outras pessoas <i>online</i>	18	15	39	14	21
Descarregou música ou filmes	11	6	25	33	20
Visitou sala de conversação	13	3	21	32	19
Descarregou aplicações gratuitas	18	6	25	21	18
Publicou fotos, vídeos ou música para partilhar com outros	3	5	15	17	11
Leu/ viu notícias na internet	6	8	16	10	10
Publicou mensagem num <i>site</i> ou blogue.	3	11	13	8	9
Viu transmissão televisiva/ filme <i>online</i>	7	3	17	6	8
Usou uma <i>webcam</i>	6	10	10	6	8
Registou a sua localização geográfica	2	2	7	15	7
Consultou mapas e horários	2	8	6	4	5
Passou tempo num mundo virtual	3	2	4	10	5
Utilizou um <i>site</i> de partilha de ficheiros	0	1	5	7	4
Criou uma personagem, animal de estimação ou avatar	1	3	3	1	2
Pagou para descarregar aplicações (<i>apps</i>)	0	1	6	0	2
Leu um <i>e-book</i>	1	0	2	1	1
Comprou coisas <i>online</i>	0	0	1	1	0,3
Leu códigos QR /códigos de barras	0	0	0	0	0,1

Q9a-d, 10a-e, 11a-e, 12a-k: Para cada uma destas coisas que te vou ler, diz-me se as fizeste todos os dias

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Um segundo conjunto de atividades diárias gira em torno de jogos realizados sozinho ou contra o computador (**37%**) e da satisfação de curiosidades pessoais, referida por cerca de um terço dos internautas portugueses. Usos como jogos *online* com outras pessoas, recorrer à internet para trabalho escolar, visitar salas de conversação e descarregar filmes, músicas e aplicações gratuitas são apontados por um quinto.

- Algumas atividades apresentam diferenças substanciais por idade e por género.
- Entre os mais novos, as maiores diferenças por género vão para os jogos sozinhos ou contra o computador, referidos por cerca de metade dos rapazes e apenas por um quinto das raparigas. Entre adolescentes, as raparigas lideram nas visitas a redes sociais e a salas de conversação, na satisfação de curiosidades pessoais, no uso da rede para trabalhos de casa (duas vezes mais do que os rapazes) e no descarregar de filmes e músicas. Por sua vez, para além dos jogos, realizados sozinhos ou em grupo e que continuam a marcar o masculino, os rapazes destacam-se por referirem mais o visionamento de vídeo clips e de transmissões televisivas *online* ou a leitura de notícias na internet.

3.2 Utilizadores de *smartphones* e de *tablets*

A fim de identificar as consequências do uso dos meios móveis no conjunto das atividades diárias, as tabelas seguintes comparam utilizadores e não utilizadores de ***smartphones*** e ***tablets***, divididos por dois grupos de idade.

Considerando as atividades mais referidas, em ambos os grupos etários, a percentagem dos que ouvem música, visitam redes sociais, veem vídeo clips, utilizam *Instant Messaging*, pesquisam informação para satisfazer curiosidade e visitam salas de conversação é claramente mais elevada entre quem tem *smartphone*. Não se verificam diferenças no uso da internet para trabalho escolar ou nos jogos com outras pessoas *online*.

Quadro 11: Atividades diárias por idade e por possuir ou não um *smartphone* (%)

% de quem todos os dias...	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Não tem <i>smartphone</i>	Tem <i>smartphone</i>	Não tem <i>smartphone</i>	Tem <i>smartphone</i>	
Ouvir música	28	37	57	83	52
Visitou rede social	17	65	67	73	50
Viu vídeo <i>clips</i>	26	70	59	66	50
Utilizou <i>instant messaging</i>	9	51	52	65	47
Jogou sozinho ou contra o computador	38	37	26	46	37
Pesquisou informação para satisfazer curiosidade	17	40	30	58	33
Utilizou a internet para trabalho escolar	13	14	27	31	21
Jogou com outras pessoas <i>online</i>	16	19	27	20	20
Descarregou música ou filmes	8	12	18	43	20
Visitou sala de conversação	4	24	19	37	19
Descarregou aplicações gratuitas	8	33	22	25	18
Publicou fotos, vídeos ou música para partilhar com outros	3	9	6	27	11
Leu/ viu notícias na internet	5	17	14	11	10
Publicou mensagem num <i>site</i> ou blogue.	2	26	11	9	9
Viu transmissão televisiva/ filme <i>online</i>	3	12	13	5	8
Usou uma <i>webcam</i>	4	24	8	7	8
Registou a sua localização geográfica	2	2	7	16	7
Consultou mapas e horários	3	9	2	8	5
Passou tempo num mundo virtual	1	7	6	9	5
Utilizou um <i>site</i> de partilha de ficheiros	0	2	2	10	4
Criou uma personagem, animal de estimação ou avatar	2	0	1	2	2
Pagou para descarregar aplicações (<i>apps</i>)	1	0	5	0	2
Leu um <i>e-book</i>	0	2	1	2	1
Comprou coisas <i>online</i>	0	0	0	2	0,3
Leu códigos QR /códigos de barras	0	0	0	0	0,1

Q9a-d, 10a-e, 11a-e, 12a-k: Para cada uma destas coisas que te vou ler, diz-me se as fizeste todos os dias

Base: Todas as crianças que usam a internet

Há maiores diferenças entre quem tem e quem não tem *smartphone* no grupo etário dos mais novos, em particular nas atividades que lideram associadas à comunicação e ao entretenimento. Os mais velhos que possuem *smartphone* tiram mais partido das possibilidades da convergência de

meios, partilhando mais conteúdos.

Quadro 12: Atividades diárias por idade e por possuir ou não um *tablet* (%)

% de quem todos os dias....	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Não tem <i>tablet</i>	Tem <i>tablet</i>	Não tem <i>tablet</i>	Tem <i>tablet</i>	
Ouviu música	23	69	52	77	52
Visitou rede social	25	31	50	74	50
Viu vídeo <i>clips</i>	32	40	50	60	50
Utilizou <i>instant messaging</i>	18	10	47	66	47
Jogou sozinho ou contra o computador	33	72	37	30	37
Pesquisou informação para satisfazer curiosidade	17	50	33	43	33
Utilizou a internet para trabalho escolar	11	24	21	50	21
Jogou com outras pessoas <i>online</i>	13	38	20	29	20
Descarregou música ou filmes	7	22	20	26	20
Visitou sala de conversação	6	20	20	47	19
Descarregou aplicações gratuitas	8	48	19	34	19
Publicou fotos, vídeos ou música para partilhar com outros	3	13	11	18	11
Leu/ viu notícias na internet	5	20	10	11	10
Publicou mensagem num <i>site</i> ou <i>blogue</i> .	5	17	9	4	9
Viu transmissão televisiva/ filme <i>online</i>	3	14	8	13	8
Usou uma <i>webcam</i>	7	17	8	11	8
Registou a sua localização geográfica	1	7	7	19	7
Consultou mapas e horários	4	11	5	3	5
Passou tempo num mundo virtual	2	7	5	11	5
Utilizou um <i>site</i> de partilha de ficheiros	1	0	4	6	4
Criou uma personagem, animal de estimação ou avatar	2	3	2	2	2
Pagou para descarregar aplicações (<i>apps</i>)	1	0	2	0	2
Leu um <i>e-book</i>	0	3	2	0	1
Comprou coisas <i>online</i>	0	0	1	0	0,3
Leu códigos QR /códigos de barras	0	0	0	0	0,1

Q9a-d, 10a-e, 11a-e, 12a-k: Para cada uma destas coisas que te vou ler, diz-me se as fizeste todos os dias

Base: Todas as crianças que usam a internet

- As diferenças entre quem tem e quem não tem *tablets* no que se refere a atividades diárias são mais acentuadas entre o grupo etário dos mais novos. Destacam-se ouvir música, jogos e a

pesquisa de informação para satisfazer curiosidade, mas outras atividades registam também valores mais expressivos entre os mais novos que referem ter *tablets*.

- O uso da internet para trabalhos escolares é mais referido por quem tem *tablets* do que por quem não tem, sobretudo no grupo dos mais velhos.
- Se não se pode assumir que quem tem *smartphones* e *tablets* realiza as atividades apenas nesses meios, os valores sugerem que quem os possui está a tirar mais partido da ligação “a qualquer hora” que esses meios móveis proporcionam. Sugerem também que, sobretudo entre os mais novos, possuir esses meios está associado a uma maior margem de exploração das potencialidades da internet.

3.3 Conteúdos positivos

Muitos conteúdos que as crianças encontram na internet foram concebidos para o grande público e nem sempre são benéficos ou adequados à sua idade. Por estas razões, foi perguntado se concordavam totalmente, apenas em parte ou se discordavam da afirmação: “Há muitas coisas na internet que são boas para as pessoas da minha idade”.

- Entre os internautas portugueses, 44% respondeu concordar plenamente com a afirmação, 47% referiu concordar apenas em parte e 9% discordou. Comparando com os resultados nacionais de 2010 sobre a apreciação positiva da internet, observa-se uma descida de oito pontos percentuais no valor que indica maior concordância. Em 2010, mais de metade (52%) respondeu concordar plenamente com a afirmação de que havia muitas coisas boas para pessoas da mesma idade e foram apenas 6% os que discordaram.
- Os valores de total concordância por parte dos internautas portugueses superam os da Bélgica (29%), Itália (30%) e Dinamarca (37%). Os países que recolheram os valores de

concordância mais elevados foram o Reino Unido (57%) e a Irlanda (51%), sugerindo que a língua inglesa que predomina em *sites* e conteúdos internacionais pode desempenhar um papel facilitador na relação positiva com conteúdos.

4. Práticas de comunicação

Estar em contacto com os amigos é uma das atividades diárias mais importantes para crianças, seja pela internet ou não. O que acontece quando o acesso às redes sociais e às mensagens instantâneas ocorre pelos telemóveis, que estão sempre à mão? O potencial para contactar com amigos “a toda a hora, em qualquer lugar” tem gerado novas preocupações sobre as redes sociais digitais, como as ansiedades sobre o equilíbrio frágil entre privacidade e intimidade, bem como o contacto com pessoas que se conhecem na rede.

Os *smartphones* alargam o leque das práticas de comunicação móvel e as audiências que as crianças conseguem alcançar. Será que as crianças estão a desenvolver novas noções sobre “amizade” e diferentes regimes de privacidade e de revelação associados a diferentes plataformas e serviços?

Parece que em vez de substituírem uma rede social por outra, as crianças e jovens estão a combiná-las e a integrá-las em novas práticas comunicativas. Deste ambiente resultam diversos “repertórios de comunicação”.¹¹

4.1 Redes sociais e plataformas de partilha

Vimos no ponto anterior que as redes sociais lideram entre as atividades diárias das crianças e jovens, e que quem usa *smartphones* e *tablets* para aceder à internet está mais envolvido em atividades diárias nas redes sociais. Mas em que redes estão? E como varia essa distribuição por idade e género?

- Cerca de três em quatro crianças portuguesas (76%) refere ter um perfil numa rede social, um valor superado apenas pela Dinamarca

¹¹ Haddon (2004).

(81%) e a Roménia (79%). Em 2010, esse valor era de 59% nos internautas portugueses.

Quadro 13: Perfis numa rede social, por idade (%)

%	9-10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	Todos
Facebook	96	98	97	97	97
Twitter	0	0	2	3	2
Instagram	0	7	20	22	19

Q16 a-f: Tens um perfil pessoal numa rede social (por exemplo, Facebook, Twitter, etc.) que uses com frequência? Tens apenas um ou mais do que um?

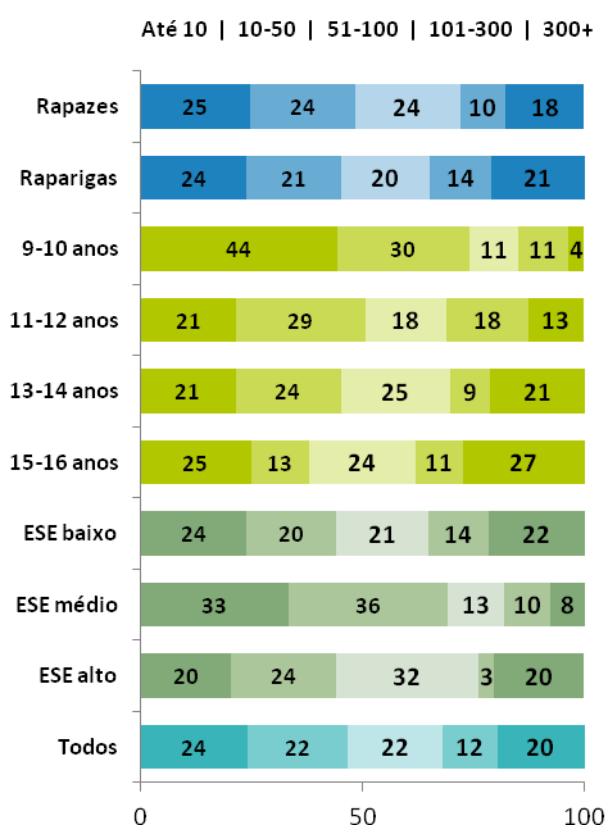
Base: Todas as crianças e jovens que têm perfis em redes sociais.

- Em 2014, a rede Facebook quase faz o pleno das redes mais usadas para ter um perfil, tanto referida por rapazes como por raparigas, como se vê no Quadro 13. Em 2010, era também a rede que liderava, sendo então referida por metade das crianças e jovens num tempo em que o Hi5 gozava ainda de popularidade. O Instagram surge como a segunda rede mais referida, por cerca de um quinto dos internautas adolescentes.
- O aumento da presença no Facebook e noutras redes sociais cresce com a idade, num salto abrupto por volta dos 11-12 anos. Nessa faixa etária, 80% referem ter um perfil numa rede social, quando esse valor é de 26% aos 9-10 anos. Ao contrário da idade, as diferenças de género são pouco expressivas, com uma ligeira tendência para os rapazes referirem mais possuir um perfil numa rede social (77% contra 75% das raparigas). As diferenças socioeconómicas são igualmente pouco pronunciadas, revelando a tendência para ser mais comum possuir um perfil numa rede social entre internautas oriundos de famílias de ESE alto (81% contra 75%, tanto para ESE baixo como médio).
- A presença de perfis em plataformas de partilha de ficheiros, como o YouTube, é referida por cerca de um terço (32%) dos internautas portugueses, à frente da Itália, Roménia e Bélgica.

4.2 Natureza dos contactos nas redes

O número de contactos nas redes sociais é, muitas vezes, considerado como indicador de comportamentos de risco. Contudo, o risco de as crianças estarem em contacto com amplos círculos sociais tem sido sobrevalorizado.¹²

Gráfico 1: Número de contactos na rede social mais usada, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q18: Mais ou menos, com quantas pessoas estás em contacto na rede social que usas mais?

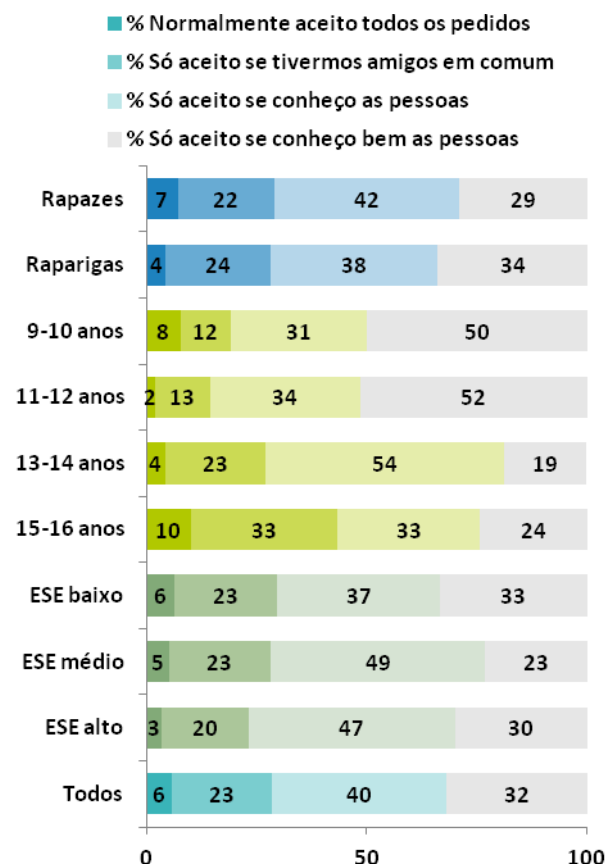
Base: Todas as crianças e jovens que têm perfis em redes sociais

- As diferenças por género são relativamente reduzidas no que se refere ao número de contactos, com as raparigas portuguesas a liderarem em listas com mais de 100 contactos (35% para 28%).

- Notam-se importantes diferenças por idades. Os mais novos apresentam um círculo mais restrito de contactos, que se alarga a partir dos 11-12 anos. O círculo mais alargado de contactos (mais de 300) claramente cresce com a idade, a partir dos 13-14 anos.
- As diferenças socioeconómicas merecem igualmente ser notadas: internautas provenientes de famílias de ESE baixo são quem refere círculos mais alargados de contactos: 36% indica ter mais de 100 contactos, para 23% entre os de ESE alto e 18% entre os de ESE médio.
- Comparando os resultados nacionais de 2014 com os de 2010, regista-se uma subida no círculo mais alargado de contactos (de 14% para 20%) e uma descida, mais acentuada, do número de internautas que refere ter até 50 contactos (de 59% para 46%).
- O número de contactos dos internautas portugueses está próximo da média dos sete países do estudo. Contudo, essa média esconde diferenças relevantes: 51% dos internautas dinamarqueses e 40% dos internautas irlandeses referem até 10 contactos; 39% dos internautas romenos referem mais de 300 contactos.

¹² Livingstone, Ólafsson e Staksrud (2011).

Gráfico 2: Respostas a pedidos de amizade em redes sociais, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q22: Como é que costumavas responder aos pedidos de pessoas para serem teus “amigos” na [rede social mais utilizada]?
Base: Todas as crianças e jovens que têm perfis em redes sociais.

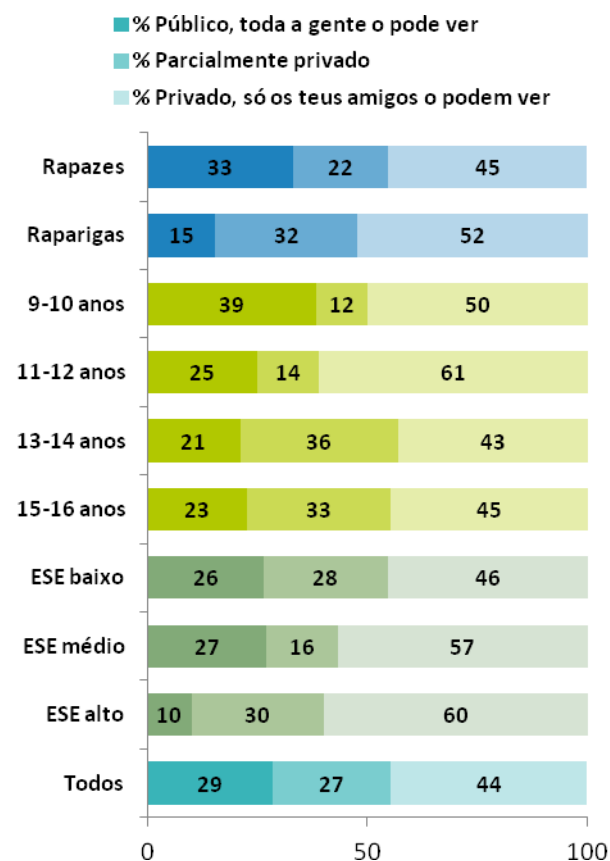
- Em Portugal, cerca de um terço dos internautas utilizadores de redes declara aceitar apenas pedidos de contacto por parte de pessoas que conhece bem, sendo este o valor mais elevado entre os sete países do estudo. Apenas 6% diz aceitar todos os pedidos que recebe, um dos valores mais baixos e idêntico ao da Bélgica, Irlanda e Itália.
- As diferenças de género apontam para uma maior preocupação das raparigas na aceitação de pedidos de amizade de pessoas que desconhecem: apenas 4% o faz, um valor que é quase duas vezes mais frequente entre os rapazes. São também elas que referem mais aceitar pedidos de contacto de pessoas que conhecem bem.
- É entre os mais novos que se verifica uma maior preocupação em aceitar pedidos de

amizade apenas de conhecidos: metade das crianças de 9-10 anos aceita apenas pedidos de contacto de pessoas que conhece bem e um pouco mais de metade das crianças de 11-12 anos afirma o mesmo.

- As diferenças socioeconómicas são pequenas, revelando uma ligeira tendência para menor restrição na aceitação de pedidos de amizade por parte de crianças e jovens oriundo de famílias de ESE baixo.

4.3 Definições de privacidade das redes sociais

Gráfico 3 : Definição do perfil como público ou privado, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q20: Como é que está definido o teu perfil...?
Base: todas as crianças e jovens com perfil em rede social.

- Perto de metade (44%) dos internautas portugueses com perfil em redes sociais reporta que o mantém privado, só disponível para os amigos. Esse valor é referido por mais de metade nos lares de ESE alto e médio.

- É entre os mais novos e nos rapazes que os perfis públicos estão mais presentes: 39% referido aos 9-10 anos; 33% dos rapazes, mais do dobro do valor indicado pelas raparigas (15%).
- O valor da definição do perfil privado, apenas para os amigos, por parte dos internautas portugueses que estão nas redes sociais vem atrás da Irlanda, da Bélgica e do Reino Unido. Do lado oposto, 57% das crianças e jovens romenos reportam ter o seu perfil totalmente público.

Quadro 14: Informação pessoal apresentada no perfil, por idade e género (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
% que declara que o seu perfil apresenta...					
Uma foto que claramente mostra a sua cara	78	71	76	88	81
O seu apelido	93	63	79	93	83
A sua morada	3	2	8	13	8
O seu número de telefone	1	6	11	18	11
A sua escola	39	47	62	67	57
Uma idade que não é a sua	71	76	46	56	57

Q21: Desta lista, quais das seguintes informações sobre ti tens no teu perfil/conta?

Base: Todas as crianças e jovens com perfil em rede social

- Tendo presente que o Facebook, a rede social mais usada, insiste em que se coloque a identidade verdadeira, não admira que mais de 80% das crianças e jovens escreva o seu apelido e coloque uma foto do seu rosto. A escola permite também a confirmação da identidade, e é referida por 57%, sobretudo entre os mais velhos. Poucos revelam o seu número de telefone, mas quase um quinto das raparigas adolescentes colocam-no no seu perfil. A necessidade de introduzir uma idade falsa no perfil está bem presente entre os que têm menos de 13 anos (cerca de três quartos reporta-o); também surge entre os adolescentes, com cerca de metade a colocar uma idade que não é a sua.
- Comparando estes valores com os de 2010,

nota-se um maior recurso a uma idade falsa (era de 25% nesse ano) e a continuidade da definição do perfil como público ou parcialmente privado por mais de metade dos internautas portugueses.

- Os valores portugueses sobre a informação pessoal apresentada no perfil estão em sintonia com os encontrados na média dos outros países europeus, em 2014.

Quadro 15: Modos de estar em contacto diariamente com os pais e com os amigos (%)

% de crianças e jovens que, diariamente, contactam com pais e com amigos através de...	Pais	Amigos
Chamada telefónica pelo telemóvel ou <i>smartphone</i>	53	61
Envio de SMS/MMS	54	79
Envio de <i>e-mails</i>	7	19
Contacto pela rede social	8	69

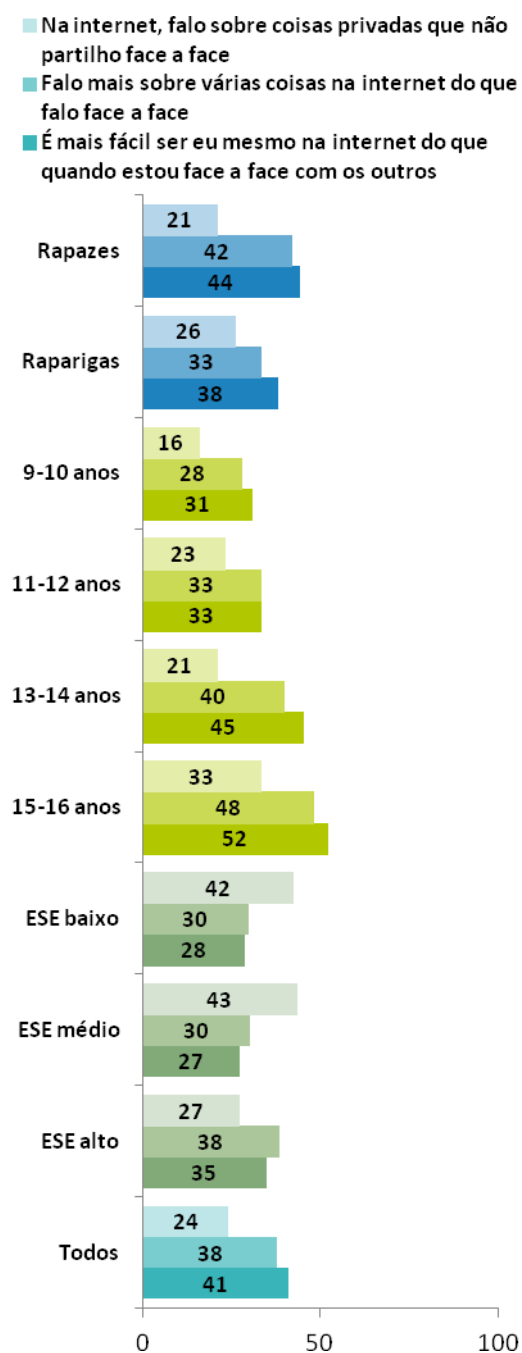
Q13, Q14, Q15, Q19: Com que frequência contactas as seguintes pessoas falando com elas por telemóvel/*smartphone*, enviando SMS/MMS, por *email* ou em *sites* de redes sociais?

Base: Todas as crianças que usam cada um destes meios de comunicação.

- As formas de comunicação diária com os amigos demarcam-se das formas de comunicação com os pais. Poucas crianças e jovens portugueses estão em contacto com os pais através de redes sociais ou pelo correio eletrónico, este último um meio de comunicação também pouco usado com os amigos. Falar pelo telefone ou enviar mensagens são, claramente, os modos mais frequentes de comunicação diária com os pais, expressos por cerca de metade. Com os amigos, predominam os contactos através das mensagens e das redes sociais.
- No conjunto dos respondentes que usam um telemóvel ou um *smartphone* para comunicar com pais e os amigos, os valores portugueses estão próximos da média dos sete países: 60% refere contactar diariamente com os pais e 53% refere contactar diariamente com os amigos.

4.4 Perspetivas das crianças e jovens sobre a comunicação na rede

Gráfico 4: “Até que ponto estas frases sobre ti são verdadeiras?”, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q47: Até que ponto estas frases sobre ti são verdadeiras?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Estas três frases reuniram valores de concordância sempre abaixo da metade das respostas, demarcando, assim, a internet como um espaço diferenciado da comunicação face a face.
- A afirmação que suscita menor concordância é a que se refere a uma maior exposição verbal de aspetos privados na internet **do que na comunicação face a face: apenas um quarto concorda que tal acontece consigo**. Os valores mais elevados de concordância com esta frase surgem em raparigas, entre adolescentes mais velhos e entre internautas provenientes de famílias de ESE médio e baixo.
- As duas restantes afirmações apresentam valores próximos, merecendo mais concordância entre adolescentes e em rapazes e também em famílias de ESE alto. Os valores alcançados indicam, assim, que a maioria prefere a comunicação face a face (ou talvez pelo telefone) à comunicação via rede digital.
- Estes dados portugueses são similares aos dados de outros países europeus.

5. Competências

A literacia digital – que engloba conhecimentos nas áreas dos *media* de informação e de comunicação, além de compreensão tecnológica – é considerada crucial para o século XXI. Pesquisas anteriores já estabeleceram que, **ao contrário do mito dos nativos digitais, crianças e jovens não adquirem literacia digital natural ou automaticamente.**¹³ Usar plataformas *online* e móveis, bem como receber orientação de pais, professores ou colegas para essa utilização, sem dúvida que contribui, para a competência dos jovens, mas não se sabe ainda se é suficiente para as suas necessidades.

A própria natureza da literacia digital, que é ampla, complexa e de rápida mudança, faz com que seja difícil medi-la. Em geral, os investigadores combinam várias medidas, que se correlacionam umas com as outras, ainda que cada uma capte diferentes dimensões da literacia digital.¹⁴ Essas medidas incluem a competência atribuída pelo próprio (ou autoconfiança), juntamente com as capacidades que considera ter, numa lista específica de desempenhos. Nesta pesquisa, presta-se especial atenção às competências necessárias para dispositivos móveis e seus usos *online*.

5.1 Autoconfiança

Quadro 16: Competências autoatribuídas no uso dos *media* digitais (%)

% de crianças que dizem...	Falso	Um pouco verdadeiro	Muito verdadeiro
Eu sei mais sobre internet do que os meus pais	24	34	42
Eu sei muitas coisas sobre o uso da internet	18	47	35
Eu sei como usar botões de “relatar abusos”	36	24	40
Eu sei mais sobre o uso de smartphones do que os meus pais	6	24	70
Eu sei muitas coisas sobre o uso de smartphones	3	39	59

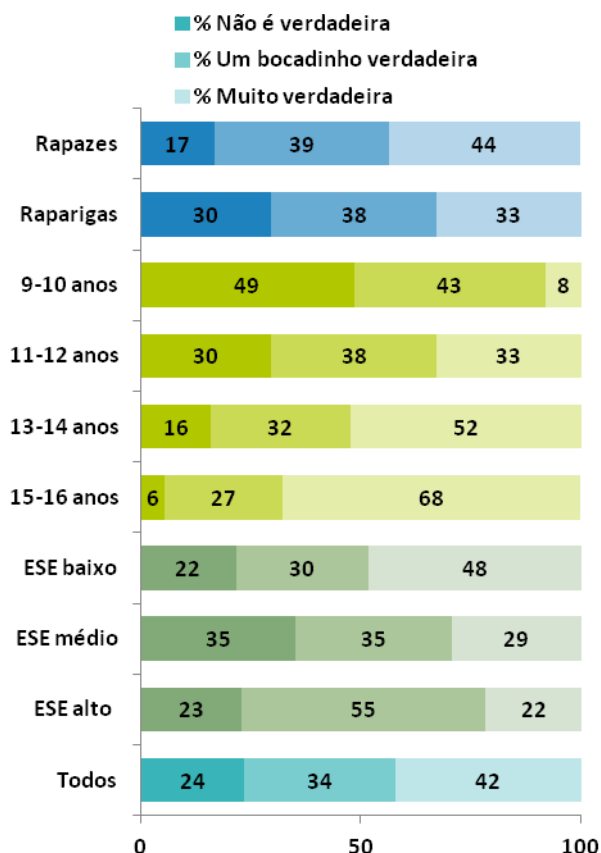
Q25: Até que ponto as seguintes frases sobre ti são verdadeiras?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- 76% das crianças e jovens consideram que sabem mais do que seus pais sobre a internet. No entanto, dada a visão reinante de que as crianças e jovens são mais peritas do que os adultos em matéria de tecnologia, é interessante notar que quase um quarto não acha que sabe mais sobre a internet do que os pais. Além disso, se crianças e jovens portugueses estão confiantes nos seus conhecimentos sobre *smartphones*, estão menos confiantes em situações como denunciar abuso *online*: **mais de um terço não sabe usar botões de “relatar abuso”.**
- As crianças e jovens portugueses, em geral, afirmam ter mais competência nos meios digitais do que a média europeia (em que 42% desconhecem botões de “relatar abuso”, 36% assinalam ser “muito verdade” que sabem bastante sobre o uso da internet, e 54% afirmam o mesmo para os *smartphones*).

¹³ Helsper e Eynon (2010).

¹⁴ Sonck *et al.* (2011).

Gráfico 5: “Eu sei mais sobre a internet do que os meus pais”, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q25: Até que ponto as seguintes frases sobre ti são verdadeiras?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- A faixa etária mais jovem encontra-se particularmente consciente de que os seus pais sabem mais sobre como usar a internet do que eles: quase metade acha que não tem mais conhecimentos do que os pais.
- Além disso, quase metade das crianças de estatuto socioeconómico mais baixo acreditam saber mais do que os pais.
- Em termos gerais, estes valores estão próximos dos da média europeia de crianças e jovens que afirmam saber mais da internet do que os seus pais (70%), apresentando-se o valor mais baixo em Itália (60%) e o mais elevado na Roménia (85%).
- Em 2010, a autoconfiança dos jovens internautas era ligeiramente mais elevada do que atualmente, com 44% a concordarem plenamente com a afirmação de que sabiam

mais do que os seus pais sobre a internet (acima da média europeia de 36%).

5.2 Competências e capacidades relacionadas com o uso da internet

Quadro17: Competências relacionadas com o uso da internet e a compreensão crítica, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Total
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
% quem diz que sabe ...					
Competências relacionadas com o uso da internet e a compreensão crítica					
Mudar as preferências de filtros	42	17	68	50	46
Marcar um site	60	40	93	94	74
Comparar diferentes sites para decidir se a informação é verdadeira	42	27	67	67	52
Competências relacionadas com o uso seguro da internet em geral					
Bloquear publicidade indesejada ou lixo eletrónico	46	37	78	68	58
Apagar o histórico de sites visitados	56	40	93	76	68
Mudar as configurações de privacidade num perfil de rede social	49	35	88	73	63
Bloquear mensagens de alguém com quem não se quer conversar	49	45	87	88	69
Bloquear pop-ups	38	39	70	68	55
Encontrar informação sobre como usar a internet de modo seguro	50	28	86	78	62
Competências de comunicação					
Publicar um comentário em um blogue, site ou fórum	46	26	80	83	61
Fazer upload de imagens, vídeos ou música em redes sociais	47	35	86	86	66
Criar um blogue	23	20	62	68	45

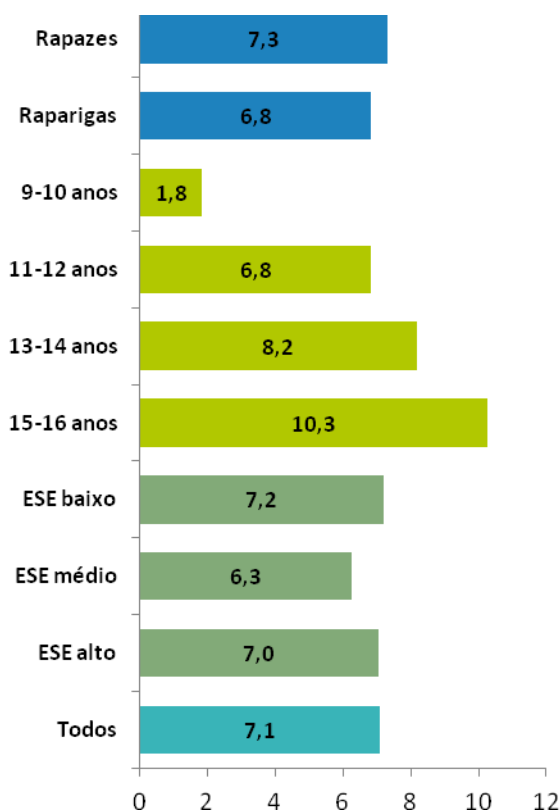
Q26 a-d, Q27 a-e: Quais das seguintes coisas sabes fazer?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- O nível de competências varia de acordo com o tipo específico questionado.

- As competências relacionadas com a utilização básica da internet e a compreensão crítica encontram-se distribuídas de forma desigual: embora três quartos das crianças saibam marcar nos favoritos um *site*, apenas cerca de metade sabe avaliar criticamente a informação de diferentes *sites* e pouco menos de metade afirma ser capaz de mudar as preferências de filtros. As diferenças etárias e de género são evidentes: à exceção do grupo etário mais velho no que respeita à comparação da informação entre *sites* (onde não se registam diferenças de género), os rapazes tendem sempre a referir que possuem mais competências do que as raparigas ou que têm o mesmo nível de competências (caso de marcar um *site* como favorito).
- Quanto às competências relacionadas com o uso seguro da internet, apagar o histórico dos sites visitados e bloquear mensagens de alguém com quem não se pretende conversar são práticas comuns a mais de dois terços das crianças e jovens, sendo as restantes competências declaradas por mais de metade. Tal como anteriormente, as diferenças de género e idade são, em geral, bastante expressivas: os mais velhos, sobretudo os rapazes (com exceção de bloquear *pop-ups* e bloquear mensagens com quem não se pretende conversar), tendem a declarar saber fazer mais coisas relacionadas com segurança *online*.
- Por seu lado, as competências de comunicação variam de acordo com as práticas consideradas: fazer *upload* de imagens, vídeos ou música é comum a dois terços dos internautas, ao passo que práticas que envolvem a produção de conteúdos próprios, como criar um blogue, são comuns a menos de metade, em sintonia com o que vimos a respeito das atividades *online*. Embora variem com a idade e o género, estas competências apresentam um padrão um pouco distinto: as diferenças etárias seguem a mesma tendência, porém de sentido inverso no que respeita ao género: são as raparigas mais velhas a apresentar valores ligeiramente mais elevados, particularmente no caso da criação de blogues, sendo apenas entre o grupo etário mais jovem que as diferenças de género são favoráveis aos rapazes.
- Assim, embora grande parte das crianças e jovens detenham competências que lhes permitem tirar partido dos recursos disponíveis na internet, a verdade é que uma parte significativa (sobretudo os mais jovens) parece não possuir os conhecimentos necessários para avaliar criticamente a informação que encontra *online* ou para ser capaz de gerir as definições dos conteúdos que utiliza, com implicações evidentes ao nível dos seus usos seguros da internet.
- Os valores reportados pelas crianças e jovens portugueses situam-se, para todos os indicadores de competências digitais considerados, acima da média europeia.
- Em 2010, as crianças e jovens inquiridos afirmaram ter ligeiramente mais competências do que as ouvidas nesta pesquisa. Porém, os dados anteriores não contemplam informação sobre crianças de 9 e 10 anos, o que afeta o valor global.

5.3 Número médio de competências

Gráfico 6: Número médio de competências relacionadas com o uso da internet (do total de 12)



Q26 a-d, Q27 a-h: Quais das seguintes coisas sabes fazer? (Média a partir de 12 itens)

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- As competências, como no caso do acesso, mas não no das atividades, são um domínio em que as formas tradicionais de diferenciação se manifestam. Os rapazes e os adolescentes mais velhos afirmam ter mais competências. Isto pode dever-se, em parte, a uma questão de maior autoconfiança, mas, ainda assim, sugere uma clara necessidade de direcionar o ensino de competências do uso da internet e de meios móveis para as raparigas e para os mais novos. Estas diferenças de género e idade seguem o mesmo padrão do resto da Europa. No entanto, o número de competências indicadas é superior, particularmente entre os jovens de 15-16 anos (8,7, no caso da média europeia).
- As diferenças de estatuto socioeconómico são pequenas, notando-se, no entanto, uma ligeira tendência para as crianças de famílias de ESE baixo reportarem mais competências do que as de ESE médio e alto, ao contrário da média europeia (5,6 contra 6,2 e 6, respetivamente).
- No geral, as crianças e adolescentes portugueses afirmam deter, em média, maior número de competências do que os seus pares europeus, para uma média de 5,9 e um valor mínimo de 5,1, em Itália.

5.4 Competências relacionadas com smartphones e tablets

Embora as competências acima referidas sejam relevantes para o uso da internet em qualquer tipo de plataforma, foram colocadas no inquérito perguntas específicas sobre competências de utilizadores de dispositivos móveis.

- A quase totalidade das crianças e adolescentes declara possuir competências básicas de utilização do seu smartphone, como saber fazer um vídeo ou tirar um foto e saber ligar o seu dispositivo a uma rede *wifi*. As variações por idade apenas se fazem notar de modo significativo neste segundo caso e, principalmente, se tivermos em conta as raparigas mais novas. No resto, as diferenças são nulas ou reduzidas.
- Fazer o *download* de aplicações ou atualizar o estatuto numa rede social são igualmente competências reportadas por 85% ou mais internautas. Uma vez mais, estas são competências que variam com a idade e género: são mais comuns entre os mais velhos e os rapazes, sobretudo se considerarmos o grupo etário mais novo.
- Um pouco abaixo deste valor encontram-se competências com repercussões ao nível da segurança: saber proteger o *smartphone* com uma palavra passe e saber encontrar informação sobre como utilizar o seu equipamento de forma segura. Em ambos os casos, detetamos um efeito do género de

ordem inversa: nos mais velhos são as raparigas a declarar possuir um pouco mais estas competências, nos mais novos verifica-se o efeito contrário.

- Aproximadamente três quartos das crianças e adolescentes afirmam saber escolher diferentes aplicações, comparando as suas funções, desativar a localização geográfica dos aparelhos e bloquear as notificações de diferentes aplicações. De um modo geral, mantém-se o anterior padrão do efeito etário e de género, com a exceção de praticamente ausência de diferença entre rapazes e raparigas no que respeita a comparar diferentes aplicações (nos mais novos) e a desativar a função de localização geográfica (nos mais velhos).
- Três quintos dos internautas afirmam possuir competências que remetem para a utilização integrada de diferentes equipamentos, mantendo os mesmos documentos, contactos e aplicações em diferentes dispositivos. São sobretudo os mais velhos e os rapazes a declararem possuir esta competência.
- Um pouco mais de metade sabe bloquear *pop-ups* que promovem aplicações, jogos ou serviços pagos. Também aqui se notam diferenças de idade e género, embora menos pronunciadas do que nos restantes casos.
- Confirmando a tendência anterior, as crianças e jovens portugueses afirmam ter competências relacionadas com o uso de *smartphones* ou *tablets* acima da média europeia: oito, num total de 11, enquanto o número médio é de 7,5.

Quadro 18: Competências relacionadas com o uso de *smartphones* e *tablets*, por idade e género (%)

	9-12 anos		13-16 anos		
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Todos
% quem diz que sabe...					
Fazer o <i>download</i> de aplicações	87	62	98	93	89
Ligar a um rede <i>wifi</i> no <i>smartphone</i> , <i>tablet</i>	95	71	100	100	95
Ter os mesmos documentos, contactos e aplicações em todos os dispositivos que usa	68	47	74	52	59
Comparar diferentes aplicações com funções similares para escolher aquela que é a mais confiável	63	64	85	79	76
Desativar a função que mostra a localização geográfica	69	47	83	84	76
Bloquear notificações de diferentes aplicações	74	46	85	72	72
Bloquear <i>pop-ups</i> que promovam aplicações, jogos ou serviços pelos quais se tem que pagar	54	49	57	60	56
Proteger um <i>smartphone</i> com uma palavra passe, com um padrão de ecrã	82	61	85	90	83
Encontrar informação sobre como usar o <i>smartphone</i> de modo seguro	74	64	85	89	83
Atualizar status na rede social mais utilizada	78	56	94	91	85
Tirar uma foto ou fazer um pequeno vídeo com um <i>smartphone</i> e postar isso em uma rede social	100	96	100	95	97

Q28 a, Q28 c, Q28 e, Q29 b: Quais das seguintes coisas sabes fazer?

Base: Todas as crianças que possuem ou têm acesso a um *smartphone* ou *tablet* para uso próprio.

6. Riscos e dano

A investigação sobre riscos na internet e crianças aumentou consideravelmente nos últimos anos.¹⁵ Em 2010, o inquérito do projeto *EU Kids Online* forneceu os primeiros resultados comparados sobre o tema, mapeando a incidência de riscos em crianças e adolescentes (9-16 anos) de 25 países europeus. Uma das preocupações da abordagem definida pelo projeto foi a de distinguir claramente *experiências de risco* do que pode ser considerado como *dano*. Como se pôde concluir dos resultados, nem todas as experiências de risco se traduzem em dano, sendo necessário identificar que crianças encontram que tipo de riscos e como lidam com os mesmos.¹⁶

Tendo em conta que a vida das crianças – e a internet – se encontra em mudança, continua a ser importante analisar a incidência tanto do risco como do dano, identificando alterações de padrões, práticas e problemas.

Tal como no projeto *EU Kids Online*, no inquérito *Net Children Go Mobile* os riscos foram cuidadosamente descritos às crianças de modo a garantir a fiabilidade da sua tradução para diferentes línguas nacionais, evitando a utilização de termos associados habitualmente com o “pânico” gerado nos *media* (p. ex. pornografia, pedofilia, *cyberbullying*)

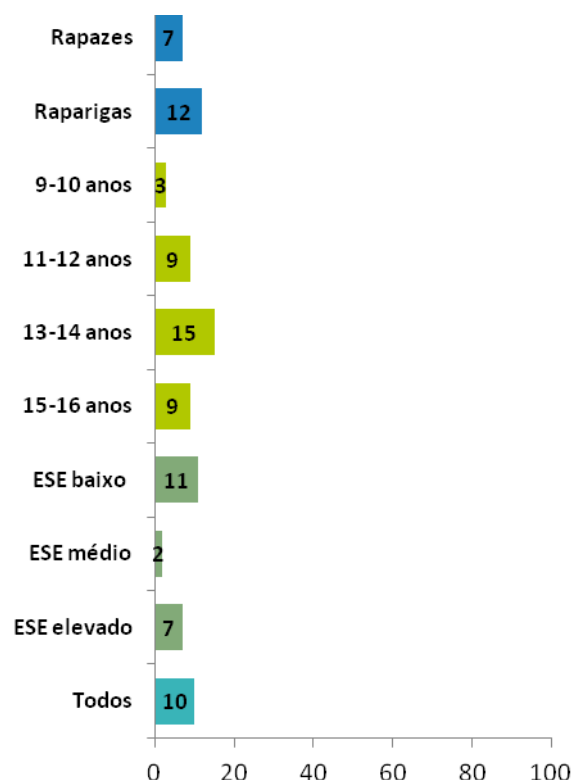
Tendo começado por descrever um risco para averiguar se a criança se deparou com o mesmo, perguntou-se de seguida se esta tinha ficado “incomodada”, sendo “incomodado” definido como *“alguma coisa que te fez sentir desconfortável, chateado ou pensar que não a deverias ter visto”*.

No desenho do questionário, antes de perguntar alguma questão às crianças sobre um risco particular, perguntou-se se alguma coisa na internet as tinha perturbado nos últimos doze meses. O objetivo desta questão foi o de obter

uma estimativa geral de dano, tal como é reportado pelas crianças, antes de estas ficarem a conhecer o interesse do estudo por riscos específicos, evitando assim o eventual efeito de enviesamento na estimativa pretendida.

6.1 Perceção geral de risco e dano

Figura 7: Experiências *online* que incomodaram as crianças, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q30: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste ou tiveste experiência com alguma coisa na internet que te tivesse incomodado de alguma maneira? Por exemplo, que te fizesse sentir desconfortável, chateado ou pensar que não a deverias ter visto?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

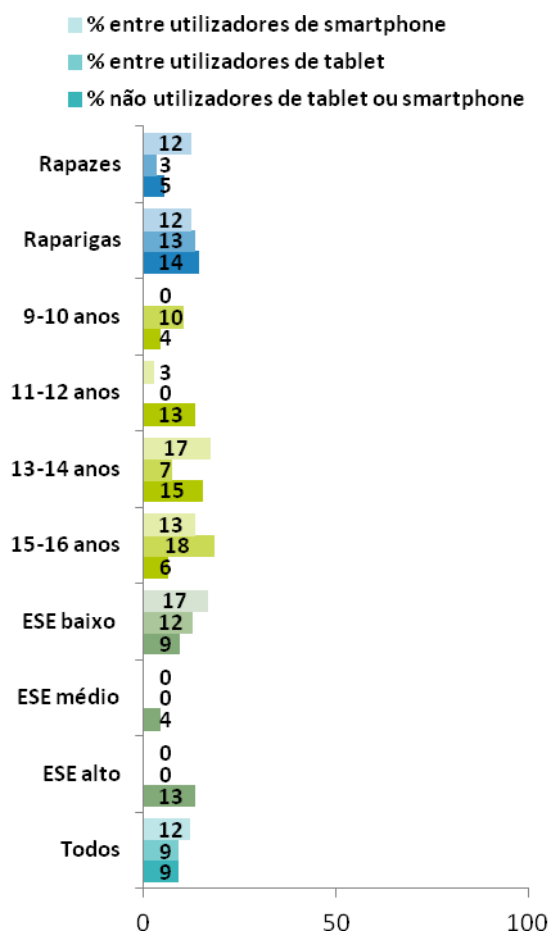
- Em termos gerais, apenas 10% das crianças e adolescentes responderam ter ficado incomodados, desconfortáveis ou chateados por alguma coisa na internet no último ano. Tais experiências são mais referidas pelas raparigas, pelos mais velhos (atingindo o seu valor mais elevado nos 13-14 anos), e no caso de famílias de meios socioeconómicos baixos (com reduzida incidência nas famílias com ESE médio).

¹⁵ Para uma revisão dos estudos europeus sobre o tema, ver Ólafsson *et al.* (2013).

¹⁶ Ver Livingstone *et al.* (2012).

- Nos restantes sete países, o valor geral é de 17%, com oscilação entre 6% das crianças e adolescentes italianos e 39% dos seus pares dinamarqueses.
- Comparando estes resultados com os de 2010, constatamos que existe um aumento da proporção de crianças e adolescentes que reportam ter ficado incomodadas com situações problemáticas na internet nos seguintes países: Dinamarca (de 28% para 39%), Irlanda (de 11% para 20%) e Roménia (de 21% para 27%); outras subidas, ainda que mais pequenas, registaram-se no Reino Unido (de 13% para 15%) e Portugal (de 7% para 10%). Parecem ter diminuído ou permanecido mais ou menos estáveis na Bélgica (de 10% para 9%) e Itália (igualmente com 6% em 2010).

Figura 8: Experiências na internet que incomodaram as crianças, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (utilizadores de internet móvel versus não utilizadores) (%)



Q30: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste ou tiveste experiência com alguma coisa na internet que te tivesse incomodado de alguma maneira? Por exemplo, que te fizesse sentir desconfortável, chateado ou pensar que não a deverias ter visto?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Em termos gerais, as diferenças entre utilizadores e não utilizadores de meios móveis apenas se fazem notar no caso dos *smartphones*. Estes resultados só em parte confirmam a tendência geral dos resultados europeus, que apontam para uma clara diferença entre utilizadores de meios móveis e não móveis,¹⁷ revelando a tendência para que maiores riscos estejam associados a maiores oportunidades de utilização e competências

¹⁷ 25% e 24%, respetivamente, para *tablets* e *smartphones*, contra 12%, para quem não utiliza estes meios.

digitais, neste caso através de meios móveis.¹⁸

- Em termos de género, os rapazes parecem enquadrar-se na tendência geral para maior alusão a experiências perturbadoras através de *smartphone*; nas raparigas estas diferenças são praticamente impercetíveis (ou com tendência ligeiramente superior entre não utilizadores).
- Na idade, são os mais velhos, utilizadores de meios móveis, a referirem este tipo de experiências, o que se encontra ausente no caso dos mais novos, podendo ser explicado pela própria utilização diferenciada por idade.
- No que respeita às diferenças socioeconómicas, é apenas entre famílias de ESE baixo que este tipo de experiências é referido por utilizadores de meios móveis, sobretudo *smartphone*, por contraste com as crianças de famílias de ESE alto, onde tal só é referido por não utilizadores de meios móveis.

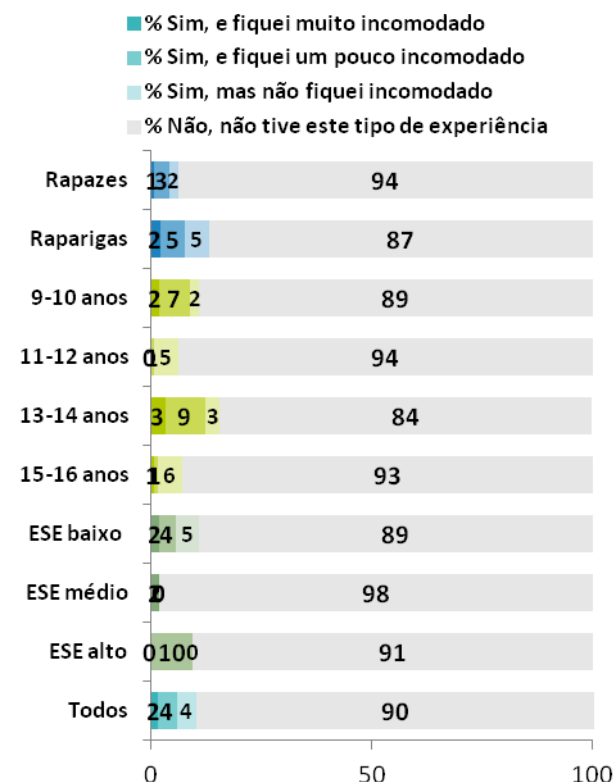
6.2 Bullying

No inquérito, “*bullying*”¹⁹ foi definido da seguinte forma:

“Por vezes, as crianças e os adolescentes dizem ou fazem coisas desagradáveis ou que incomodam alguém e isso pode acontecer, por exemplo, várias vezes em diferentes dias, durante um certo período de tempo. Por exemplo: provocar alguém de uma forma que ela não gosta; bater, dar pontapés ou empurrar alguém; deixar alguém de fora de coisas, de forma intencional. Quando as pessoas são maldosas ou desagradáveis com alguém desta forma, isso pode acontecer: pessoalmente, cara a cara (uma pessoa que esteja contigo no mesmo local ao mesmo tempo); através de telemóvel (mensagens, chamadas, vídeo clips); na internet (e-mail, mensagens instantâneas, redes sociais, salas

de chat) em qualquer equipamento que uses para estar online.”

Figura 9: Criança foi vítima de *bullying* online ou offline nos últimos 12 meses, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q32: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, alguém te tratou desta forma? Se sim, até que ponto ficaste perturbado(a) com o que aconteceu?
Base: Todas as crianças utilizadoras da internet.

- Em termos globais, considerando *bullying* offline e online em conjunto, constatamos que apenas uma em 10 crianças refere ter tido esta experiência. Apenas 6% afirmam ter ficado incomodadas com o sucedido. A incidência de *bullying* é um pouco mais elevada nas raparigas (13%) e nas crianças (9-10 anos) e adolescentes de idade intermédia (13-14 anos). A nível socioeconómico as diferenças polarizam-se: todos os internautas de ESE elevado referem ter ficado um pouco incomodados com a situação; entre os internautas de ESE baixo, um pouco mais de metade dos que reportam esta experiência refere ter ficado incomodado com a mesma.

¹⁸ Ver Livingstone et al. (2012).

¹⁹ Não existe um termo único, na língua portuguesa, que traduza directamente a noção de “*bullying*”. Todavia, em virtude da sua crescente utilização nos *media*, a palavra inglesa tem sido adotada em diferentes contextos, incluindo no meio académico.

- Os restantes países europeus apresentam a mesma tendência, mas com valores acima de Portugal: 23%. A Dinamarca e a Roménia registam as percentagens mais elevadas (respetivamente, 39% e 41%).
- Em 2010, a incidência média de *bullying* (*online* e *offline*) nos países europeus era de 19%, abaixo, portanto, do valor atual. No caso português, o valor reportado era dos mais baixos (9%), sendo residual a percentagem dos que experienciaram algum tipo de *bullying online* (2%).

Quadro 19: Modo como a criança foi vítima ou perpetradora de *bullying* ou *cyberbullying* nos últimos 12 meses (utilizadores móveis de internet versus não utilizadores) (%)

%	Utilizadores de smartphone	Utilizadores de tablet	Não utilizadores	Todos
Foram vítimas de <i>cyberbullying</i> através de algum meio	8	8	3	5
Foram vítimas de <i>bullying</i> pessoalmente, cara a cara	1	3	8	5
Tiveram algum comportamento de <i>cyberbullying</i> através de algum meio	6	4	0	2
Tiveram algum comportamento de <i>bullying</i> pessoalmente, cara a cara	2	3	2	2

Q33: Se alguém te tratou desta forma, como é que aconteceu?

Q34: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, tiveste alguma vez este tipo de comportamento com alguém e, se sim, de que forma é que o fizeste? (Resposta de escolha múltipla)

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Embora os valores sejam globalmente baixos, através dos dados apresentados, podemos constatar que os utilizadores de *smartphones* e *tablets* estão mais expostos tanto à situação de vítima como de perpetrador de *cyberbullying*.
- Importa assinalar diferenças entre utilizadores e não utilizadores de meios móveis quanto às diferentes situações de *bullying*: os utilizadores de meios móveis reportam mais terem sido vítimas de *cyberbullying*, ao passo que os não utilizadores afirmam mais ter sofrido *bullying*

cara a cara.

- Enquanto autores de comportamentos de *bullying*, não existe distinção entre utilizadores e não utilizadores de meios móveis nas situações cara a cara, ao passo que os utilizadores de meios móveis (particularmente de *smartphones*) se destacam no *cyberbullying*.
- Estes valores portugueses apresentam um padrão semelhante ao dos restantes países europeus.

6.3 Mensagens sexuais²⁰

Existem dados que confirmam que as crianças e os adolescentes estão a usar a internet e os telemóveis como parte das suas explorações e interações sexuais.²¹ Estas práticas são usualmente designadas de "*sexting*" (amálgama formada pelos termos ingleses "*sex*" e "*texting*"), e têm sido definidas de modos variados.

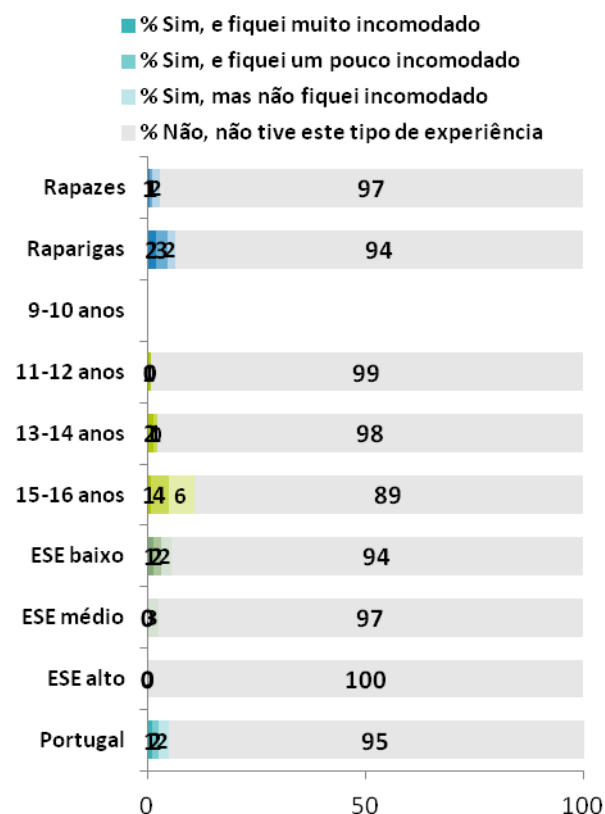
Neste inquérito, "*sexting*" foi definido como "mensagens ou imagens de cariz sexual" e o contexto da pergunta foi assim colocado: "*Com isto queremos falar sobre ter relações sexuais, imagens de pessoas nuas ou a ter relações sexuais. Agora temos algumas perguntas sobre isto. Pensa sobre todas as formas como usas a internet e o teu telemóvel/smartphone*".

Mais especificamente foi perguntado aos maiores de 11 anos: "*nos últimos 12 meses, recebeste mensagens sexuais deste tipo (podem ser de texto, imagens ou vídeos)?*".

²⁰ Por razões éticas, estas questões não foram colocadas a crianças de 9-10 anos.

²¹ Lenhart (2009); Livingstone *et al.* (2011).

Figura 10: Criança recebeu mensagens sexuais (11 anos +), por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)²²



Q42: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, recebeste mensagens sexuais deste tipo (podem ser de texto, imagens ou vídeos)?

Base: Todas as crianças dos 11 aos 16 anos que usam a internet.

- Em termos globais, a incidência de *sexting* é muito reduzida: apenas 5% das crianças e adolescentes portugueses afirmam ter experienciado esta situação, e apenas 3% sentiram-se incomodados com o sucedido. Este valor de incidência do *sexting* situa-se abaixo da média europeia (11%), que oscila entre os 5% (Itália, Reino Unido, Portugal) e os 21% (Roménia) e 22% (Dinamarca).
- As raparigas referem um pouco mais do que os rapazes receber este tipo de mensagens. Também os adolescentes mais velhos (15-16 anos) parecem deparar-se mais com esta situação. A nível socioeconómico, destacam-se os internautas de famílias de ESE baixo.
- Como se verifica no Quadro 20, as redes sociais

²² Por razões éticas, estas questões não foram colocadas às crianças de 9-10 anos.

destacam-se como a principal via de acesso aos conteúdos de cariz sexual, sendo os utilizadores de meios móveis quem mais refere receber este tipo de mensagens.

Quadro 20: Modo através do qual as crianças receberam mensagens sexuais nos últimos 12 meses (utilizadores de meios móveis versus não utilizadores, 11 anos e +) (%)

	Utilizadores de smartphones	Utilizadores de tablets	Não utilizadores	Todos
Através de sms	2	1	0	1
Num site de redes sociais	7	9	1	4

Q43: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, se recebeste alguma mensagem deste tipo, como é que aconteceu? (Resposta múltipla).

Base: Todas as crianças dos 11 aos 16 anos que usam a internet.

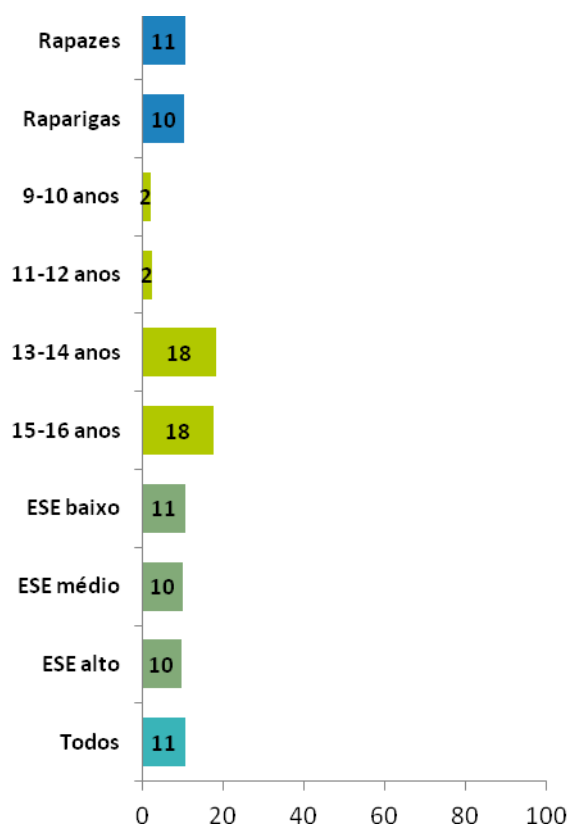
- Em 2010, os resultados portugueses apontavam para 15%. A descida em 2014 revela uma aparente diminuição na receção deste tipo de mensagens, e que acompanha a tendência geral europeia (de 15% para 11%).

6.4 Conhecer novas pessoas

Uma das principais ansiedades relacionadas com a comunicação *online* dos mais jovens diz respeito ao “medo dos desconhecidos” (“*stranger danger*”), isto é, a ideia de que as crianças podem conhecer alguém *online* e serem persuadidas a encontrar-se com as mesmas *offline*, acabando por ser abusadas num encontro face a face. Ainda que tais incidentes possam ocorrer, a investigação anterior sugere que estes casos são raros quando comparados com a proporção de crianças que afirmam encontrar-se pessoalmente com alguém que conheceram na internet.²³

²³ Barbovski *et al.* (2012).

Figura 11: Crianças que contactaram com alguém na internet que não conheciam anteriormente cara a cara, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q37: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, contactaste com alguém na internet com quem nunca estiveste cara a cara? Este contacto pode ter sido por *email*, em salas de *chat*, redes sociais, mensagens instantâneas ou *sites* de jogos e através de *tablet*, computador, *smartphone*...

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- **11% das crianças e adolescentes portuguesas referem que contactaram *offline* com alguém que apenas conheciam previamente através da internet.** As diferenças etárias são acentuadas, existindo uma clivagem evidente entre quem tem menos de 13 anos e acima desta idade. Não se registam diferenças significativas quer ao nível do género, quer ao nível da origem socioeconómica.
- Dos países europeus considerados neste estudo, Portugal é aquele onde as crianças e adolescentes menos referem este tipo de contactos, para uma média europeia de 26%. O valor máximo é de 49%, na Dinamarca, seguido muito de perto pelo da Roménia (41%).

- Estes valores revelam-se mais baixos do que os observados em 2010, tanto no caso de Portugal (16%) como no da média europeia (30%).

- Importa assinalar que, em termos gerais, nenhuma criança ou adolescente português referiu ter ficado incomodado com este tipo de contacto. No resto dos países europeus, apesar de o valor ser, em geral, muito baixo, é mencionado algum tipo de incómodo (3%, em média).

Figura 12: Crianças que se encontraram cara a cara com alguém que conheceram primeiro na internet, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



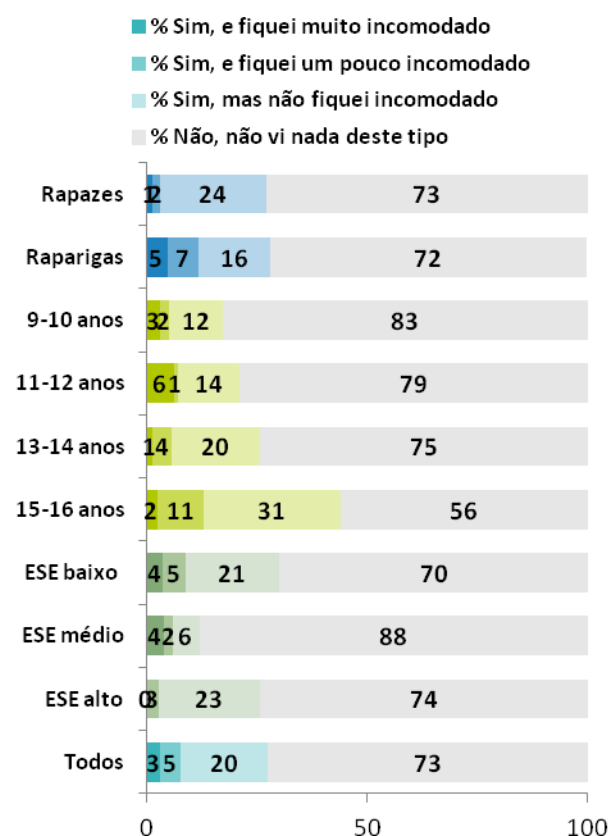
Q37: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, alguma vez te encontraste cara a cara com alguém que conheceste primeiro na internet e, se sim, ficaste perturbado(a) com o que aconteceu ou desejaste que o tivesses feito?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

6.5 Imagens sexuais

Partindo da metodologia do inquérito *EU Kids Online*, as questões sobre pornografia foram introduzidas da seguinte forma: “No último ano, viste muitas imagens diferentes – imagens, fotografias, vídeos. Algumas vezes, estas imagens podem ter sido de carácter sexual – por exemplo, mostrando pessoas a ter relações sexuais ou pessoas nuas em poses sensuais. Podes nunca ter visto nada assim ou podes ter visto alguma coisa assim num telemóvel, numa revista, na TV, num DVD ou na internet, em qualquer equipamento que uses para estar online.”

Figura 13: Crianças que viram imagens sexuais (online ou offline) nos últimos 12 meses, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q35: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste alguma coisa deste tipo e, se sim, até que ponto ficaste incomodado(a) com o que viste?
Base: Todas as crianças de 11 a 16 anos que usam a internet.

- 27% das crianças e adolescentes portugueses declaram ter visto imagens sexuais nos últimos 12 meses, *online* ou *offline*. Esta prática é mais comum entre os adolescentes (sobretudo de

15-16 anos) e entre crianças e adolescentes de ESE baixo, sendo a proporção dos que não respondem não ter ficado incomodados significativa em ambos os casos. Em termos de género, as raparigas tendem a ficar mais incomodadas do que os rapazes com este tipo de imagens.

- Este valor encontra-se próximo da média europeia (28%), que oscila entre os 52% na Dinamarca e os 17% no Reino Unido.
- Os dados de 2010 revelam uma exposição ligeiramente inferior a este tipo de imagens (24%) da parte das crianças e adolescentes portugueses, acompanhando a tendência geral europeia (23%). Regista-se, portanto, um aumento na exposição a este tipo de conteúdos em 2014.

Quadro 21: Modo através do qual as crianças viram imagens sexuais, por idade (%)

	Idade				Todos
	9-10	11-12	13-14	15-16	
%					
Numa revista ou livro	9	0	5	7	5
Na televisão, num filme	14	12	12	28	16
Numa plataforma de partilha de vídeos	0	1	4	3	2
Numa plataforma de partilha de fotos	0	0	1	4	1
Através de pop-ups na internet	1	1	1	2	1
Em redes sociais	8	8	8	11	9
Através de mensagens instantâneas	0	0	1	3	1
Numa sala de chat	0	0	0	1	0,2
Através de e-mail	0	0	0	1	0,2
Em sites de jogos	0	0	0	0	0

Q36: Se viste imagens deste tipo, onde é que as viste? (Resposta múltipla).

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- A forma mais comum de exposição a imagens de teor sexual acontece através da televisão ou de filmes (16%), revelando a importância que os meios de comunicação audiovisuais clássicos continuam a ter na disseminação deste tipo de imagens. As redes sociais são o

meio indicado em segundo lugar, estando bastante abaixo (9%). Em ambos os casos, existe um claro efeito da idade: os adolescentes mais velhos tendem a estar mais expostos a este tipo de imagens. À exceção das revistas e livros, referidos por 5%, os restantes meios parecem ter uma importância residual, que, em todo o caso, se acentua sempre entre os adolescentes de 15-16 anos.

- Em termos gerais, a tendência é idêntica nos restantes países europeus considerados, com a televisão/ filmes (11%) e as redes sociais (7%) em destaque, a que acrescem os *pop-ups* (7%) e as plataformas de partilha de imagens/ vídeos (5%).

Quadro 22: Modo através do qual as crianças viram imagens sexuais (utilizadores de internet móvel versus não utilizadores) (%)

%	Entre utilizadores de smartphones	Entre utilizadores de tablet	Não utilizadores
Na televisão, num filme	13	6	21
Através de <i>pop-ups</i> na internet	2	1	1
Em redes sociais	10	8	9

Q36: Se viste imagens deste tipo, onde é que as viste? (Resposta múltipla).

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- A utilização de meios móveis não parece intensificar de modo significativo a exposição a este tipo de imagens, sobretudo no caso do acesso através da televisão ou de filmes, onde os não utilizadores destes meios se destacam. Os utilizadores de *smartphones* apresentam valores mais elevados quando comparados com os de *tablets*.
- Estes dados encontram-se parcialmente de acordo com os resultados gerais europeus, distanciando-se apenas no que respeita à televisão/filmes, onde os não utilizadores de meios móveis apresentam um valor abaixo (9% contra 13%) dos valores dos utilizadores de *smartphones*.

6.6 Outros conteúdos inapropriados

Os *media* sociais permitiram a criação, sem precedentes, de conteúdos gerados pelos utilizadores (CGU). Embora a criação e partilha de conteúdos seja uma oportunidade evidente da chamada web 2.0 e uma componente importante da literacia digital, alguns CGU podem ser considerados problemáticos: conteúdos que promovem distúrbios alimentares, conteúdos de incentivo à automutilação ou ao consumo de drogas, ou ainda materiais que promovem discriminação e violência contra certos grupos, são exemplos de conteúdos negativos gerados pelo utilizador (CNGU).

- Como revela o Quadro 23, 10% das crianças e adolescentes portugueses viram um ou mais destes tipos de conteúdos. À cabeça desta lista, encontra-se a publicação de mensagens que atacam certos grupos (8%), seguida de conteúdos que falam sobre ou que sugerem formas de automutilação (6%) e de conteúdos que incentivam distúrbios alimentares (5%). Em Portugal, estes são, em todo o caso, valores bastante reduzidos, abaixo da média europeia (respetivamente, 20%, 11% e 13%), onde um quarto dos internautas refere ter encontrado um ou mais tipos de conteúdos considerados potencialmente danosos.
- Importa notar o efeito da idade na exposição a estes tipos de conteúdos, sobretudo do grupo etário dos 13-14 anos.
- A exposição a estes tipos de conteúdos diminuiu ligeiramente em relação a 2010 (de 15% para 10%), ao contrário da média europeia que aumentou de 21% para 25%.

Quadro 23: Criança viu conteúdos potencialmente danosos criados pelo utilizador nos últimos 12 meses, por idade (11+)²⁴ (%)

% Viram sites nos últimos 12 meses onde...	Idade				Todos
	9-10	11-12	13-14	15-16	
Falam ou comentam de que forma se podem ferir fisicamente (a si próprios)	n/d	1	12	4	6
Falam e comentam de que forma se pode cometer suicídio	n/d	0	7	2	3
Incentivam distúrbios alimentares (como ficarem muito magrinhas, anoréticas ou bulímicas)	n/d	0	11	4	5
Publicam mensagens que atacam certos grupos ou indivíduos (p. ex. racismo ou ataques contra a religião)	n/d	1	14	8	8
Falam ou partilham experiências com drogas	n/d	1	8	4	4
Viu algum conteúdo deste tipo em sites	n/d	2	17	10	10

Q44: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, viste sites em que as pessoas...
Base: Todas as crianças de 11 a 16 anos que usam a internet.

6.7 Outros riscos

Outros riscos considerados no inquérito incluem: riscos comerciais, como perder dinheiro por ser vítima de fraude na internet; riscos técnicos, como vírus e *software* malicioso; e riscos relacionados com a utilização inapropriada de informação pessoal, incluindo a violação da conta do perfil de rede social, criação de perfis falsos, ou alguém fazer-se passar por outra pessoa. Embora a literatura sobre o assunto seja escassa, estes incidentes merecem a nossa atenção.

²⁴ Por razões éticas, as questões sobre este tipo de conteúdos não foram perguntadas às crianças de 9-10 anos.

Quadro 24: Criança teve outras experiências negativas nos últimos 12 meses, por idade (%)

% de crianças que experienciaram...	Idade				Todos
	9-10	11-12	13-14	15-16	
Alguém usou a sua informação pessoal de uma forma de que não gostou	1	0	4	2	2
O computador apanhou vírus	4	12	19	23	15
O telemóvel/ <i>smartphone</i> apanhou vírus	0	0	1	2	1
Perdeu dinheiro ao ser enganado na internet	0	0	2	0	1
Alguém usou a sua <i>password</i> / usou o seu telemóvel/ acedeu ao seu telemóvel para aceder à sua informação ou para se passar por si	0	0	8	7	4
Experimentaram um ou mais dos anteriores riscos	8	15	27	18	19

Q45: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, alguma das seguintes coisas te aconteceu na internet/ no teu *smartphone*/ telemóvel?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- 19% das crianças e adolescentes reportaram ter experimentado um ou mais riscos apontados no inquérito. O mais comum, e no topo das preocupações dos internautas, é a exposição a vírus (15%). Este risco apresenta uma forte variação com a idade, crescendo de forma evidente da infância para a adolescência. O resultado da exposição a outras experiências negativas encontra-se em consonância com a tendência europeia, estando um pouco abaixo da média (21%).
- Os restantes tipos de riscos apresentam valores bastante inferiores, quase residuais. Destacam-se a utilização indevida da *password* de acesso ao telemóvel e a utilização abusiva da informação (4%). Também aqui a variação por idade é evidente, em grande medida pela menor utilização de telemóvel pelos mais novos. Uma vez mais, faz-se notar a semelhança dos resultados com a média europeia (5%) e a mesma tendência etária. No caso europeu, evidencia-se também o uso abusivo de informação pessoal (4%).

6.8 Lidando com os riscos

Quando as crianças se deparam com uma experiência negativa ou problemática na internet aplicam estratégias para lidar com essa situação e reduzir o *stress* emocional e psicológico.²⁵ É geralmente reconhecido que a procura de ajuda e apoio social constitui a estratégia mais eficaz, embora as crianças e adolescentes recorram a uma panóplia de estratégias para gerir as consequências de uma situação problemática.²⁶

Quadro 25: Crianças que muito provavelmente fariam sobre coisas que as incomodam na internet, por idade e sexo (%)

%...	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Pai	68	78	48	30	53
Mãe	76	93	52	55	68
Irmão ou irmã	33	55	22	34	36
Outros familiares	12	23	16	12	15
Amigos	26	16	31	49	32
Professores	28	13	13	24	20
Outra pessoa cujo trabalho é ajudar crianças e adolescentes	14	23	7	11	14
Outros adultos em quem confiam	10	17	4	7	9
Falariam pelo menos com um dos anteriores	83	94	71	76	80

Q48: Se tivesses uma experiência na internet (ou quando estás online com diferentes equipamentos), que te incomodasse ou perturbasse, até que ponto seria provável que falasses com as seguintes pessoas?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Em termos gerais, os progenitores, o pai (53%) e particularmente a mãe (68%), são a principal fonte de apoio quando algo incomoda as crianças e adolescentes *online*. Os irmãos vêm em segundo lugar (36%), seguidos de perto pelos amigos (32%). Os professores são referidos por um quinto dos internautas portugueses.
- As raparigas tendem a declarar mais vezes a

procura de apoio do que os rapazes, em ambas as faixas etárias consideradas. A procura do apoio dos progenitores é mais acentuada entre os mais novos e entre as raparigas, particularmente no caso das mães. Os amigos são mais procurados pelos mais velhos, especialmente pelas raparigas, ao passo que os irmãos são mais procurados pelos mais novos, sobretudo no caso das raparigas. A procura do apoio dos professores varia em sentido inverso relativamente ao género em função da idade: nos mais novos, a procura é sobretudo dos rapazes; nos mais velhos, a procura é essencialmente das raparigas.

- Quando comparadas com o resto dos países, as crianças portuguesas são as que mais mencionam procurar apoio de alguém (80%), para uma média de 67% e um valor mínimo de 56% (Dinamarca).

²⁵ Vandoninck *et al.* (2013).

²⁶ Livingstone *et al.* (2011).

7. Uso excessivo e dependência

O medo de que as crianças possam perder o controlo sobre o uso dos novos *media* é uma componente central do pânico moral gerado à volta da internet e dos telemóveis. A noção de “adição da internet” tem sido largamente debatida, embora a ausência de dados seguros tenha conduzido a que se fale, em alternativa, de “uso excessivo da internet” como algo que poderá ser ou não problemático para o utilizador.²⁷

Quanto mais os meios digitais se tornam parte das nossas vidas quotidianas, mais importante se torna pensar num equilíbrio entre riscos e oportunidades. Deste modo, em termos de medida, a simples métrica em torno das “horas passadas” com a tecnologia faz cada vez menos sentido, sendo preferível colocar perguntas diretas sobre benefícios e danos.

7.1 Perceção dos benefícios da utilização

- Como revela o Quadro 26, sentir-se menos aborrecido (86%) e mais próximo dos amigos (85%) são, de longe, as principais vantagens apontadas por crianças e adolescentes portugueses que possuem um *smartphone* quanto aos benefícios da sua posse. Em ambos os casos, estes valores correspondem ao dobro da média europeia (41% e 42%, respetivamente).
- Disponibilidade para estar em contacto com familiares e amigos (69%) e a organização das atividades quotidianas (67%) são outras duas vantagens destacadas pelos internautas. Estes valores encontram-se próximos da sensação de segurança proporcionada pelo aparelho móvel (64%).

²⁷ Smahel *et al.* (2012).

- A realização de trabalhos escolares e sentir-se mais próximo da família são referidos por um pouco mais de metade das crianças e jovens que possuem *smartphone*.

Quadro26: Gerindo a complexidade da vida quotidiana²⁸, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
%					
Desde que tenho um <i>smartphone</i> é mais fácil organizar as minhas atividades diárias	46	41	70	79	67
Graças ao meu <i>smartphone</i> , sinto-me mais próximo dos meus amigos	83	87	79	88	85
Graças ao meu <i>smartphone</i> , sinto-me mais próximo da minha família	30	61	62	59	56
Graças ao meu <i>smartphone</i> , sinto-me mais seguro	39	91	65	64	64
Desde que tenho o meu <i>smartphone</i> sinto que estou sempre disponível para a família e os amigos	48	50	79	75	69
Graças ao meu <i>smartphone</i> , é mais fácil fazer os meus trabalhos e casa e tarefas da escola	26	77	58	55	55
Graças ao meu <i>smartphone</i> , sinto-me menos aborrecido	91	78	87	85	86

Q50: Até que ponto as seguintes frases sobre ti são verdadeiras?

Base: Todas as crianças que possuem ou têm para uso pessoal um *smartphone*.

- As vantagens do *smartphone* variam de acordo com a idade e o género. Parecem ser os rapazes mais novos a sentir menor aborrecimento desde que têm esse dispositivo. As raparigas mais novas são quem assinala sentir mais segurança e também quem mais

²⁸ Apenas quem referiu que as frases/situações seguintes eram “muito ou um pouco verdadeiras” no seu caso.

parece utilizar o *smartphone* para realizar tarefas escolares (sendo o contraste com os rapazes mais novos particularmente notório). Por seu lado, tanto as raparigas como os rapazes mais velhos referem sentir que estão mais disponíveis para a família e os amigos. A possibilidade de organizar as atividades quotidianas é notada, sobretudo, pelos mais velhos, principalmente pelas raparigas.

7.2 Perceção de dano por uso excessivo

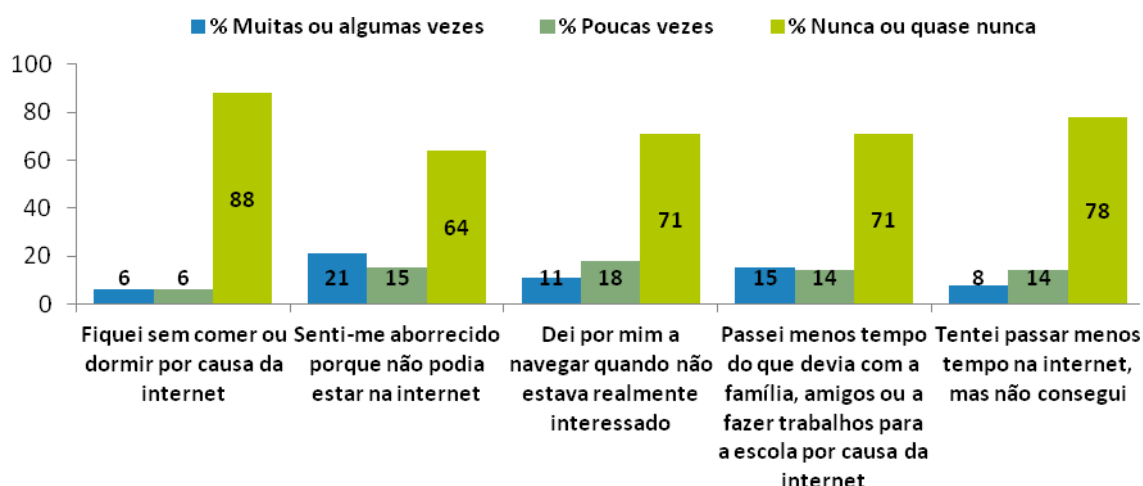
De modo a medir o uso excessivo e a avaliar o seu efeito potencialmente negativo para crianças e jovens, foram colocadas questões através das quais se especificam certas consequências.

A figura 14 identifica estas diferentes consequências e a sua incidência no que se refere ao uso da internet. Em termos gerais, a grande maioria não reporta nenhuma das consequências

de uso excessivo referidas.

- A grande maioria das crianças e jovens (88%) responde que nunca ou quase nunca ficou sem comer ou dormir por causa da utilização da internet. Mais de três em quatro utilizadores (78%) referem que consegue passar menos tempo na internet se o desejar. Em todo o caso, a “privação” do uso é sentida por cerca de um quinto dos internautas, referindo sentirem-se aborrecidos “algumas ou muitas vezes” por não poderem estar na internet, valor que sobe para mais de um terço se acrescentarmos os que referem esta situação como tendo ocorrido “poucas vezes”. Embora mais de dois terços refiram que nunca ou quase nunca deixaram de estar com a família e amigos, ou de realizar tarefas escolares por causa de estar *online*, a verdade é que cerca de um terço menciona esta consequência. O mesmo padrão verifica-se entre os internautas que afirmam navegar na internet mesmo sem estar interessados.

Figura 14: Uso excessivo da internet entre crianças (%)



Q46: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, com que frequência é que estas coisas te aconteceram?
Base: Todas as crianças que usam a internet.

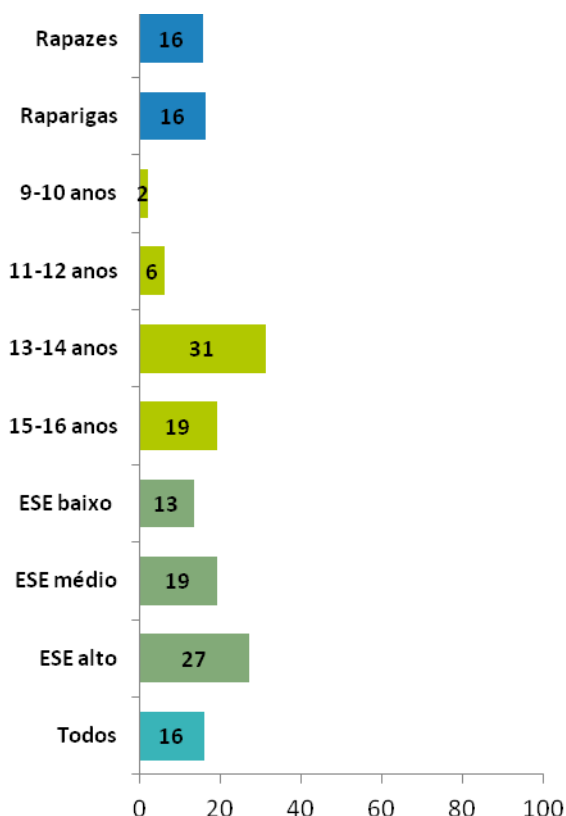
- Estes resultados encontram-se em sintonia com a média europeia, embora revelem, em termos gerais, valores mais baixos para os diferentes indicadores de uso excessivo que foram considerados. As diferenças são mais significativas na situação de passar menos

tempo com a família e amigos ou deixar de realizar tarefas escolares: 18% a nível europeu referem-no “muitas ou algumas vezes” e 24% “algumas vezes”, ou seja 42% se juntarmos os dois valores, enquanto em Portugal esse valor conjunto é de 31%. Passar menos tempo na internet sem conseguir desligar é referido por 15% dos internautas europeus como

ocorrendo “muitas ou algumas vezes” e por 21% “poucas vezes”, ou seja, 36% se agregarmos ambos. Esse valor agregado em Portugal situa-se em 22%.

A Figura 15 apresenta a variação por características demográficas para quem referiu “muitas ou algumas vezes” pelo menos uma das anteriores situações de uso excessivo da internet.

Figura 15: Criança experienciou uma ou mais formas de uso excessivo da internet muitas ou algumas vezes, por sexo, idade e ESE (%)



Q46: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, com que frequência é que estas coisas aconteceram contigo? O gráfico mostra crianças que responderam “muitas vezes” ou “algumas vezes” às anteriores afirmações.

Base: Todas as crianças que usam internet.

- A principal variação prende-se com a idade, embora não siga um padrão linear: existe uma clivagem evidente entre quem tem menos de 13 e os que se situam acima dessa idade, sendo precisamente na faixa etária dos 13-14 anos que se observa o valor mais elevado, praticamente o dobro da média. As diferenças de género são inexistentes. A variação

socioeconómica é significativa, revelando uma maior incidência de situações de uso excessivo entre crianças e jovens provenientes de famílias de ESE alto, o que pode ser associado a diferentes oportunidades de acesso.

- O resultado de 16% no valor dos que registaram uso excessivo é inferior à média europeia dos sete países do estudo (21%), que recolhe também grande diversidade. O valor mais baixo de uso excessivo ocorre em Itália (11%) e o mais elevado no Reino Unido (29%), estando próximo dos valores da Dinamarca (25%), Roménia (24%) e Irlanda (23%).

No que diz respeito ao *smartphone*, a limitação do uso excessivo encontra-se dificultada pelas características eminentemente individualizadas e personalizadas deste tipo de equipamento, a que acresce o seu atributo mais óbvio, a mobilidade. Com efeito, o *smartphone* tende a ser considerado como uma espécie de “extensão” do próprio corpo que pode ser facilmente armazenada no bolso e levada para qualquer lado.²⁹

- Este facto explica porque é que a maioria das crianças e adolescentes portugueses (59%) afirma “muitas ou algumas vezes” sentir necessidade de verificar o telemóvel para ver se alguma coisa aconteceu ou ficar aborrecida se não pode usar o *smartphone* porque este não ter bateria ou estar sem rede (54%).
- De igual modo, cerca de um quarto afirma que “muitas ou algumas vezes” dá por si a utilizar o telemóvel em situações/ locais onde o mesmo não é apropriado ou utilizar o *smartphone* sem estar realmente interessado, revelando a ubiquidade da utilização do telemóvel. A importância do telemóvel é igualmente confirmada por cerca de um quinto que afirma “passar muitas ou algumas vezes” menos tempo do que devia com a família e os amigos ou a realizar tarefas escolares, revelando um aparente efeito de concorrência ao nível das atividades e das formas de relacionamento. Talvez pelo reconhecimento da ‘intrusão’ do uso deste tipo de equipamentos em atividades

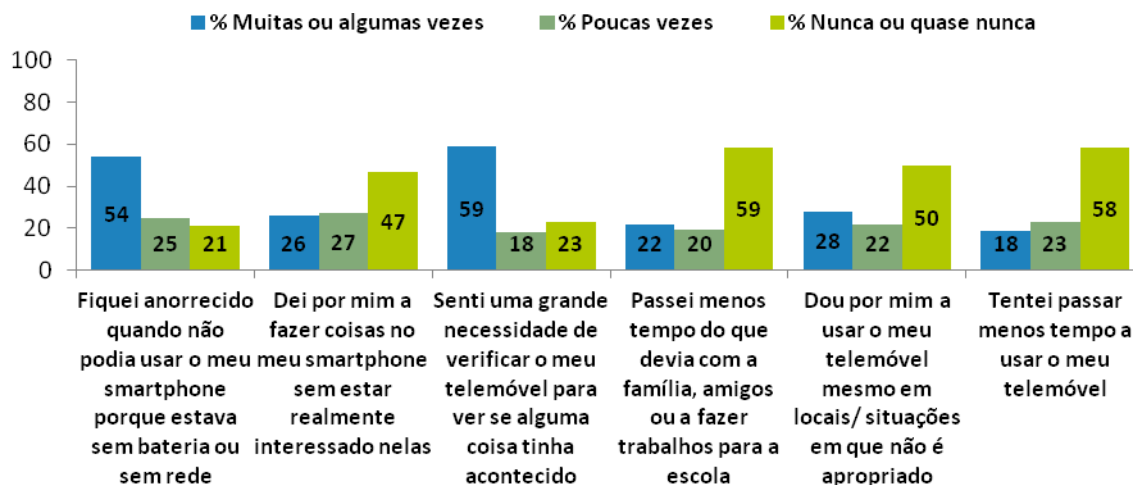
²⁹ Vincent e Fortunati (2009).

que se desenrolam em diferentes espaços e tempos quotidianos, um pouco menos de um quinto dos internautas portugueses responde ter tentado “muitas ou algumas vezes” passar menos tempo a utilizar o telemóvel (não obstante, mais de metade nunca ou quase nunca o tentou fazer).

- Estes dados encontram-se em acordo com a média europeia, embora com uma incidência menor das situações referidas no caso português. As únicas exceções dizem respeito a ficar aborrecido por não poder usar o *smartphone* por falta de rede ou bateria, que parece preocupar menos as crianças e

adolescentes europeus (38% referem fazê-lo “muitas ou algumas vezes”); e sentir grande necessidade de verificar o telemóvel para ver se alguma coisa aconteceu, que constitui uma preocupação um pouco menor para a média dos internautas europeus (50% afirmam fazê-lo “muitas ou algumas vezes”).

Figura 16: Uso excessivo de *smartphone* entre crianças (%)

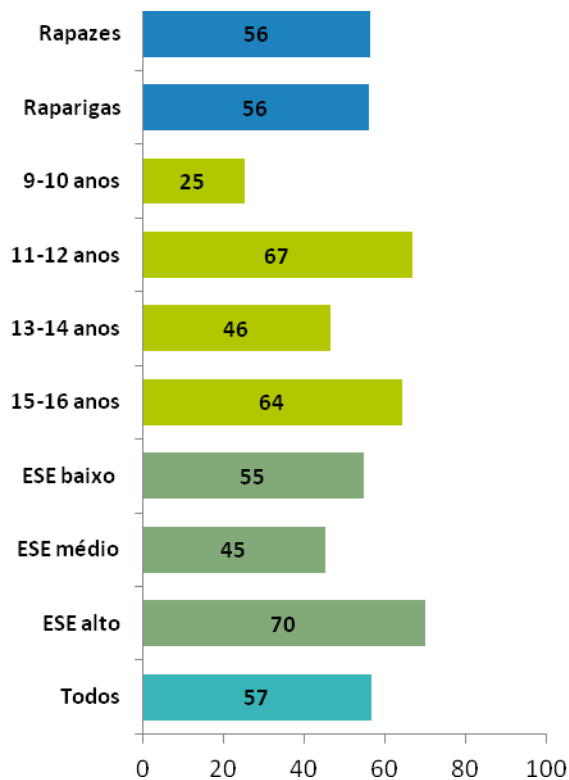


Q49: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, com que frequência é que estas coisas aconteceram contigo?

Base: Todas as crianças que possuem *smartphone* ou têm um para uso pessoal.

- Na Figura 17, podemos observar a variação por características demográficas dos internautas que mencionaram uma ou mais forma de uso excessivo de *smartphone*. As diferenças etárias são acentuadas, embora apresentem um padrão pouco linear: há um evidente aumento do uso excessivo no início da adolescência, decrescendo no grupo intermédio, para voltar a subir nos adolescentes mais velhos. A diferenciação por género não se faz notar, ao contrário da variação socioeconómica que se revela, novamente, significativa e em linha com o uso excessivo da internet: são as crianças e adolescentes provenientes de famílias com ESE elevado a revelar mais propensão para a utilização excessiva.
- Comparando estes dados com o resto dos países do estudo, constatamos que as crianças e adolescentes portugueses apresentam um valor de uso excessivo do *smartphone* (57%) que é superior à média europeia (48%). Há também aqui uma variação significativa entre os países, com o Reino Unido no topo (65%) e a Roménia a registar o valor mais baixo (38%).

Figura 17: Crianças que experienciaram uma ou mais formas de uso excessivo do *smartphone* muitas ou algumas vezes, por gênero, idade e ESE (%)



Q49: Nos ÚLTIMOS 12 MESES, com que frequência é que estas coisas aconteceram contigo? O gráfico mostra crianças que responderam “muitas vezes” ou “algumas vezes” às anteriores afirmações.

Base: Todas as crianças que possuem *smartphone* ou têm um para uso pessoal.

8. Mediação

As experiências de crianças e jovens na internet são sempre contextualizadas no cruzamento das esferas sociocultural, tecnológica, política e económica. A família, as culturas de pares e o contexto escolar são fontes influentes de mediação do uso da internet e a sua relevância tem vindo a ser largamente reconhecida nos debates sobre políticas que tratam desse assunto.

Os **pais** têm sido valorizados pelo seu papel na regulação de benefícios e de riscos da internet para os filhos, destacando-se as intervenções parentais que promovem a capacitação e a autorregulação dos mais novos.³⁰ Há também quem destaque a importância positiva da **cultura de pares** na socialização das crianças.³¹

Os **professores** também desempenham um papel de destaque na mediação da segurança das crianças. As escolas são locais estratégicos na educação para a segurança digital,³² como veremos na secção seguinte. São também destacadas por poderem compensar o baixo nível de literacia digital dos pais em países onde persistem desigualdades no acesso dos adultos à internet.

O projeto *EU Kids Online* propôs e avaliou cinco tipos de mediação parental:³³

- 1) **Mediação ativa do uso da internet:** quando os pais se envolvem em atividades como conversar com os filhos sobre os conteúdos da internet quando a criança a está a usar e partilharem a experiência *online* da criança ficando por perto.
- 2) **Mediação ativa da segurança da internet:** quando os pais promovem usos mais seguros e responsáveis da internet.
- 3) **Mediação restritiva:** através de regras que limitam e regulam o tempo, o local de uso e as atividades *online*.
- 4) **Restrições técnicas:** o uso de *software* e de

meios técnicos que filtram, restringem e monitorizam as atividades das crianças.

- 5) **Monitorização:** a verificação dos registos das atividades na internet.

Os resultados do inquérito *EU Kids Online* mostraram que as estratégias restritivas são as que mais protegem as crianças dos danos; contudo, essas estratégias limitam as oportunidades e o desenvolvimento de destrezas no uso da internet. Das restantes, apenas a mediação ativa do uso da internet abre uma via para maximizar as oportunidades e minimizar os riscos.³⁴ A eficácia destas estratégias está a alterar-se com a transição do computador para o *smartphone* e outros meios móveis de acesso à internet, criando novos desafios para os pais. Em 2010, Portugal caracterizava-se por liderar tanto nos valores da mediação ativa da internet como nos valores da mediação restritiva, segundo as respostas dos filhos. Em 2014, como estão os pais portugueses a gerir esta transição, também segundo as respostas dos filhos?

Quadro 27: Mediação ativa dos pais sobre o uso da internet pelos filhos, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
%...					
Fala contigo sobre o que fazes na internet	75	72	71	73	73
Encoraja-te a explorar e a aprender coisas na internet por ti próprio/a.	57	39	43	40	45
Fica por perto quando usas a internet	55	70	39	52	53
Senta-se ao teu lado quando usas internet, sem interferir	68	64	46	54	58
Faz atividades em conjunto contigo na internet	54	55	36	33	43

Q53: Os teus pais, ou um deles, por vezes...

Base: Todas as crianças que usam a internet.

³⁰ Mascheroni *et al.* (2013).

³¹ Pasquier (2005).

³² O'Neill e Laouris (2013)

³³ Livingstone *et al.* (2011).

³⁴ Dürager e Livingstone (2012).

- Em 2014, Portugal surge de novo à frente nas referências a formas de mediação ativa (74%). Segue-se o Reino Unido (72%) e a Irlanda (71%), enquanto a Dinamarca regista o valor menor (61%).
- Segundo as crianças e jovens portugueses, conversar é, de longe, a principal forma de mediação ativa do uso da internet por parte dos pais, com pouca variação por idade e género. Perto de três em quatro respondentes (73%) apontam esta mediação. Este valor era de 83% em 2010.
- As mediações ativas menos reportadas dizem respeito ao incentivo a que os filhos explorem coisas na internet (45%) e a que pais e filhos façam coisas em conjunto (43%). Há diferenças por género entre os mais novos, com os rapazes a serem bastante mais incentivados a explorar coisas na internet do que as raparigas.
- O incentivo a explorar a internet baixou também relativamente aos valores de 2010, quando era de 56%. A realização de atividades em conjunto, entre pais e filhos, manteve a percentagem abaixo de metade.
- As raparigas adolescentes parecem ser mais alvo de atenção por parte dos pais, que se sentam ao lado ou ficam por perto quando elas estão na internet, relativamente aos rapazes da mesma idade.
- Cerca de três quartos dos respondentes (74%) referem que os seus pais realizam pelo menos duas destas práticas de mediação ativa. Este valor é o mais elevado entre os sete países do estudo *Net Children Go Mobile*.
- Uma análise por estatuto socioeconómico revela que nos lares de ESE baixo são 70% os internautas que referem duas destas formas de mediação ativa, para 84-85% nos níveis médio e elevado.
- Pelo menos duas atividades de mediação ativa para o uso seguro da internet foram referidos por 68% dos respondentes portugueses. Esse valor, igual ao da Roménia, é o mais baixo entre os sete países europeus. Recorde-se que Portugal e Roménia são os países onde menos

pais reportaram usar a internet ou possuir *tablets* ou *smartphones*.

Quadro 28: Mediação ativa dos pais sobre a segurança da criança na internet, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
%					
Sugeriu maneiras de usar a internet de forma segura	60	64	63	56	60
Ajudou-te quando alguma coisa estava a ser difícil de fazer ou de encontrar na internet	70	77	54	52	61
Explicou-te porque é que certos sites são bons ou maus.	68	70	64	56	64
Sugeriu formas de te comportares online com outras pessoas.	56	61	54	59	58
Falou contigo sobre o que fazer se alguma coisa te incomodar na internet	39	53	46	49	47
Ajudou-te quando alguma coisa te incomodou na internet	34	46	37	44	40

Q54: Os teus pais, ou pelo menos um deles, já fez contigo uma destas coisas...?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Como revela o Quadro 28, enquanto a ajuda parental para dificuldades na internet claramente diminui com a idade dos filhos, a orientação sobre formas de comportamento *online* regista um valor mais transversal. A intervenção parental em situações de incómodo é mais referida por raparigas do que por rapazes, em ambas as faixas etárias.
- Os valores por meio socioeconómico voltam a pautar diferenças: 63% de respondentes de famílias de baixo estatuto socioeconómico registam pelo menos duas formas desta mediação ativa, bastante menos do que os 86-85% encontrados nos outros níveis sociais.

Quadro 29: Mediação restritiva dos pais sobre os usos da internet pela criança, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
% NUNCA podem:					
Dar informação pessoal a outras pessoas, na internet	75	82	51	63	67
Registar a localização geográfica	80	96	57	54	69
Comprar aplicações	86	91	80	67	79
Ter um perfil numa rede social	28	49	3	5	19
Usar <i>instant messaging</i>	62	63	30	22	42
Carregar fotos, vídeos ou músicas para partilhar com outros	44	63	13	10	29
Descarregar músicas ou filmes da internet	22	31	5	3	14
Descarregar aplicações grátis	29	37	5	3	16
Ver vídeo <i>clips</i> na internet	11	16	3	4	8

Q55: Para cada uma destas coisas, diz-me se os teus pais costumam deixam fazer sempre que queres, só deixam fazer com a sua autorização ou NUNCA deixam fazer. As percentagens mostram os valores de crianças que NUNCA podem fazer a atividade.

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- A mediação restritiva dos usos da internet por parte dos pais portugueses surge mais uma vez em primeiro lugar (77%) no novo inquérito europeu de 2014, seguida da Bélgica (76%) e da Irlanda (75%). A Dinamarca regista, isoladamente, o valor mais baixo de mediação restritiva (23%). Nos restantes países do estudo, esse valor está sempre acima dos 60%.
- Para as crianças e jovens portugueses, as restrições parentais incidem, sobretudo, em compras *online* e no revelar de informação pessoal, incluindo localização.
- A mediação restritiva é inversamente proporcional à idade dos internautas portugueses, variando entre 96% entre crianças de 9-10 anos e 63% entre os 15-16 anos.
- As mediações restritivas são menos referidas em lares de estatuto socioeconómico baixo: 77%, para 85-87% nos outros dois.

Tal como em 2010, a mediação técnica é a menos referida nos lares portugueses. Segundo os respondentes, que podem não ter consciência desta mediação técnica, menos de um quarto dos pais (23%) recorrem a pelo menos duas destas ferramentas no computador que mais usam em casa. Esse valor é cerca de metade do registado no Reino Unido (45%) e na Irlanda (44%). A Roménia (8%) e a Dinamarca (12%) apresentam os valores mais baixos.

Quadro 30: Mediação técnica dos pais sobre o uso da internet por parte dos filhos, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
%...					
Software para evitar spam, mails indesejados e vírus	53	29	54	41	45
Ferramentas que bloqueiam ou filtram alguns tipos de sites	28	28	17	20	23
Ferramentas que permitem verificar os sites visitados	19	15	22	27	22

Q56: Tanto quanto sabes, os teus pais usam algumas destas coisas no computador que usas MAIS em casa?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- A mediação técnica está mais presente nos lares de estatuto socioeconómico elevado (50%) do que nos de nível médio (14%) ou baixo (20%). Referências a *software* para evitar vírus e *spam* estão mais presentes no caso dos rapazes do que das raparigas, em ambas as faixas etárias. Não há diferença por género no que se refere a ferramentas de bloqueio de acesso a *sites*, enquanto são as raparigas mais velhas quem mais refere a existência de ferramentas para verificar as visitas a *sites*.

Quadro 31: Mediação técnica do *smartphone* da criança, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Ferramentas que bloqueiam ou filtram alguns tipos de <i>sites</i>	0	21	11	16	13
Ferramentas que filtram as aplicações que a criança pode descarregar	0	33	16	18	17
Serviços ou contratos que limitam o tempo em que a criança está na internet	5	14	18	23	18
Software que limita as pessoas com quem a criança pode ter contacto	0	20	14	29	18

Q57: Tens alguma destas coisas instalada no teu *smartphone*?

Base: Todas as crianças que têm ou que podem usar um *smartphone*.

- As questões sobre mediação técnica incidiram também sobre os *smartphones*. Segundo os respondentes, esse controlo parental é menos usado nestes aparelhos do que nos computadores domésticos: apenas 15% das crianças e jovens os referiram.
- Cerca de um quarto dos internautas entre os 13-14 anos (24%) assinalou que os pais recorrem a pelo menos duas destas ferramentas. Nenhuma criança de 9-10 o referiu. As raparigas (18%) apontaram mais esta mediação do que os rapazes (12%), o que se pode relacionar com o seu maior uso destes aparelhos.
- Duas destas práticas, pelo menos, foram referidas por 15% e 17% nos meios de ESE elevado e baixo e não houve respostas em lares de ESE médio.
- Pode então verificar-se que entre as 24 práticas de mediação apresentadas nas quatro categorias (mediação ativa no uso da internet; mediação ativa no uso seguro da internet; mediação restritiva; e mediação técnica), nove foram reconhecidas por mais de metade dos internautas portugueses. A sua distribuição combina mediação ativa do uso da internet, mediação restritiva e mediação para o uso seguro da internet.

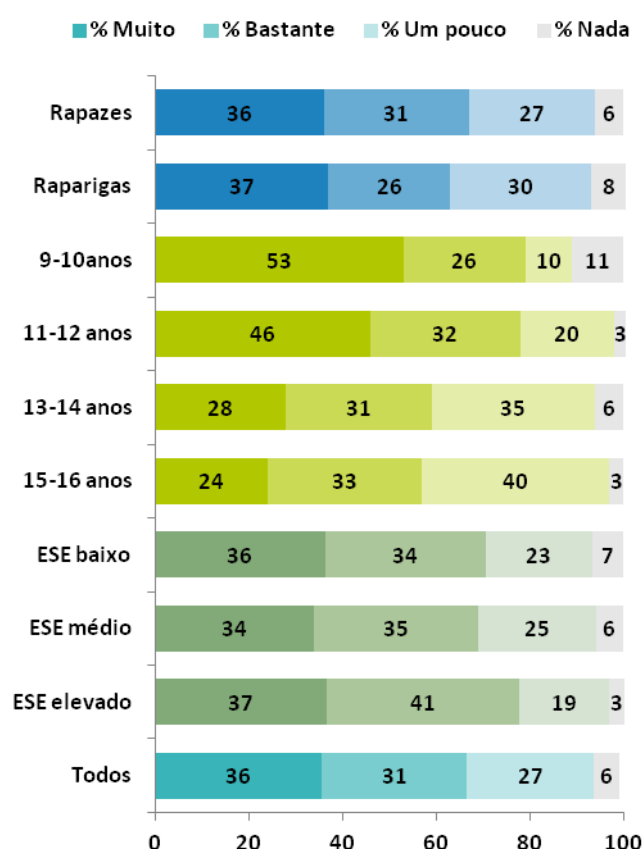
Quadro 32: Formas de mediação parental mais identificadas, por idade e sexo (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Todos
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Nunca te deixa comprar aplicações	86	91	80	67	79
Fala contigo sobre o que fazes na internet	75	72	71	73	73
Nunca te deixa registar a localização geográfica	80	96	57	54	69
Nunca te deixa dar informação pessoal a outras pessoas, na internet	75	82	51	63	67
Explicou-te porque é que certos <i>sites</i> são bons ou maus.	68	70	64	56	64
Ajudou-te quando alguma coisa estava a ser difícil de fazer ou de encontrar na internet	70	77	54	52	61
Sugeriu maneiras de usar a internet de forma segura	60	64	63	56	60
Sugeriu formas de te comportares <i>online</i> com outras pessoas.	56	61	54	59	58
Senta-se ao teu lado quando usas a internet	68	64	46	54	58

- A hierarquia das nove formas de mediação sugere proximidade entre elas e um acompanhamento parental de ajuda e proteção, sobretudo, entre os mais novos. Evidencia o peso de restrições relacionadas com compras *online* e com questões de segurança e de identidade; combina vigilância com orientação e aconselhamento social. Realça como se entrelaçam formas de mediação ativas com mediações restritivas e como esse conceito pode variar com a idade.
- A proximidade espacial dos pais quando se está a usar a internet é o único item que recolhe menos de metade das respostas entre rapazes adolescentes, o grupo que mais recurso faz do quarto como espaço para navegar. Já mais de metade das raparigas adolescentes refere que os pais se sentam ao lado durante a navegação, o que pode significar pouca atenção à sua privacidade, nesta idade.

- Sendo reconhecido pelas crianças e jovens portugueses que há uma mediação parental, sobretudo, de acompanhamento e de restrição, os dois pontos seguintes apresentam a sua perspetiva sobre os efeitos dessa intervenção. Quanto é que crianças e jovens pensam que os pais sabem sobre o que fazem na internet ou sobre os seus usos do telemóvel ou *smartphone*?

Figura 18: Quanto é que a criança pensa que os pais sabem sobre o que faz na internet, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q51: Quanto é que pensas que os teus pais sabem sobre o que fazes na internet? Sabem muito, bastante, pouco ou não sabem nada?

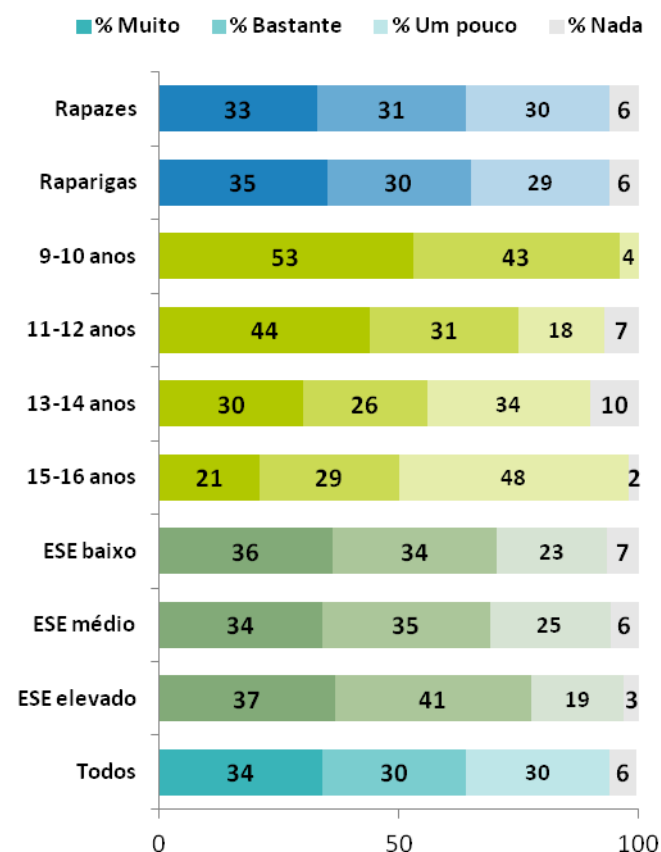
Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Cerca de dois terços das crianças e jovens portugueses (67%) pensam que os pais sabem muito ou bastante sobre o que eles fazem na internet. Como esperado, esse valor é mais elevado entre os mais novos, reduzindo-se com a idade, mas é ainda superior à metade entre adolescentes. A variação por género é reduzida, enquanto há variação por meio social: é nas famílias de estatuto

socioeconómico alto que mais respondentes (78%) referem esse conhecimento por parte dos pais.

- Apenas 6% dos internautas respondem que os seus pais não sabem *nada* sobre as suas atividades na internet. Curiosamente, esse valor é mais elevado entre os mais novos (11%).
- Estas respostas dos internautas portugueses sobre o conhecimento por parte dos pais sobre as atividades na internet colocam Portugal numa posição intermédia entre os países do estudo, com valores idênticos à Roménia. Os valores mais elevados no que se refere ao conhecimento dos pais provêm da Irlanda e da Itália, da ordem dos 80%, enquanto os mais baixos provêm da Dinamarca (58%).

Figura 19: Quanto é que a criança pensa que os seus pais sabem sobre o que faz no telemóvel ou *smartphone*, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q52: Q51: Quanto é que pensas que os teus pais sabem sobre o que fazes no teu telemóvel ou *smartphone*? Sabem muito, bastante, pouco ou não sabem nada?

Base: Todas as crianças que têm um telemóvel ou *smartphone* ou que o podem usar.

- Os valores sobre o que crianças e jovens portugueses pensam sobre o conhecimento dos pais relativamente aos usos que fazem do telemóvel e *smartphone* não diferem muito dos valores anteriores, sobre as atividades na internet.
- Não há quase diferença por género. Confirma-se também que é nos lares de estatuto socioeconómico elevado que é maior a ideia de que os pais conhecem muito ou bastante as práticas dos filhos. A redução do conhecimento por faixa etária vai-se acentuando até à entrada na adolescência. Curiosamente, e apesar de os valores serem relativamente baixos, é nas faixas etárias intermédias que mais internautas indicam que os pais não sabem *nada*: um em 10 entre os 13-14 anos.
- Com perto de dois terços (64%) dos internautas entre os 9 e os 16 anos a considerar que os seus pais sabem *muito* ou *bastante* sobre o que fazem com telemóveis ou smartphones, os valores portugueses são os mais baixos no conjunto dos sete países, a seguir à Dinamarca, onde apenas metade das crianças e jovens responde que os seus pais conhecem muito ou bastante as suas práticas nos telemóveis e *smartphones*. Estão perto dos da Roménia (67%), o país do estudo onde a posse de *smartphones* é mais baixa entre pais e entre filhos. Nos restantes quatro países, esse grau de conhecimento é referido por cerca de três quartos das crianças e jovens.

9. Internet móvel nas escolas

A escola desempenha um papel fundamental na vida dos jovens. Para além de ser um espaço de desenvolvimento de aprendizagens e de competências, é o local onde passam a maior parte do seu tempo e onde desenvolvem muitas das suas relações interpessoais mais significativas.

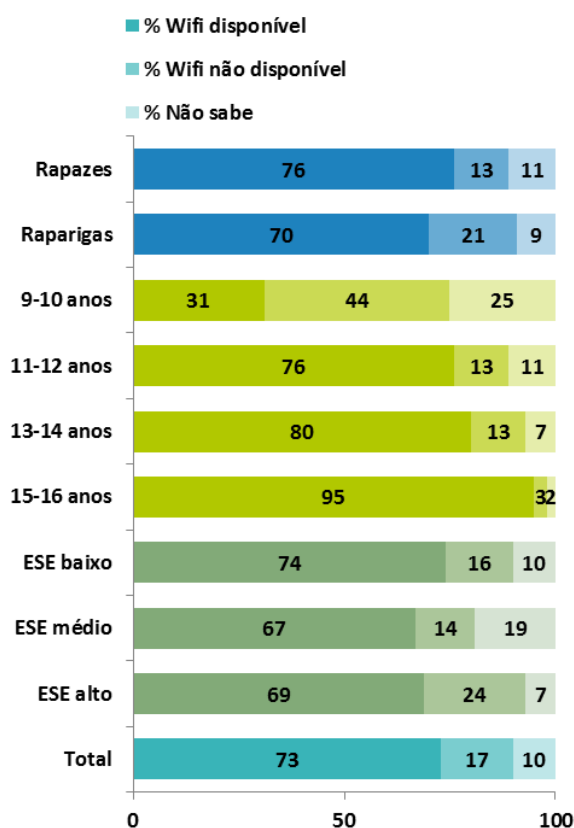
No discurso político é, muitas vezes, atribuída à educação um papel estratégico no desenvolvimento de competências de utilização em segurança da internet. As escolas conseguem chegar a todos os jovens e podem introduzir as questões de segurança na internet num contexto pedagógico que possibilite uma aprendizagem contínua e adequada ao seu nível etário e de competências. Assim, as escolas podem complementar a mediação dos pais/encarregados de educação e mesmo compensar as situações em que os pais/encarregados de educação não estão suficientemente informados ou não têm as competências necessárias.

Consequentemente, escolas e professores têm novos desafios numa época em que a internet está cada vez mais acessível em múltiplos suportes. É fundamental que os professores estejam preparados para enfrentar as responsabilidades do seu papel enquanto educadores numa época que se caracteriza pela facilidade de acesso móvel à internet com as oportunidades e riscos associados.

A fim de cumprir o seu papel e promover a literacia digital dos jovens, as escolas precisam não só de terem equipamentos e infraestruturas tecnológicas mas, essencialmente, de integrar as tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem. Além disso, a introdução de segurança na internet no currículo escolar deve ir além de recomendações sobre “o que não fazer” com base numa atitude essencialmente protetora e adotar uma postura potenciadora das oportunidades que existem na utilização da internet.

9.1 Utilização de *wifi* nas escolas

Figura 20: Disponibilidade de *wifi* na escola, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



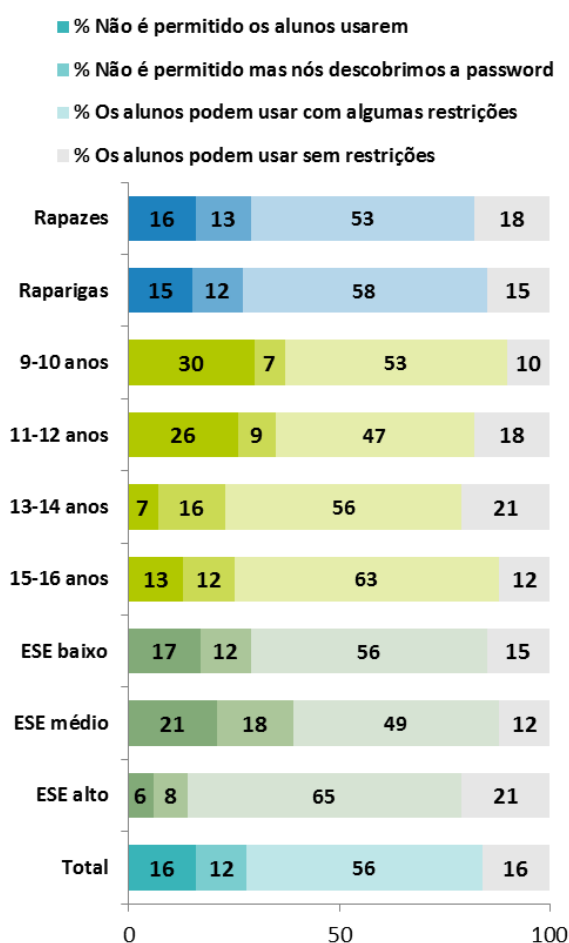
Q60: Na tua escola há *wifi*?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Perto de três quartos da totalidade das crianças e jovens que responderam ao questionário dizem ter *wifi* disponível na escola.
- No que se refere à faixa etária, existem diferenças assinaláveis com a quase totalidade dos que frequentam a escola secundária (15-16 anos) a ter *wifi* na escola enquanto só um terço dos que frequentam a escola primária (9-10 anos) está na mesma situação.
- Relativamente ao sexo e ao estatuto socioeconómico não se verificam diferenças assinaláveis.
- Com 73% de respostas afirmativas, Portugal está entre os três países do estudo com maior percentagem de *wifi* disponível nas escolas, a seguir à Dinamarca (85%) e à Irlanda (76%). A média dos países europeus é de 63%.

Este posicionamento de Portugal relativamente a outros países europeus está relacionado com a implementação do Plano Tecnológico da Educação, em vigor de 2007 a 2011. Este plano teve um impacto significativo nas escolas, tanto no aumento do parque informático, como na redução de número de alunos por computador com ligação à internet (14 alunos/ computador em 2005/2006 e 2,2 alunos/computador em 2010/2011).³⁵ Estatísticas de educação revelam que após 2011 se verificou algum retrocesso nestes indicadores.

Figura 21: Acessibilidade de *wifi* para os alunos nas escolas onde está disponível, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q60: Na tua escolar há *wifi*? Se há é permitido aos alunos usarem?

Base: Todas as crianças que têm *wifi* disponível na escola.

- Dos três quartos de jovens portugueses que dizem ter *wifi* disponível na escola, só 16%

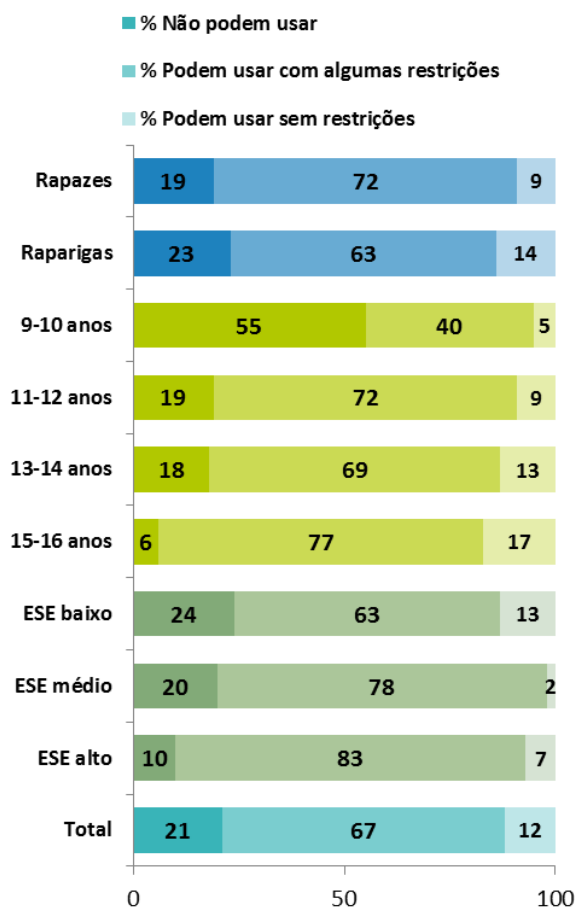
podem utilizar sem restrições; mais de 50% dizem poder utilizar, mas com algumas restrições.

- Muito poucos jovens (12%) dizem ter utilizado o *wifi* da escola através de acesso não autorizado após terem descoberto a *password* (são os jovens de 13-14 anos que reportam mais este tipo de comportamento).
- É interessante verificar que também é nesta faixa etária dos 13-14 anos que mais jovens referem ter acesso sem restrições ao *wifi* da escola.
- A não permissão de utilização é mais frequente nas faixas etárias mais baixas (30% nos 9-10 anos e 26% nos 11-12 anos).
- Relativamente ao estatuto socioeconómico é no nível mais alto que os jovens têm mais acesso ao *wifi* da escola (65% têm acesso com algumas restrições e 21% sem qualquer restrição).
- Portugal tem a segunda menor percentagem de situações em que os jovens em escolas com *wifi* referem não estar autorizados a utilizar esse acesso (16%), a seguir à Dinamarca, onde o acesso interdito é referido por 5%. Os valores mais elevados são de 59% e 52% de interdições na Itália e na Bélgica, respetivamente, seguindo-se a Irlanda e a Roménia, ambas com 45%. O Reino Unido apresenta um valor de 34% no acesso não permitido.
- No reverso, relativamente ao acesso sem restrições ao *wifi* da escola, Portugal vem de novo em segundo lugar, igualmente com 16%; na Dinamarca, que lidera, esse valor sobe para 56%. A referência ao acesso sem restrições é praticamente nula na Irlanda e no Reino Unido.
- O acesso com algumas restrições é referido por mais de metade dos internautas de Portugal (56%) e do Reino Unido (58%).

³⁵ <http://www.dgeec.mec.pt/np4/100/>

9.2 Regras sobre uso de *smartphones* na escola

Figura 22: Regras sobre uso de *smartphones* na escola, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q61: Os alunos podem usar os *smartphones* quando estão na escola?

Base: Todas as crianças que usam a internet.

- Cerca de um quinto dos internautas (21%) responde que o uso de *smartphones* não é permitido na escola, 67% afirmam poder utilizar com algumas restrições e só 12% afirma poder utilizar sem qualquer restrição.
- A interdição é de 55% na faixa etária dos 9-10 anos e de 6% entre os 15-16 anos). No reverso, a utilização sem qualquer restrição é mais frequente nos jovens de 15-16 anos (17%) em contraste com as crianças de 9-10 anos em que só 5% referem ter esta possibilidade. A natureza do estabelecimento de ensino (1º ciclo do ensino básico, ensino secundário)

parece, assim, influir nestas regras.

- A utilização, mesmo com algumas restrições, é superior no estatuto socioeconómico mais elevado (83%). Apenas um em dez internautas refere essa interdição, um valor que duplica nos níveis socioeconómicos médio e baixo.
- Para além do acesso via *wifi* nas escolas, também a existência ou não de regras de uso de *smartphones* apresenta elevados valores de diferença nas práticas entre, por um lado, a Dinamarca, e, por outro, a maioria dos países do estudo. Portugal ocupa de novo uma posição intermédia que o situa mais próximo da Dinamarca do que dos restantes países.
- Comparativamente com a média dos países europeus do estudo, Portugal tem resultados diferenciados. Enquanto 54% dos jovens ao nível europeu afirmam que as regras da escola não permitem utilizar *smartphones* na escola, em Portugal só 21% dos jovens reporta esta situação, um valor que vem logo a seguir ao da Dinamarca (18%). As percentagens mais elevadas de interdição provêm da Irlanda (87%), Itália (74%) e Bélgica (70%).
- No reverso, temos a Dinamarca com 70% dos jovens a declararem que se pode utilizar os *smartphones* na escola sem qualquer restrição. Este país destaca-se claramente de todos os outros. Portugal ocupa mais uma vez o segundo lugar com 12% dos jovens a referir essa possibilidade.

9.3 Mediação dos professores e oportunidades de aprendizagem

Quadro 33: Mediação ativa dos professores do uso da internet, por sexo e idade (%)

	9-12 anos		13-16 anos		Total
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	
Falaram contigo sobre o que fazes na internet	61	41	51	58	54
Ajudaram-te quando tiveste alguma dificuldade em fazer ou encontrar uma coisa na internet	55	49	54	71	59
Explicaram-te porque é que alguns sites são bons e outros são maus	53	55	61	72	61
Sugeriram maneiras de utilizar a internet de forma segura	45	47	68	71	59
Sugeriram maneiras de te relacionares com outras pessoas na internet	39	42	54	58	49
Estabeleceram regras sobre o que podes fazer na internet na escola	45	47	67	66	57
Já te ajudaram quando alguma coisa te incomodou na internet	18	24	20	34	25
Em geral, falaram contigo sobre o que deverias fazer se alguma coisa na internet alguma vez te incomodasse	29	28	38	44	36

Q59: Alguma vez os teus professores na escola fizeram alguma destas coisas?

Base: Todas as crianças que utilizam a internet.

- Cerca de seis em 10 jovens afirmam que os professores explicaram porque alguns sites são bons e outros são maus (61%) e ajudaram quando tiveram alguma dificuldade em fazer ou encontrar uma coisa na internet ou sugeriram modos de usar a internet de forma segura (59%). Mais de metade refere que os professores estabeleceram regras sobre o que se pode fazer na internet na escola (57%) e falaram com eles sobre o que fazem na internet (54%), enquanto metade mencionou aconselhamento sobre formas de relacionamento com outras pessoas. Os valores mais baixos estão relacionados a

situações causadoras de incómodo ou dano. Pouco mais de um terço (36%) declara que os professores aconselharam sobre o que fazer numa possível situação de incómodo e apenas uma em quatro respostas refere a ajuda do professor quando algo realmente o incomodou.

- Alguns comportamentos de mediação por parte dos professores são mais frequentes na faixa etária dos 13-16 anos do que entre os mais novos. Por exemplo, explicar porque alguns sites são bons e outros são maus, sugerir maneiras de utilizar a internet de forma segura e estabelecer regras sobre o que podem fazer na internet na escola.
- Também podemos verificar que é na faixa etária dos 13-16 anos que existem diferenças maiores entre raparigas e rapazes, com as raparigas a reportarem mais comportamentos de mediação por parte dos professores.

Quadro 34: Utilização de internet e smartphones na escola (%)

	Várias vezes por dia	Todos ou quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Nunca ou quase nunca
Usar a internet para fazer pesquisa para trabalhos da escola	2	24	47	27
Colaborar com outros alunos através da internet	1	18	25	56
Usar smartphones para trabalhos na sala de aula	2	2	5	91

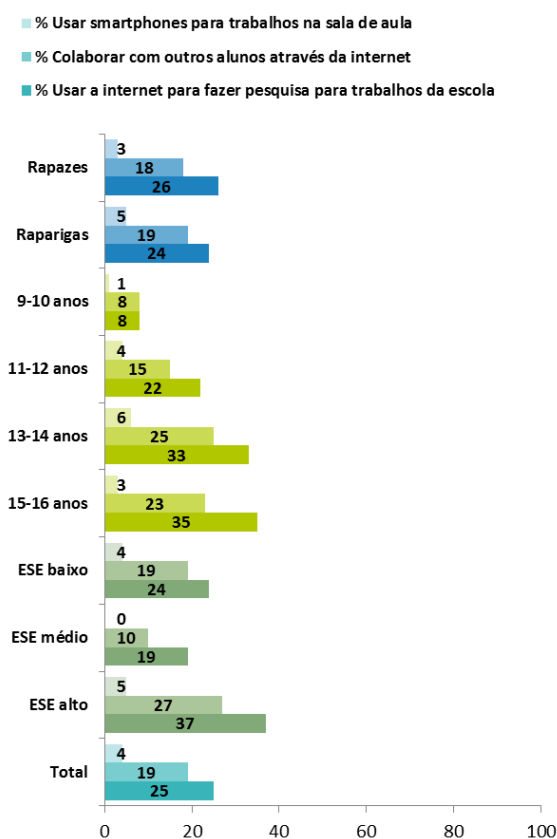
Q62: Pensando na tua escola, com que frequência os professores querem que faças as seguintes coisas?

Base: Todas as crianças que utilizam a internet.

- A utilização de internet e de smartphones para a realização de tarefas escolares promovidas pelos professores está presente nas escolas portuguesas, mas com diferenças acentuadas em função da atividade solicitada e da tecnologia.
- A realização de pesquisas para trabalhos da escola usando a internet é a atividade mais frequente: 73% refere fazê-lo pelo menos uma vez por semana.

- A colaboração com outros alunos através da internet também é incentivada pelos professores embora com valores mais moderados: 44% menciona fazê-lo pelo menos uma vez por semana). Portugal apresenta resultados superiores à média dos países europeus, que é de 37% nesta mesma categoria.
- A utilização dos *smartphones* para trabalhos na sala de aula é uma situação rara nas escolas portuguesas: 91% dizem que nunca ou quase nunca isso aconteceu.

Figura 23: Alunos que usam a internet ou *smartphones* diariamente na escola, por sexo, idade e estatuto socioeconómico (ESE) (%)



Q62: Pensando na tua escola, com que frequência os professores querem que faças as seguintes coisas?

Base: Todas as crianças que utilizam a internet.

- A utilização de internet e de *smartphones* na escola para a realização de tarefas escolares promovidas pelos professores é mais frequente no 3º ciclo e ensino secundário do que no 1º e 2º ciclo e nos jovens de estatuto socioeconómico mais elevado.

- Entre os sete países do estudo, Portugal ocupa a quarta posição na frequência do uso diário da internet para trabalhos na escola (25%). Esse valor é mais elevado no Reino Unido (40%), na Dinamarca (34%) e na Roménia (27%). Curiosamente, o país apresenta um dos valores mais elevados (19%, logo atrás da Roménia) no que se refere à colaboração diária com colegas da escola através da internet. Este valor é de apenas 8% na Dinamarca, o país que lidera nos acessos e usos.
- O uso diário de *smartphones* para trabalhos em sala de aula é referido por 13% dos internautas da Dinamarca, seguindo-se a Roménia (9%) e a Itália (6%). Portugal está ao lado da Bélgica e do Reino Unido, com 4% de referências no uso diário destes meios.

10. Conclusões

Chegados ao final deste relatório, importa fazer um breve balanço dos dados aqui apresentados. Uma das questões de fundo, subjacente à própria designação do projeto, prende-se com o que se terá alterado ou o que haverá de específico na utilização da internet através de meios móveis por crianças e adolescentes. Será que o uso de equipamentos móveis para aceder à internet coloca mais ou menos riscos às crianças portuguesas? O que se alterou nas condições de acesso? Que usos *online* predominam? Que práticas de comunicação são desenvolvidas com os pares? Como se caracteriza a mediação de pais? Que desafios se colocam à escola e aos professores?

Estas são algumas das questões que o presente relatório ajuda a responder, apontando pistas de reflexão que merecem ser exploradas igualmente em análises futuras.

Acesso e uso

Os resultados portugueses sobre meios móveis que permitem acesso à internet evidenciaram que os computadores portáteis, na posse individual de crianças e jovens, continuam a ser o principal meio de acesso diário. Estes dados evidenciam a importância do contexto nacional, diferente de outros países deste estudo, como a Dinamarca ou o Reino Unido. Em Portugal, a entrada no uso da internet por crianças fez-se mais tarde e muito mais através dos portáteis individuais do que através de computadores de mesa, pessoais ou familiares.

Cresceu o acesso à internet no lar, relativamente a outros espaços. Nesse acesso, aumentou a referência a outros espaços, fora do quarto, o que sugere um maior número de lares com acesso por banda larga e uma maior mobilidade no uso de aparelhos que, como os telemóveis e os *smartphones*, se caracterizam por pequenos ecrãs que favorecem um uso mais privado do que os computadores.

Fora de casa, o acesso em movimento continua pouco expressivo, embora tenha duplicado.

No movimento inverso, o uso da internet em

contexto escolar desceu relativamente a 2010, o que interpela a escola enquanto ambiente equalizador das oportunidades de aprendizagem digital. Também perderam importância outros locais de acesso como casas de amigos, de familiares ou bibliotecas públicas.

Estes cenários acentuam um acesso mais privado e individualizado, com possíveis consequências nos usos e nas aprendizagens de competências.

Apenas pouco mais de um terço dos internautas portugueses referiu ter um *smartphone* seu ou que pudesse usar, sendo esse um dos valores mais baixos entre os sete países deste estudo. Os telemóveis que permitem algum acesso à internet predominavam sobre os novos aparelhos. A conexão à internet mais referida é o acesso por *wifi* gratuito, apontada quase por metade. Por sua vez, quase um terço dos que possuem telemóvel ou *smartphone* não tem plena ligação à internet nesses aparelhos, fazendo deles essencialmente meios de comunicação entre pares.

A possibilidade de aceder “em qualquer lado, a qualquer momento” ainda não corresponde à experiência vivida pela maioria das crianças e jovens portugueses no que se refere a espaços. Esta situação impõe uma leitura cuidada dos resultados seguintes, sobre atividades, competências, riscos e mediações no que se refere a meios móveis como *tablets* e *smartphones*, que estão ainda na posse de um número minoritário de internautas.

Há diferenças nos meios de acesso não só marcadas pela idade, mas também pelo género e pelo estatuto socioeconómico das famílias. As raparigas referem mais a posse de *smartphones* e o acesso à internet fora de casa, nomeadamente na escola e em movimento. Enquanto em 2010 o acesso a computadores portáteis pessoais cruzava os lares de diferentes meios sociais (com ligeira vantagem mesmo dos lares de ESE baixo), em 2014, crianças e jovens de famílias de estatuto socioeconómico baixo dispõem de menos meios de acesso móvel e registam mais constrangimentos nas formas de conexão.

A idade do primeiro acesso à internet revela que, como noutros países, também em Portugal as crianças mais novas começam a explorar mais

meios digitais móveis, incluindo os *tablets*.

Os valores de acesso à internet continuam a pautar diferenças geracionais em Portugal, com os filhos a aceder mais do que os progenitores. O uso da internet por parte destes últimos, que subiu 8 pontos percentuais nestes quatro anos, continua marcado por diferenças socioeconómicas e de género.

Por fim, um indicador demográfico. A comparação da amostra representativa nacional com a de 2010 aponta para um valor muito superior de lares considerados de estatuto socioeconómico baixo: são quase dois terços em 2014, quando eram 56% em 2010. Apesar das reservas quanto a este indicador, que resulta da combinação entre o grau de instrução mais elevado do pai ou da mãe e a atividade profissional, não podemos deixar de ter presente o que marcou estes últimos quatro anos, de constrangimentos económicos e dificuldades para muitas famílias, que experienciaram o desemprego (11% de referências na caracterização dos lares portugueses neste inquérito).

Os dados revelados quanto à posse de *smartphones* e de *tablets* e no acesso à internet acentuam diferenças entre os lares de estatuto socioeconómico baixo e os restantes. O acesso digital continua a estar desigualmente distribuído em Portugal.

Atividades realizadas com meios digitais móveis

A comparação nas atividades realizadas entre quem dispõe de acesso a meios móveis, como *tablets* e *smartphones*, e quem não dispõe revela diferenças na maior exploração de atividades lúdicas e de entretenimento, e desde mais cedo, por parte de quem tem esses meios. Essa diferença por idade é particularmente acentuada no uso dos *tablets*.

Para além de atividades relacionadas com comunicação e entretenimento, a pesquisa de informação para satisfazer curiosidade pessoal regista valores também bastante mais elevados entre quem tem acesso à internet através de *smartphones* ou *tablets*. A posse de *smartphones* não parece influenciar o uso da internet para trabalhos de casa, mas o mesmo não se passa com *tablets*, cujos ecrãs se aproximam mais das dimensões dos portáteis.

A comparação das atividades mais referidas por crianças e jovens, entre 2010 e 2014, regista uma clara subida da presença nas redes sociais, em particular o Facebook que se tornou a rede referida por quase todas as crianças e jovens que delas fazem uso. Essa presença no Facebook acentua-se a partir dos 11-12 anos, abaixo dos limites de idade mínima estabelecidos pelo *site* (13 anos), como se crianças e pais portugueses tivessem construído o consenso de que a mudança de ciclo escolar (e consequente mudança dos círculos de colegas) justifica a entrada na rede “onde estão todos”.

Embora o número de contactos tenha crescido também em relação a 2010, predomina alguma reserva na aceitação de “pedidos de amizade”: um terço só aceita quem conhece bem fora da internet, um valor que se distingue entre os países do estudo.

Apesar da forte penetração das redes sociais digitais nas relações de comunicação com pares, a maioria das crianças e jovens portugueses, como os seus congéneres europeus, continua a preferir outras formas de comunicação (nomeadamente face a face) com os amigos.

Por fim, e em aparente contraciclo com uma maior oferta digital, nos aparelhos e nos conteúdos, a sua apreciação sobre as “coisas positivas” na internet apresenta valores mais baixos do que há quatro anos.

Competências digitais

Neste inquérito, como no anterior, as competências digitais foram medidas através da forma como as próprias crianças as reportaram, tendo por base uma lista de itens específicos. Este método, ainda que sendo indireto, permite apreciar diferenças importantes entre níveis de utilização dos meios digitais.

Ao contrário do que poderíamos supor tomando como referência o mito dos “nativos digitais” que atribui às jovens gerações elevados níveis de literacia digital e uma capacidade “natural” para aprender a utilizar as novas tecnologias, ressalta deste estudo, em linha com resultados anteriores, que crianças e jovens estão longe de possuir competências digitais plenas.

Esta constatação decorre da análise aos vários

indicadores de competências autoatribuídas, que permitiram examinar diferentes dimensões relevantes, de conhecimentos gerais relativos a usos básicos até competências específicas relacionadas com segurança na internet ou competências avançadas na área da produção de conteúdos gerados pelo utilizador.

Tendo em conta o contexto geracional português no que se refere ao uso da internet, não admira que, quando questionados sobre se sabem mais da internet do que os seus pais, a grande maioria não hesita a responder afirmativamente. Este valor ascende à quase totalidade quando o conhecimento se centra no uso de *smartphones*.

Existem, todavia, diferenças importantes que sugerem atenção às dinâmicas de mudança geracional nas famílias: os internautas mais jovens consideram que os seus pais sabem mais sobre como usar a internet. Por género, as raparigas parecem conquistar mais cedo um sentido de autoconfiança e de autonomia relativamente ao saber dos pais. As diferenças socioeconómicas parecem igualmente relevantes: é sobretudo entre crianças e jovens de ESE baixo que o reconhecimento de possuírem um conhecimento superior ao dos pais se faz notar, remetendo-nos para o efeito de recursos familiares diferenciados na utilização da tecnologia.

Seja como for, estes dados sugerem a importância de se pensar no papel dos pais na aquisição de competências por parte dos filhos, ou vice-versa, se pensarmos num processo de retrossocialização com repercussões ao nível da mediação das atividades *online*.

Embora as competências declaradas variem de acordo com o tipo específico de competência questionado, os anteriores padrões de diferenciação tendem a afirmar-se de forma consistente, sugerindo a importância de se dedicar uma atenção especial aos mais novos, às raparigas e às crianças e jovens de meios socioeconómicos mais desfavorecidos na adoção de medidas direcionadas para o ensino e a aprendizagem de competências digitais associadas à internet e aos meios digitais móveis.

Em todo o caso, ressalta da comparação destes resultados com outros seis países europeus que as crianças e os adolescentes portugueses são quem declara possuir um maior número médio de

competências no uso da internet. Este resultado, que não deixa de ser surpreendente tendo em conta o contexto familiar de relativamente baixo uso da internet, suscita o interesse em procurar conhecer melhor as práticas digitais dos internautas portugueses, o que *fazem realmente*, em contexto, por comparação com o que dizem saber fazer.

No caso das competências específicas para *smartphones*, os valores apresentam-se em termos gerais um pouco superiores aos da internet. As competências básicas de utilização, associadas à captura de redes e à partilha de imagens e sons, parecem ser detidas pela quase totalidade, num processo de aprendizagem informal que importa também conhecer melhor. Em todo o caso, apenas pouco mais de metade afirma dominar competências técnicas mais avançadas. Mais uma vez, estas competências variam de modo significativo segundo a idade e o género, com implicações idênticas às notadas anteriormente.

Riscos e dano

Um dos pressupostos do quadro teórico adotado pelo presente projeto é o de que *riscos* e *oportunidades* se encontram associados, sendo, em certo sentido, duas faces da mesma moeda. Na verdade, para obter oportunidades é necessário correr riscos, algo que o aforismo “quem não arrisca não petisca” capta na perfeição.

Porém, as implicações dessa frase simples são mais amplas e colocam-nos perante uma das hipóteses centrais da pesquisa sobre crianças e internet, a que dados recentes têm dado suporte: *mais oportunidades (de acesso e uso) encontram-se associadas a mais riscos*.

Tal afirmação deve, contudo, ser mitigada por uma distinção importante: *nem todas as experiências de risco conduzem inevitavelmente ao dano*. Os resultados deste inquérito confirmam essa asserção: para todos os riscos considerados, as vivências subjetivas associadas não envolveram necessariamente uma experiência danosa, isto é, algo que fizesse as crianças e adolescentes sentirem-se incomodados com o sucedido.

Em termos gerais a experiência de dano é baixa, apenas 10% das crianças e adolescentes referem ter-se sentido *incomodados, desconfortáveis ou*

chateados com alguma coisa na internet no último ano. Importa notar que esse valor é um pouco superior ao verificado em 2010 (7%) e que, ao contrário dos resultados desse ano, as experiências danosas foram agora mais referidas pelos mais velhos do que pelos mais novos. A variação socioeconómica continua a apontar maior ocorrência nas crianças e jovens oriundos de famílias de ESE baixo.

Considerando os dispositivos móveis, apenas os utilizadores de *smartphones* declaram sentir-se mais incomodados com alguma experiência *online* do que os não utilizadores destes dispositivos. Deste modo, apesar de a nova ecologia de acesso e uso da internet ter ainda uma expressão reduzida comparativamente com “meios clássicos”, como vimos, os utilizadores de *smartphones* reportam experiências ligeiramente superiores de dano, confirmando a sua relação com o maior uso.

Em termos de género, os rapazes enquadram-se na nessa tendência, mas nas raparigas as diferenças são impercetíveis. Na idade, são os mais velhos a reportar este tipo de experiências associadas a meios móveis, contra a sua ausência nos mais novos, em grande medida explicada pelas próprias restrições no acesso e uso.

Confirmando o que dissemos acima, verificamos, para cada tipo de risco considerado, que a experiência de dano é inferior à situação de risco reportada. Tendo presente a especificidade dos meios móveis, vejamos o caso de dois riscos onde os jovens internautas têm um papel ativo: o *bullying*, o risco que no inquérito de 2010 apresentava uma relação mais próxima entre exposição ao risco e existência de dano, e o *sexting*, a partilha de fotos de cariz sexual entre pares.

Comparando *bullying online* e *offline* em diferentes meios nota-se que os utilizadores de meios móveis reportam mais ter sido vítimas de *cyberbullying*, ao passo que os não utilizadores reportam mais ter sofrido *bullying* face a face. Enquanto perpetradores de práticas de *bullying*, não existe, contudo, distinção entre utilizadores e não utilizadores de meios móveis nas situações face a face, ao passo que nas situações *online* a incidência é maior entre os utilizadores destes meios (particularmente *smartphones*). Estes resultados sugerem que o meio potencia, pelo menos em

parte, ocasiões de *bullying*.

Como no risco anterior, as redes sociais, cujo acesso e uso disparou em 2014, destacam-se como o principal meio de acesso a mensagens de *sexting*. São igualmente os utilizadores de meios móveis a referir receber mais este tipo de mensagens, reforçando a ideia que o aumento das oportunidades de uso se encontra associado a um incremento de situações de risco.

A utilização dos meios móveis não parece ter intensificado de modo significativo a exposição a estas imagens de cariz sexual disponíveis na rede. Em todo o caso, os utilizadores de *smartphones*, quando comparados com os de *tablets*, revelam valores ligeiramente mais elevados no encontrar destas imagens.

Uso excessivo de meios móveis

Procurou-se olhar para esta questão tanto numa perspetiva “positiva”, propondo perguntas em torno das vantagens do uso, como “negativa”, colocando questões acerca da perceção dos principais danos decorrentes do uso excessivo.

A principal vantagem apontada pela maioria dos que possuem os novos aparelhos móveis prende-se com sentirem-se menos aborrecidos por poderem utilizar o *smartphone* e estar mais próximo dos amigos. A disponibilidade para estar em contacto com os amigos e a organização de atividades quotidianas são igualmente vantagens destacadas. Estes valores estão próximos da sensação de segurança proporcionada pela posse de um aparelho móvel.

No uso excessivo do *smartphone*, destacam-se valores superiores aos do uso excessivo da internet. De facto, os atributos individualizados e personalizados deste tipo de equipamentos, a que acresce a sua própria mobilidade, fazem deste equipamento uma espécie de “extensão” do próprio corpo, que pode ser facilmente guardada no bolso e transportada para qualquer lado.

Tal explica porque é que a maioria das crianças e adolescentes portugueses afirma sentir necessidade de verificar o telemóvel ou ficar aborrecida se não pode usar o *smartphone* porque está sem bateria ou sem rede. Cerca de um quarto afirma que dá por si a utilizar o telemóvel em situações/ locais onde o mesmo não é apropriado

ou sem estar realmente interessado, revelando a ubiquidade da utilização do telemóvel. A importância do telemóvel é igualmente confirmada por cerca de um quinto que afirma estar menos tempo do que devia com a família, os amigos ou a realizar tarefas escolares, revelando um aparente efeito de concorrência ao nível das atividades e formas de relacionamento.

As diferenças etárias são acentuadas, havendo um evidente aumento do uso excessivo no início da adolescência. A diferenciação por género não se faz notar, ao contrário da variação socioeconómica que se revela significativa. São as crianças e adolescentes provenientes de famílias com ESE alto a revelar propensão para a utilização excessiva, o que pode estar associado a maiores oportunidades de acesso e uso.

Comparando estes dados com os do resto dos países, constatamos que as crianças e adolescentes portugueses, que estão entre as que menos possuem estes aparelhos, apresentam um valor de uso excessivo de *smartphones* um pouco superior à média europeia.

Mediação parental

As práticas de mediação parental continuam a apresentar os padrões de há quatro anos: uma forte tendência para uma mediação ativa do uso da internet e para formas de mediação restritiva, com valores de topo entre os países do estudo, seguidas de mediação para usos seguros da internet. As formas de mediação técnica recolhem menor expressão.

A síntese das práticas de mediação que são referidas por mais de metade das crianças e jovens revela a combinação daquelas três categorias: fortíssimas restrições relativas a compras e à exposição de dados pessoais combinam-se com valores elevados de conversas sobre o que fazem na internet e de acompanhamento/controlado fisicamente próximo (sentar-se ao lado), mesmo entre adolescentes, nomeadamente raparigas. Assinalam-se também por parte dos pais, na perspetiva dos filhos, valores elevados de orientações para capacitação avaliativa da qualidade dos *sites* e superação de dificuldades técnicas e sociais que podem favorecer um uso mais seguro da rede. Desta combinação parece emergir uma cultura que combina elevada

proteção e restrição nos contactos, com proximidade e acompanhamento que podem tomar a forma de controlo e de vigilância, e menor margem de experimentação. Como noutros países do sul europeu, este padrão confirma a designação comum de “*protegidos por restrições*” (Helsper e outros, 2013).

Internet na escola

No conjunto dos resultados dos sete países europeus, Portugal parece beneficiar ainda do grande esforço do “choque tecnológico nas escolas” de há uns anos. Em termos de infraestruturas, está entre os países europeus com maior acesso à internet por *wifi* nas escolas. Quando fazemos referência aos usos desses meios pelos estudantes, só uma pequena percentagem dos inquiridos diz ter livre acesso ao *wifi*.

A utilização de *smartphones* nas escolas também é muita restrita em Portugal, o que não admira tendo em conta a sua baixa penetração, em geral, entre os mais novos. A utilização de *smartphones* para realizar tarefas escolares é quase inexistente. Os *tablets* estão praticamente ausentes das salas de aula.

Curiosamente, entre as práticas inquiridas sobre o uso da internet e de meios móveis nas escolas, Portugal destacou-se entre os países onde mais crianças e jovens referem o trabalho colaborativo proporcionado pelas redes digitais. É como se desse modo curto-circuitassem, com os seus próprios meios individuais, os constrangimentos institucionais que se fazem mais sentir em 2014 do que há quatro anos.

11.Recomendações

Acessos, usos, atividades

Como os resultados deste estudo confirmam, não se nasce digital. Apesar de cada vez mais crianças e jovens não terem memória de um “tempo sem internet”, tirar partido das suas oportunidades e navegar em segurança exige mais do que destreza e gosto por experimentar os limites da tecnologia. Os novos meios móveis, cada vez mais compactos, velozes, convergentes e individualizados, trazem consigo novos desafios. Crianças e jovens necessitam de orientações específicas, de regras adequadas às suas idades e compreendidas, de sentir o valor da confiança, da consideração e dos limites.

Apesar da intensificação do uso doméstico dos novos meios móveis, de um modo mais individualizado e privatizado, será importante proporcionar condições alternativas de acesso e de uso de meios digitais que abram outras perspetivas e proporcionem outras atividades na “escada de oportunidades”. Como a pesquisa qualitativa confirmou, os jovens gostam de estar juntos, de partilhar o que sabem, de discutir temas do seu interesse e de responder a desafios que os levem mais longe. Espaços informais, como bibliotecas, clubes juvenis e outros locais públicos de acesso gratuito, podem beneficiar de monitores que conheçam as culturas digitais e que sugiram temas e desafios que favoreçam a aquisição de competências e literacias, mediáticas e sociais, na rede.

A extensa posse de computadores portáteis por parte de adolescentes portugueses, de ambos os sexos, constitui uma mais-valia para complementar a menor visibilidade dos pequenos ecrãs. Muitas atividades de pesquisa de informação e de produção mais elaborada de conteúdos digitais beneficiam das suas características. Contudo, acentuaram-se as diferenças socioeconómicas na posse destes equipamentos, relativamente a 2010.

As famílias portuguesas com filhos entre os 9 e os 16 anos estão a usar mais a internet do que estavam as famílias de há quatro anos atrás, mas persistem diferenças entre pais e mães e por estatuto socioeconómico. Perto de um terço dos progenitores de internautas continua afastado da

internet, o que condiciona as formas de mediação dos usos que seus filhos fazem da rede. Por isso, continuam a ser necessárias políticas públicas e privadas que incentivem pais e mães a fazer usos da tecnologia, em programas de formação adequados aos seus interesses, e a conhecer aspetos positivos e negativos da utilização de meios móveis por parte das crianças e adolescentes. Políticas públicas de favorecimento dos direitos digitais dos mais novos não podem ignorar o fosso nas condições de acesso e de acompanhamento familiar.

Práticas de comunicação em redes

Em quatro anos, assistimos à afirmação da rede social Facebook, entre os mais novos, com larga expressão entre os menores de 13 anos, a idade mínima indicada pela empresa. Se as crianças mais novas revelam preocupações acima da média com quem adicionam na rede, não deixa de se notar que não dominam as definições de privacidade. Também a lógica de “autenticidade” da própria rede favorece uma maior exposição pessoal, com quatro em cinco internautas a colocarem fotos que claramente identificam o seu rosto e a apresentarem-se com o nome próprio e apelido, e mais de metade a indicar a sua escola. Essa lógica da rede é contrariada quando mais de dois terços dos internautas portugueses com menos de 13 anos que a usam declara mentir sobre a sua idade.

A presença massiva na rede Facebook foi potenciada pela sua aplicação nos dispositivos móveis, *smartphones* e *tablets*. Por isso, continuam a fazer sentido propostas como o direcionamento de medidas de proteção adequadas, a definição de perfil privado *by default* e mecanismos acessíveis e eficazes para reportar abuso. Para além da desejável responsabilização das indústrias na promoção de um ambiente de segurança, também as famílias têm um papel orientador na iniciação à socialização digital dos mais novos, com um monitoramento que permita à criança ir construindo o sentido dos seus direitos e deveres de expressão e de comunicação com outros.

Competências

Uma vez que apenas metade das crianças e jovens refere saber avaliar criticamente a informação de diferentes *sites*, torna-se necessário uma maior orientação para que desenvolvam métodos

eficazes de análise de conteúdos encontrados na net, como avaliação de fontes e cruzamento de dados.

A pesquisa indica que os rapazes tendem a referir que possuem mais competências do que as raparigas, incluindo dominar ações que visam a segurança *online*, como configurações de privacidade e controlo do histórico de visitas. Este resultado aponta o interesse de as raparigas merecerem particular atenção nas políticas de literacia digital, o que pode incluir ações específicas para elas ou maior incentivos à sua participação em atividades existentes.

Menos de metade do total dos inquiridos respondeu saber criar um blogue; entre os mais novos, outras competências de comunicação também estão abaixo desse valor. Estes valores sugerem que as crianças e jovens consomem mais do que produzem informação *online*. A escola deve aproveitar as ferramentas digitais para promover a criação de projetos que estimulem a criatividade, a comunicação e a aquisição de competências técnicas por rapazes e raparigas.

Riscos e dano

Não sendo possível eliminar completamente as experiências de risco online será, contudo, desejável minimizá-las potenciando oportunidades. Para pais, educadores, indústria e todos os que lidam diretamente com crianças e jovens colocam-se diferentes desafios.

A promoção da consciencialização sobre riscos online deve ser equilibrada e adaptada. As crianças e jovens preocupam-se com vários tipos de riscos. Esforços no sentido de gerir estes riscos e apoiar as crianças na forma como lidam com os mesmos, devem garantir um conhecimento amplo e atualizado acerca dos mesmos.

Promover a consciencialização sobre segurança e riscos online entre adolescentes (e os seus pais e professores) deverá ser prioritária, na medida que a experiência de risco (e o dano causado pelo mesmo) aumenta com a idade. Este facto é tanto mais relevante quanto a diversidade de riscos tem vindo a alterar-se, sobretudo com o acesso e utilização através de meios móveis. Ainda que de um modo geral a incidência de risco seja mais baixa entre as crianças mais novas, é importante

promover a consciencialização e práticas de segurança na internet entre os mais novos.

Uma vez que o **bullying** aumenta com a idade e apresenta valores um pouco mais elevados entre utilizadores de meios móveis, é necessário promover formas mais responsáveis e seguras de utilização destes meios. Deve ser estimulada a consciencialização sobre questões relacionadas com privacidade online, características das ferramentas para bloquear conteúdos indesejados ou para reportar situações danosas, funcionalidades que permitem conhecer a geolocalização, entre outros aspetos adaptados a conteúdos específicos.

Apesar de a preocupação pública com os **conteúdos de natureza sexual** (imagens e mensagens sexuais), importa ter em conta a idade, contrariando deste modo o pânico moral gerado à volta do assunto. No caso particular das imagens, embora a internet torne acessível este tipo de conteúdos a crianças e jovens, a regulação de meios de comunicação tradicionais (como a televisão) continua a ser importante, pois constituem a forma de acesso mais referida.

É importante distinguir entre conhecer novas pessoas *online* – o que é habitual – e encontrar-se offline com novas pessoas que se conheceram apenas na internet, o que é menos comum. É importante igualmente sublinhar que o encontro offline pode ser inofensivo ou não gerar qualquer dano. Contudo, tendo em conta que os pais geralmente desconhecem estas situações, deverá ser feito um esforço para consciencializar as crianças para este risco, sem gerar alarmismo ou impedir oportunidade de conhecer novos amigos e a possibilidade de diversão.

Dependência e uso excessivo

O facto de os dados revelarem alguma dependência relativamente à internet e particularmente aos meios móveis, leva a pensar na necessidade de ensinar crianças e jovens a lidar com a pressão social para estar sempre ligado e acessível. Deverá ser dito às crianças e jovens que é perfeitamente normal estar *offline* de vez em quando e aceitar que é normal não responder imediatamente às mensagens e às notificações recebidas. O ensino e implementação de técnicas de auto-monitorização podem ser úteis, o que

deve ser enquadrado numa estratégia mais vasta de organização das atividades quotidianas e, em particular, das que dizem respeito a atividades online e com meios móveis. Sugestões acerca de como auto-monitorizar o seu próprio comportamento e o apoio fornecido pelos restantes membros da família e os amigos, podem revelar-se particularmente útil nestas situações.

Mediação parental

Cerca de dois terços das crianças e jovens portugueses consideram que os seus pais sabem muito ou bastante sobre o que fazem na internet, no telemóvel ou no *smartphone*, sugerindo um acompanhamento familiar dessas atividades, embora muitos pais e mães sejam utilizadores pouco avançados das novas tecnologias. Em caso de problema, é às mães a quem mais recorrem, o que sugere apoio afetivo e confiança. Este resultado sugere a importância das famílias portuguesas como suporte e incita a que continuem a proporcionar um ambiente de proximidade e confiança.

Como noutros pais do sul europeu, os pais portugueses pensam mais nos riscos e possíveis danos que a internet, e em particular o *smartphone* que poucos usam e dominam, possam causar aos seus filhos, do que nas oportunidades e potencialidades pedagógicas e educativas das novas tecnologias. Resultados anteriores, agora confirmados, revelam como o protecionismo excessivo e limites aos usos podem impedir que se tirem partido de oportunidades e se ganhe resiliência. “Proteger por restrições” pode ser o reverso da capacitação para a autonomia e a responsabilidade pessoal como marcas do projeto educativo que os pais desejam para os seus filhos.

Há que ter em conta as variações de idade e as diferenças de género. As crianças mais novas procuram o apoio e a presença dos pais, gostam de fazer coisas com eles, de lhes mostrar as suas habilidades e de ouvir os seus conselhos, de ter regras claras. Por volta dos 11-12 anos, como vimos, é corrente algum desejo de ter o seu próprio mundo e de explorar um certo espaço pessoal, distinto e cúmplice com os “grandes amigos”. Na adolescência, a vontade de privacidade e de autonomia em relação aos pais vai-se intensificando, com os amigos como rede

social de identificação.

Pode ser relevante notar como rapazes e raparigas adolescentes exprimem diferenças no modo como são acompanhados pelos pais, com elas a sentirem-se mais vigiadas e controladas. Recordar a importância que tinha a privacidade do diário de adolescente e o quanto se desejava preservar do olhar do adulto pode ajudar pais e mães a entender que as mensagens registadas e trocadas nos meios móveis ocupam o mesmo significado, de construção de uma área de intimidade que importa respeitar. Como dantes, a atenção a estas diferenças por parte dos pais pode e deve juntar-se ao reconhecimento de que a confiança e o respeito mútuo é o cimento necessário que liga as relações pais-filhos.

Escola

A ubiquidade dos telemóveis e *smartphones*, as práticas digitais e o funcionamento em rede são características determinantes do quotidiano dos jovens que frequentam as nossas escolas. Em contextos informais de aprendizagem, os jovens utilizam os telemóveis e *smartphones* de forma intensiva e multifacetada, recorrendo a diferentes funcionalidades, gerindo diversos media e diferentes representações de informação, frequentemente de forma colaborativa. No entanto, a escola permanece como um dos últimos redutos na resistência à sua utilização. O potencial tecnológico, pedagógico e motivacional dos telemóveis e *smartphones* não é ainda utilizado plenamente na educação formal em Portugal.

As tecnologias móveis e sem fios, como os *smartphones* e *tablets*, podem transformar o conceito de aprendizagem ao mudarem o foco do conhecimento factual para o conhecimento de como pesquisar sobre alguma coisa. Para o aprendente do século XXI, as competências de literacia da informação podem ser mais vitais do que o conhecimento factual. As competências de que necessitamos atualmente estão relacionadas com o ser capaz de distinguir fontes de informação fidedignas das que não têm credibilidade, assim como saber filtrar, resumir e analisar criticamente diferentes fontes de informação. A literacia tecnológica é diferente de literacia digital. Não é suficiente saber utilizar o equipamento tecnológico, é fundamental ser capaz de utilizar de

forma racional a enorme quantidade e diversidade de informação e interações disponíveis nas redes digitais. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da literacia digital e da literacia móvel (competências de “etiqueta” móvel, bem como de gestão da ubiquidade e das potencialidades dos equipamentos digitais portáteis).

A utilização de tecnologias móveis e sem fios com acesso à internet, como *smartphones* e *tablets*, promove o desenvolvimento de competências de utilização de conteúdos digitais e de realização de tarefas colaborativas, vitais na sociedade atual que se caracteriza pela globalização e mediatização. No entanto, o sistema educativo ainda não oferece respostas adequadas aos desafios colocados pelas práticas digitais criativas e pelas competências de comunicação que têm sido desenvolvidas pelos jovens no seu quotidiano. Estas práticas permitem um grau de personalização muito maior do que as experiências de aprendizagem em contexto escolar.

Considerando que nem todos os jovens têm acesso a meios tecnológicos como *smartphones* ou *tablets*, a escola pode ser um local privilegiado de promoção da igualdade de oportunidades facilitando o acesso de todos os jovens a estes meios. Para tal as escolas teriam de estar equipadas com estas tecnologias, como já acontece com computadores e portáteis.

Para potenciar um papel mais ativo por parte dos professores na utilização da internet, de *smartphones* e de *tablets* nas atividades escolares, assim como em atividades de mediação, consideramos que se deve apoiar os professores que já têm estas práticas na sua atividade docente, promovendo a divulgação das suas atividades e motivando outros professores para estas práticas. Através da partilha de casos de boas práticas pode ser despertada a atenção de outros professores para as oportunidades de aprendizagem da utilização destas tecnologias nas atividades curriculares. Outro aspeto fundamental é promover ações de formação para professores sobre literacia digital. Considerando a rápida evolução das tecnologias e da internet, sabemos que muitos professores no ativo fizeram a sua formação inicial e parte da vida profissional sem acesso às TIC e à internet, pelo que apresentam dificuldades acrescidas nestas áreas.

Referências

- Barbovski, M., Marinescu, V., Velicu, A., & Laszlo, E. (2012). Meeting new contacts online. In S. Livingstone, L. Haddon, & A. Görzig (eds) *Children, risk and safety on the internet* (pp. 177-189). Bristol: Policy Press.
- Dürager, A. & Livingstone, S. (2012). *How can parents support children's internet safety?* London: EU Kids Online.
- Goggin, G., Hjorth, L. (2014). *The Routledge Companion to Mobile Media*. New York: Routledge.
- Haddon, L. (2004). *Information and communication technologies in everyday life*. Oxford: Berg.
- Helsper, E. & Eynon, R. (2010). Digital natives: where is the evidence? *British Educational Research Journal*, 36: 3, 503-520.
- Ito, M. et al. (2009). *Hanging out, messing around, and geeking out: Kids living and learning with new media*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Lenhart, A. (2009). *Teens and sexting: How and why minor teens are sending sexually suggestive nude or nearly nude images via text messaging*. Washington, DC: Pew Research Center. Retrieved from: <http://pewresearch.org/assets/pdf/teens-and-sexting.pdf>.
- Livingstone, S. (2009). *Children and the Internet: Great expectations, challenging realities*. Cambridge: Polity.
- Livingstone, S. & Helsper, E.J. (2007). Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, 9, 671-696.
- Livingstone, S., Hasebrink, U. & Görzig, A. (2012). Towards a general model of determinants of risks and safety. In S. Livingstone, L. Haddon, & A. Görzig (eds) *Children, risk and safety on the internet* (pp. 323-339). Bristol: Policy Press.
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full findings*. London: LSE, EU Kids Online.
- Livingstone, S., Ólafsson, K. & Staksrud, E. (2011). *Social networking, age and privacy*. EU Kids Online, London, UK.
- Mascheroni, G., Murru, M.F., Aristodemou, E., & Laouris, Y. (2013). Parents. Mediation, self-regulation and co-regulation. In B. O'Neill, E. Staksrud, & S. McLaughlin (eds) *Towards a better internet for children? Policy pillars, players and paradoxes* (pp. 211-225). Göteborg: Nordicom.
- Mascheroni, G. & Ólafsson, K. (2014). *Net Children Go Mobile. Risks and Opportunities*. Second edition Milano: Educatt.
- Ólafsson, K., Livingstone, S. & Haddon, L. (2013) *Children's use of online technologies in Europe : a review of the European evidence base*. London: EU Kids Online.
- O'Neill, B. & Laouris, Y. (2013). Teaching internet safety, promoting digital literacy. The dual role of educations and schools. In B. O'Neill, E. Staksrud, & S. McLaughlin (eds) *Towards a better internet for children? Policy pillars, players and paradoxes* (pp. 193-209). Göteborg: Nordicom.
- Pasquier, D. (2005). *Cultures Lycéennes: la tyrannie de la majorité*. Paris: Éditions Autrement.
- Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. A. e Cardoso, D. (2012), *Crianças e internet em Portugal*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., Blinka, L. & Ólafsson, K. (2012). *Excessive internet use among European children*. LSE, London: EU Kids Online <http://eprints.lse.ac.uk/47344/>
- Sonck, N., Kuiper, E., & de Haan, J. (2012). Digital skills in the context of media literacy. In S. Livingstone, L. Haddon, & A. Görzig (eds) *Children, risk and safety on the internet* (pp. 87-98). Bristol: Policy Press.
- Vandoninck, S., d'Haenens, L., & Roe, K. (2013). Online risks: Coping strategies of less resilient children and teenagers across Europe. *Journal of Children and Media*, 7(1), 60-78.
- Vincent, J. & Fortunati, L. (Eds.). (2009). *Electronic emotion: The mediation of emotion via information and communication technologies*. Oxford: Peter Lang.

The International Advisory Panel

Mizuko Ito

University of California, Irvine

Richard Ling

Nanyang Technological University, Singapore

Sonia Livingstone

The London School
of Economics and Political Science

Charo Sádaba

Universidad de Navarra

Cristiana De Paoli

Save the Children Italia



DISTRIBUTED UNDER
CREATIVE COMMONS LICENSE



**Net Children
Go Mobile**

Contacto:

Dr. José Simões
joseav.simoes@fcsb.unl.pt

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Av. de Berna, 26-C,
1069-061, Lisbon

Resultados nacionais, Novembro 2014
Projeto Net Children Go Mobile

FUNDED BY:



Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CO-FUNDED BY:



Safer Internet Programme
European Commission
(SI-2012-KEP-411201)



Net Children
Go Mobile

RELEASED ON NOVEMBER 2014